

# “O ADOLESCENTE MAIS VELHO DO BRASIL”:

Investigações sobre as representações de Dinho Ouro Preto associadas à juventude

OTÁVIO ZONATTO

Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal de Minas Gerais  
Belo Horizonte/2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Fafich  
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social

Otávio Zonatto

**“O ADOLESCENTE MAIS VELHO DO BRASIL”:**  
**Investigações sobre as representações de Dinho Ouro Preto associadas à juventude**

Belo Horizonte

2024

OTÁVIO ZONATTO

**“O ADOLESCENTE MAIS VELHO DO BRASIL”:  
Investigações sobre as representações de Dinho Ouro Preto associadas à juventude**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação Social

Área de concentração: Comunicação e Sociabilidade Contemporânea

Linha de Pesquisa: Processos comunicativos e práticas sociais

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vera Regina Veiga França

Belo Horizonte

2024

301.16	Zonatto, Otávio.
Z87a	“O adolescente mais velho do Brasil” [manuscrito] :
2024	investigações sobre as representações de Dinho Ouro Preto associadas à juventude / Otávio Zonatto. - 2024.
	156 f.
	Orientadora: Vera Regina Veiga França.
	Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1.Comunicação – Teses. 2. Preto, Dinho Ouro, 1964- 3.Celebridades - Teses. 4. Juventude – Teses. 5. Envelhecimento - Teses I. França, Vera Veiga, 1951-. II.Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III.Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**"O adolescente mais velho do Brasil": Investigações sobre as representações de Dinho Ouro Preto associadas à juventude."**

**Otavio Zonatto**

Dissertação aprovada pela banca examinadora constituída pelos Professores:

Profª Vera Regina Veiga França - Orientadora  
DCM/FAFICH/UFMG

Prof. Nísio Antônio Teixeira Ferreira  
DCM/FAFICH/UFMG

Profª Fernanda de Faria Medeiros  
PUCMG

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Nísio Antonio Teixeira Ferreira, Professor do Magistério Superior**, em 28/02/2024, às 11:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda de Faria Medeiros, Usuário Externo**, em 28/02/2024, às 18:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Vera Regina Veiga Franca, Professora Magistério Superior - Voluntária**, em 06/03/2024, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3044085** e o código CRC **F519BBD3**.

## Agradecimentos

Pode parecer fácil escrever os agradecimentos de uma dissertação, mas não é. Pelo menos para mim. Fica o receio de cometer alguma injustiça ou errar o tom em alguma palavra. Mesmo assim, lá vamos nós.

Começo pela família, minha primeira casa. Minha mãe e meu pai, Cristina e Raul, por todo o amor, cada um à sua maneira, o cuidado, a dedicação, por terem me feito crescer em um ambiente carinhoso, agradável, seguro – e musical. Também fazem parte disso meus irmãos, Guilherme e Arthur, com quem sempre me diverti muito e dividi afinidades musicais. O Guiga me ensinou as primeiras notas no violão (que já vinha do meu pai) e me apresentou as primeiras bandas de *rock*. O Tuga (ou “meu irmão gêmeo 7 anos mais novo”) entrou nisso depois. Apesar de não tirar som das cordas, se dá bem numa percussão e no canto. Não posso deixar de fora a família de Sampa, de onde viemos, e aqui vai uma menção especial à tia Deise. Primeiro, por ter me dado o “Acústico MTV” do Capital Inicial em CD (o mais importante de todos!). Depois, assim como Cássia Eller, em sua apresentação pelo mesmo projeto, disse não saber se Nando Reis tinha lhe dado “O Segundo Sol” ou se ela tinha roubado – e ela achava que tinha – digo o mesmo (como uma licença poética) sobre três vinis do Capital que levei para casa. “Capital Inicial”, “Independência” e “Eletricidade” vieram com outros de bandas como o Kid Abelha e pelo menos um deles tem até o nome “Deise” à caneta na capa. Pois é, “acho que eu roubei”. Desculpa, tia, mas obrigado. De novo.

Agradeço à UFMG, minha segunda casa. Entrei na Universidade Federal de Minas Gerais em 2009, no curso de Comunicação Social. Terminei em 2013 e retornei no ano seguinte, como servidor. Voltar a estudar quase 10 anos depois da graduação não foi fácil, mas concluir este processo é muito gratificante. Por falar nisso, agradeço também à TV UFMG e ao Cedecom (Centro de Comunicação), onde trabalhei, que me permitiram o afastamento de minhas funções pelos meses da reta final da escrita, e aos colegas da TV que me apoiaram.

Meu muito obrigado vai também para minha companheira de longa data, Alessandra, com quem divido alegrias, problemas, dilemas e emoções, e foi fundamental neste trabalho ao ser a primeira pessoa que me fez achar possível estudar um fenômeno como Dinho Ouro Preto, além de muito me incentivar ao longo do percurso. Aos meus amigos Lenon e Ed, com quem conversei bastante sobre a pesquisa e que também foram companhia, com a Alê junto, em dois shows do Capital e um de uma banda cover – e em diversas outras ocasiões especiais e divertidas. Aos meus amigos Gáudio e Widller, dos memoráveis tempos de faculdade, das rodas de violão e debates provocativos sobre o próprio Dinho e o Capital. Gáudio não divide

mais comigo a Guarda Belo, ex-maior banda de todos os tempos da última semana, mas seguimos compartilhando a vivência musical. Esse grande fã de Engenheiros do Hawaii foi fundamental ao revisar todas as versões do anteprojeto submetido ao processo seletivo. Widller é o único jornalista e advogado que conheço. Esse grande fã dos Red Hot Chilli Peppers sempre está disposto a me ajudar nos mais diversos assuntos, inclusive relacionados a este estudo, com seu vasto conhecimento. Não posso deixar de fora a Olívia, colega de turma e de trabalho, que me deu o crucial conselho de que eu deveria estudar algo de que gostasse porque, se não fosse assim, eu não iria até o fim.

Sou grato a todos os professores que me ensinaram, na graduação e na pós, e aos colegas do Gris (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), que proporcionaram reflexões frutíferas em nossas reuniões, indicaram textos e deram ideias. Como é difícil nomeá-los um a um, lhes agradeço na pessoa da Paula Simões, a Paulinha, que coordena o Gris, me deu aula na graduação e no mestrado, além de ter feito o parecer do projeto, dedicada em tudo o que faz e brilhante ao ensinar as mais complexas teorias da comunicação. Incluo aqui Nísio Teixeira, também meu professor durante o curso e referência na área cultural/musical, pelas contribuições na etapa de qualificação e na banca – tendo se dado à tarefa de escutar os álbuns solo de Dinho Ouro Preto! –, assim como Fernanda Medeiros, que conheci há pouco tempo e por quem tenho grande admiração. Sua tese foi de grande ajuda neste percurso, além do livro “O culto da performance”, de Alain Ehrenberg, indicação dela.

Deixei para o fim meus imensos agradecimentos à Vera França, ícone e uma das nossas maiores referências na Comunicação. Desde a graduação, aprendi muito com seus textos, além da oportunidade de ter sido aluno dessa professora exemplar. O didatismo é notável em suas palavras escritas, mas fica mais evidente nas palavras faladas – o que eu pude lembrar e confirmar ao longo desta estrada. Para ser breve, foi incrível ser orientado pela Vera. Ela literalmente me orientou: mostrou e apontou caminhos, sem nenhuma imposição de seguir este ou aquele. Ao mesmo tempo que nos tranquiliza ao ensinar onde podemos ir, respeita nossas ideias e decisões – sem deixar de nos parar quando damos aquela viajada na maionese, mas sempre com leveza, carinho, empatia e elegância, suas marcas. Me sinto muito sortudo por ter tido o *timing* de entrar no mestrado bem a tempo de ser o último orientando da Vera na pós-graduação da UFMG. Vera merece todas as homenagens recebidas e muitas outras pela professora, pesquisadora e pessoa que é. Viva a Vera!

Por fim, agradeço a todos os compositores e compositoras, bandas, cantores, cantoras, músicos e músicas que fizeram e fazem a trilha sonora da minha vida.

A todos vocês, o meu *MUITO OBRIGADO*.

*Não quero morrer, pois quero ver  
Como será que deve ser envelhecer  
Eu quero é viver pra ver qual é  
E dizer venha pro que vai acontecer*

(Arnaldo Antunes, Marcelo Jeneci e Ortinho)

## Resumo

A proposta desta pesquisa é compreender como são construídas as representações do cantor Dinho Ouro Preto, 59, vocalista da banda Capital Inicial, no que se refere ao aspecto da jovialidade. Nos concentramos em uma celebridade masculina que está, portanto, favorecida por privilégios de diversas ordens, para trazer à tona valores sociais compartilhados na sociedade brasileira – valores esses sobretudo ligados a uma supervalorização da juventude em detrimento do envelhecimento, visto muitas vezes com um olhar negativo (perspectiva nomeada de etarismo). Buscamos observar como a imagem do cantor disseminada em diferentes materiais empíricos aciona representações de juventude.

O corpus compreende dois tipos de empiria: conjuntos de postagens do perfil oficial do cantor no *Instagram* (selecionados por temáticas pertinentes à nossa investigação), e canções do Capital Inicial (de três álbuns da discografia da banda). Optamos por uma análise de enquadramento (Bateson e Goffman) para captar a construção de sentidos por diferentes atores – Dinho, mídia e o público –, além de confrontar esses diferentes enquadres.

A análise revela uma performance do cantor associada a representações de juventude que são reconhecidas e valorizadas por grande parte de seus fãs. As postagens no *Instagram* revelam um endosso dos seguidores à apresentação do ídolo sem rugas nem cabelos brancos e com corpo atlético, além de um estilo de vida associado à juventude. A exceção é o período em que ele deixa o cabelo crescer e se depara com uma forte reação negativa, que o associa à velhice e à feminilidade. Já a performance de Dinho como *frontman* da banda é marcada por intensa movimentação no palco, entrega às músicas, comunicação com o público e uma certa irreverência, características que o aproximam da condição jovem/adolescente. Esses mesmos elementos valorizados na rede social e na performance artística são vistos de forma negativa por críticos(as) musicais e pessoas que não são necessariamente admiradoras de Dinho Ouro Preto. A maneira como se apresenta o envelhecimento do artista, com uma estética de valorização da juventude e da adolescência, foi comparada à de outros(as) da mesma geração e gênero musical. Os resultados da pesquisa apontam para a circulação de valores sociais como etarismo e machismo.

**Palavras-chave:** Representação. Performance. Celebridade. Juventude. Etarismo. Dinho Ouro Preto.

## Abstract

The aim of this research is to understand how representations of the singer Dinho Ouro Preto, 59, lead vocalist of the band Capital Inicial, are constructed, particularly in relation to the aspect of youthfulness. We focus on a male celebrity who is thus favored by privileges of various kinds, aiming to bring to light shared social values in Brazilian society – values mainly linked to an overemphasis on youth at the expense of aging, often viewed with a negative perspective (referred to as ageism). We seek to observe how the singer's image disseminated in different empirical materials triggers representations of youth.

The corpus comprises two types of empirics: sets of posts from the singer's official Instagram profile (selected by themes relevant to our investigation), and songs from Capital Inicial (from three albums). We opted for a framing analysis (Bateson and Goffman) to capture the construction of meanings by different actors – Dinho, the media, and the public –, followed by a comparison of these different frames.

The analysis reveals a performance by the singer associated with representations of youth that are recognized and valued by a large portion of his fans. The posts on Instagram basically reveal an endorsement from followers of the idol's presentation without wrinkles or gray hair and an athletic body, in addition to a lifestyle associated with youth. The exception was the period in which he let his hair grow and was faced with a strong negative reaction, which associated him with old age and femininity. Dinho's performance as the band's frontman is marked by intense movement on stage, surrender to the music, communication with the public and a certain irreverence, characteristics that bring him closer to the young/adolescent condition. These same elements valued on the social network and in artistic performance are seen negatively by music critics and people who are not necessarily admirers of Dinho Ouro Preto. The way the artist's aging is presented, with an aesthetic focus on the valorization of youth and adolescence, has been compared to that of others from the same generation and musical genre. The research results point to the circulation of social values such as ageism and sexism.

**Keywords:** Representation. Performance. Celebrity. Youth. Ageism. Dinho Ouro Preto

## Sumário

<b>1. Introdução</b>	10
<b>2. Quem é Dinho Ouro Preto</b>	15
<b>3. Juventude, envelhecimento e Síndrome de Peter Pan</b>	32
<b>4. Representação, imagem, enquadramento e performance</b>	40
4.1 Enquadramento	45
4.2 Performance	48
<b>5. Metodologia</b>	51
5.1 Corpus	51
5.2 Apresentação dos recortes temporais e canções	53
5.3 Procedimentos analíticos	55
<b>6. Quem é o Dinho que vemos no <i>Instagram</i>?</b>	58
6.1 Recorte 1 - Aniversários - Todos os dias 27/04 de 2014 a 2023	58
6.2 Recorte 2 - ‘Cinquentão’ - 25/04/2014 a 09/05/2014	66
6.3 Recorte 3 - Mudança de visual - 23/09/2017 a 27/12/2017	75
6.4 Recorte 4 - Atletismo e fotos do passado (ou do presente?) - 01/02/2021 a 28/02/2021	93
<b>7. Falando de música - A volta do Capital (ou o início, para quem não conhecia)</b>	102
7.1. A juventude cantada por Dinho nas letras do Capital Inicial	107
7.2 “Acústico MTV”	107
7.2.1 Análise musical - “Natasha”	109
7.3 “Eu Nunca Disse Adeus”	119
7.3.1 Análise musical - “A vida é minha (Eu faço o que eu quiser)”	124
7.4 “Sonora”	131
7.4.1 Análise musical - “Tudo vai mudar”	138
<b>8. Considerações finais</b>	142
8.1 Performando juventude ao vivo	150
<b>9. Referências</b>	152
9.1 Referências bibliográficas	152
9.2 Matérias jornalísticas	155

## 1. Introdução

Esta pesquisa busca compreender como se constrói a imagem de jovialidade em torno da figura do cantor Dinho Ouro Preto e o que isso diz da nossa sociedade em termos de valores. A ideia nasceu, em primeiro lugar, das inquietações de um fã para só depois tomar uma proporção maior. Um fã de Capital Inicial ainda pré-adolescente, no caso, eu, que não me preocupava com a idade de Dinho (e nem sabia qual era), mas me identificava com boa parte das músicas (as que eu dava conta de entender, apesar de gostar também das que não entendia). Conheci a banda aos 10 anos de idade e aos 11 ganhei de aniversário o CD “Acústico MTV” de minha tia Deise, aquele que deu ao grupo um sucesso que ele nunca havia conseguido.

O ano era 2001, eu já conhecia aquelas catorze músicas de cor e salteado porque, desde o lançamento, em março do ano anterior, a MTV já tinha transmitido o show em vídeo e, lá em casa, tínhamos gravado uma das transmissões em VHS. Melhor dizendo, eu conhecia doze das catorze porque, se não me falha a memória, a edição que se tornou programa de televisão teve duas canções que apareceriam no CD, VHS e DVD oficiais cortadas. Dei o *play* naquela fita inúmeras vezes. Foi a partir daí que comecei a me interessar mais por rock nacional e a ir atrás de Legião Urbana, Ira!, Titãs, Paralamas, Barão Vermelho, RPM, etc. Capital era o meu preferido. Ganhei uma coletânea em CD duplo deles no natal daquele mesmo ano da minha mãe, umas trinta músicas em suas versões antigas, e ainda tive acesso aos dois primeiros álbuns, “Capital Inicial”, de 1986, e “Independência”, do ano seguinte, além de “Eletricidade”, de 1991 (todos em vinil!), “roubados” da minha tia. Essa foi, sem dúvida, a primeira banda com a qual pude passar pela experiência de esperar ansiosamente o próximo lançamento, descobrir as novas músicas e ouvir para aprender a cantar as novidades todas, trocando impressões com amigas e amigos da época. Nos shows, ia sempre que dava. Não foram muitos, mas já eram alguma coisa. Tudo isso não me foi possível com a Legião, nem com o Cazusa, por exemplo. É válido ressaltar que a banda de Dinho conseguiu relativo sucesso nos anos 80 e 90, mas teve essa segunda fase na carreira a partir de 2000 que deu longevidade ao grupo, trazendo renovação de público e repertório de uma maneira que nenhuma de suas contemporâneas havia feito.

Com o passar dos anos, fui reparando comentários do tipo: “Esse Dinho não se enxerga? Até quando ele vai ficar pulando como um *adolescente* no palco?”. Até um belo dia me dar conta de que ele já tinha mais de cinquenta anos. Eu também achava que não parecia, até achava legal isso. Mas por que incomodava tanto algumas pessoas? Aquilo ficou guardado

em algum lugar e foi o que retomei quando decidi fazer o processo seletivo para o mestrado. Percebi como toda a questão envolvia de maneira inegável os processos de comunicação.

O fã continua falando, mas já adulto e comunicólogo. A oportunidade de estudar um ídolo se mostrou ainda mais interessante e socialmente relevante na medida em que pensamos na reverberação que as celebridades produzem na sociedade capitalista contemporânea. Seja influenciando comportamentos e tendências, seja atuando no debate político ou sendo alvo de elogios e xingamentos, levando à reflexão do que está por trás de cada adjetivo a elas associado. Ser lido socialmente como velho não é bem-visto. É o que chamamos de etarismo, perspectiva importante para este estudo. Por outro lado, como pensar a figura desse cantor de 59 anos que mantém não só a aparência física, mas o “espírito” de jovem? Essa “Síndrome de Peter Pan” – pensada aqui, a princípio, como metáfora, não propriamente como a síndrome descrita pelo psicólogo Dan Kiley nos anos 80 –, que pode apontar para uma negação do envelhecimento, também nos interessa. Como podemos interpretar o próprio cantor referindo-se a si mesmo como um “Benjamin Button”?

Sabemos que o *rock* não goza mais da projeção que alcançou nos anos 80, 90 e 2000, quando estava muito presente nas TVs, rádios e era responsável por grandes vendas de LPs e CDs. Hoje, a maior parte dos locais onde os artistas da música aparecem são outros, como aplicativos de *streaming* musical, redes sociais e *podcasts*. Outros gêneros musicais têm despertado maior interesse da população brasileira<sup>1</sup>, sem contar declarações e posições políticas reacionárias que alguns representantes do *rock* nacional exibiram nos últimos anos, dentro de um gênero que costumava ser fortemente associado à contestação não só política, mas contra uma sociedade moralista, careta e conservadora. Sem adentrarmos nessas particularidades, nos centramos em Dinho Ouro Preto, que pode ser considerada uma das principais celebridades associadas ao *rock* no Brasil. Apesar de alguns posicionamentos polêmicos, ele não chega a entrar para o time de vários músicos que foram considerados grandes decepções por roqueiros partidários da contestação que está atrelada à história do gênero<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Marília Mendonça é a artista mais ouvida do ano no Spotify no Brasil e Bad Bunny lidera no ranking mundial. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2022/11/marilia-mendonca-e-a-artista-mais-ouvida-do-ano-no-spotify-no-brasil-e-bad-bunny-lidera-no-ranking-mundial-clb3m2oa1001x014uo6aqvh1k.html>>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Em pesquisa Datafolha de 2022, o rock surgiu como preferido “por uma parcela específica dos jovens” e “mais citado entre homens, brancos e com renda mensal familiar mais alta”, reconhecido no fenômeno do “rock de direita”. *Sertanejo é o estilo musical mais ouvido entre os jovens brasileiros, mostra Datafolha*. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/10/sertanejo-e-o-estilo-musical-mais-ouvido-entre-os-jovens-brasileiros-mostra-datafolha.shtml>>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

Veza por outra, Dinho tem se tornado destaque no noticiário e na *Internet* por acontecimentos diversos, ligados ao universo musical ou não, gerando alguns *memes*<sup>3</sup> ou indo parar nos *trending topics*<sup>4</sup> do *Twitter* (quando ainda se chamava assim oficialmente)<sup>5</sup> ao longo das últimas décadas. Em 2024, podemos afirmar que a banda da qual faz parte, o Capital Inicial, em atividade desde o início dos anos 1980, tem uma lista considerável de *hits* conhecidos e aclamados por públicos diversos. O vocalista tem seu rosto e voz facilmente reconhecíveis e as pessoas, em geral, têm opiniões firmes a respeito dele.

Na pesquisa para escrever o anteprojeto, me deparei com materiais em que o próprio cantor era confrontado com a questão da “juventude eterna” ou “Síndrome de Peter Pan”. E foi a partir de uma dessas reportagens, para o UOL, que surgiu o título desta pesquisa. Assim disse Dinho: “Os anos passam, mas eu não senti o ímpeto de fazer com que minha música e minhas atitudes se tornassem, digamos, ‘adultas’. (...) Vejo isso quase como uma espécie de patrulha. No Brasil há muitas patrulhas de gosto. E se eu gostar de *trash* cinematográfico, por exemplo, qual é o problema? Se gostar de ficção científica. Por que isso é uma coisa circunscrita à sua adolescência? Eu discordo. Outro dia alguém escreveu no meu *Facebook*: ‘O adolescente mais velho do Brasil’. Eu leio aquilo e falo: ‘OK, cara. Mas não vou reconsiderar’”<sup>6</sup>. Mesmo sem reconsiderar, aquele comentário ficou na cabeça do líder do Capital Inicial, que, de certa forma, estava aceitando o rótulo.

Para tal investigação, vamos nos embrenhar pelos conceitos de juventude, adolescência, envelhecimento e suas relações tanto com o mundo das aparências quanto com questões sociais, culturais e comerciais. Chamo atenção para a extraordinária pressão estética vigente nos dias atuais, que atinge todas as faixas etárias, e particularmente os jovens. É a era dos filtros do *Instagram* e do *TikTok*, que colaboram para disseminação de um ideal de beleza ainda mais inalcançável, produzindo rostos e corpos alterados de maneira digital

<sup>3</sup> Meme pode ser considerado todo conteúdo que os utilizadores da Internet repetem, simplesmente uma ideia que é propagada através da World Wide Web. Ela pode assumir a forma de um hiperlink, vídeo, imagem, website, hashtag, ou mesmo apenas uma palavra ou frase. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme\\_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

<sup>4</sup> Assuntos mais comentados do momento no *Twitter*. São determinados por um algoritmo e baseados em *hashtags*, palavras ou expressões que indicam assuntos relacionados aos comentários. Disponível em <<https://help.twitter.com/pt/using-twitter/twitter-trending-faqs>>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

<sup>5</sup> O *Twitter* é uma rede social baseada em comentários curtos, com limite de caracteres por tuíte, que conta com pelo menos 14,1 milhões de usuários no Brasil. Recentemente a plataforma foi comprada pelo bilionário Elon Musk e mudou de nome para *X*. Neste trabalho ela será referida como *Twitter*, nome pelo qual é mais conhecida, apesar de a marca estar passando por um processo de transição. *7 estatísticas Twitter que você precisa conhecer em 2021*. Disponível em <<https://www.oberlo.com.br/blog/estatisticas-twitter>>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

<sup>6</sup> *Nunca senti necessidade de ser "adulto", diz Dinho Ouro Preto, aos 50 anos*, de Leonardo Rodrigues para o UOL, publicada em 27 de abril de 2014. Disponível em <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/27/nunca-senti-necessidade-de-ser-adulto-diz-dinho-ouro-preto-aos-50-anos.htm>>. Acesso em 20 de junho de 2021.

instantaneamente, como um espelho que mostra a pessoa mais bela, com o rosto mais fino ou o olho diferente. Como resultado, muitos jovens recorrem à toxina botulínica (popularmente conhecida como *Botox*) para evitar rugas de expressão ainda na casa dos vinte anos<sup>7</sup>, além de outros procedimentos estéticos. Por exemplo, este ano viralizou nas redes sociais o caso de uma brasileira que se submeteu a uma cirurgia para ficar com os olhos verdes<sup>8</sup>. O procedimento, feito na Suíça, envolve altos riscos à visão e, segundo especialistas, só é indicado com fins estéticos para pessoas cegas.

Se essa pressão se faz sentir fortemente sobre os jovens, a questão do envelhecimento ganha uma tonalidade ainda mais forte: não se pode envelhecer. Manter a aparência jovem ou pelo menos jovial é a demanda que se impõe a partir da bandeira da alta performance. Ao mesmo tempo, quão jovem uma pessoa pode parecer a partir de uma certa idade? A imagem de juventude, portanto, se coloca como uma questão complexa, que iremos tratar a partir do conceito de representação, conforme trabalhado por Stuart Hall. Quais representações estão associadas à figura de Dinho para que sua performance seja lida como uma amostra de juventude ou adolescência? Como essas representações dialogam entre si em determinados contextos, sendo decodificadas de diversas maneiras pelas pessoas que têm contato com elas? Partindo do enquadramento (Bateson e Goffman), que orienta a ação dos indivíduos no mundo social, buscamos conformar quadros de sentido que associam Dinho a aspectos de algum tipo de juventude. Nossa análise de enquadramento se dará em três momentos: para entender como o próprio cantor enquadra e apresenta sua própria imagem; observar como o público capta essas mensagens e reage a elas, promovendo um reenquadre; perceber como esses quadros se relacionam entre si, quais valores se confirmam ou se confrontam.

Esse método será aplicado em grupos de objetos empíricos variados. O primeiro deles são conjuntos de postagens de Dinho em sua conta oficial no *Instagram*, @dinhooupreto, que tem mais de 3.300 publicações e mais de 800 mil seguidores. A rede social é uma das mais relevantes da atualidade e um local fundamental onde se dá a construção, difusão e negociação da imagem pública de celebridades e pessoas anônimas (que podem vir a conquistar alguma fama por atuação na plataforma ou em outras como o *Tik Tok*, por

---

<sup>7</sup> "Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica mostram que o *Botox* é o procedimento mais realizado, inclusive, entre 18 e 30 anos, aí computados cirúrgicos e não invasivos, tendo sua procura crescido 300% nos últimos três anos". *Jovens sem rugas aderem em massa às aplicações de Botox*. Disponível em <<https://veja.abril.com.br/comportamento/jovens-sem-rugas-aderem-em-massa-as-aplicacoes-de-botox>>. Publicado em 20 jan. 23. Acesso em 31 de janeiro de 2024.

<sup>8</sup> *Queratopigmentação: jovem brasileira viraliza ao trocar a cor dos olhos em cirurgia; veja os riscos*. Disponível em <[https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/01/03/queratopigmentacao-jovem-brasileira-viraliza-ao-trocar-a-c-or-dos-olhos-em-cirurgia-veja-os-riscos.ghtml](https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2024/01/03/queratopigmentacao-jovem-brasileira-viraliza-ao-trocar-a-cor-dos-olhos-em-cirurgia-veja-os-riscos.ghtml)>. Publicado em 3 jan. 2024. Acesso em 31 de janeiro de 2024.

exemplo). São quatro recortes temporais de um período de dez anos de postagens. Também serão analisadas três canções da banda, entendidas como um aspecto importante da construção da imagem do cantor que dá voz a elas. Nesse movimento, vamos partir da própria peça (música e letra), declarações do artista sobre o processo de composição, história e repercussão das músicas, além de comentários de internautas sobre as faixas, os álbuns nos quais foram lançadas e textos de crítica musical sobre os discos.

## 2. Quem é Dinho Ouro Preto

É curioso para um fã do Capital Inicial dos anos 2000, mesmo que tenha conhecido o conjunto pelo “Acústico MTV” e recuperado praticamente toda a discografia do quarteto brasileiro das décadas de 80 e 90, pensar que a banda não era vista como uma das mais importantes do *rock* brasileiro durante os tão falados anos 80. Essa foi minha surpresa inicial ao ler o importante livro que o jornalista Arthur Dapieve publicou em 1995 contando a história do *BRock*, termo cunhado por ele mesmo para se referir ao *rock* nacional oitocentista, e notar que o lugar dedicado ao grupo liderado por Dinho Ouro Preto é a “segundona” – expressão usada no futebol que indica a segunda divisão, a série B, entre outros nomes, campeonato disputado pelos times que não estão entre os considerados mais fortes no contexto estadual ou nacional (depois dela ainda vem a terceira divisão, a quarta e assim por diante). Após dedicar um capítulo a cada uma das bandas que considera as mais importantes daquela época – Vímana (de onde surgiram Lulu Santos, Lobão e Ritchie), Blitz, Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso, Titãs, Ultraje a Rigor, RPM, Legião Urbana e Engenheiros do Hawaii –, o autor introduz sua metáfora futebolística para juntar, em um único capítulo, os grupos que não mereceram a sua seção exclusiva, mas que não podem ter a existência ignorada e que, sem eles, “o *rock* brasileiro dos anos 80 teria sido sensivelmente mais pobre” (DAPIEVE, 1996, p. 149). E lá está o Capital Inicial, junto de grupos como Ira!, Kid Abelha, Biquíni Cavadão e Plebe Rude.

Para entender quem foi e quem é Dinho Ouro Preto, que figura como fenômeno analisado nesta pesquisa, é necessário retornar aos anos 80 e fazer um breve apanhado do contexto histórico. Há material vasto para isso, entre depoimentos, entrevistas, matérias jornalísticas, documentários e também o livro citado. Dapieve nasceu em 1963 e tem atuado durante praticamente toda sua carreira como jornalista na área musical e, por isso, conta a história do *BRock* por meio de eventos que presenciou e entrevistas que ele mesmo fez com os personagens dessa cena ao longo dos anos, além de pesquisa jornalística e bibliográfica, é claro. É interessante notar que o livro é de 1995, lido por mim em uma edição do ano seguinte. Naquele momento, era mais do que justo colocar o Capital Inicial na “série B” do *rock* nacional. O grupo tinha vivido um sucesso moderado até então, sofrido grandes abalos e se separado. A volta com a formação clássica só aconteceria em 1998, e o grande sucesso de público só viria a partir de 2000, com o “Acústico MTV”, dando a essa banda de menor importância nos anos 80 um lugar na “primeira divisão” do *pop rock* nacional (que também já

deixou de ser um gênero tão popular quanto foi no passado) no novo século. Mas voltemos à capital federal oitentista, onde começou a trajetória do cantor.

É comum a associação entre o tédio e a Brasília da época, em diversos depoimentos ou até mesmo na letra de algumas músicas, como “Tédio (com um T bem grande pra você)”<sup>9</sup>, do Aborto Elétrico, posteriormente gravada pela Legião Urbana. Tratava-se da capital do país, mas um tanto inacabada, repleta de terrenos baldios, poucas opções de lazer, isolada das outras grandes cidades, com informação muito limitada. Mesmo que as primeiras bandas já estivessem acontecendo e até mesmo se conhecendo em São Paulo e no Rio de Janeiro, por exemplo, os jovens roqueiros de Brasília não sabiam de nada disso. Por lá, formava-se a Turma da Colina, nome dado em referência a uma mini-quadra na Universidade de Brasília, onde moravam os professores e que se tornou ponto de encontro. Renato Russo, que depois se tornaria o icônico vocalista da Legião Urbana, era visto como uma espécie de líder da turma, que contava ainda com Herbert Vianna, Bi Ribeiro, Dado Villa Lobos, Marcelo Bonfá, Fê Lemos, Flávio Lemos, André Mueller e Dinho Ouro Preto. Todos viriam a fazer parte de bandas de (maior ou menor) expressão no *rock* brasileiro.

Nascido em Curitiba em 27 de abril de 1964, Fernando Ouro Preto (para o público, desde sempre, Dinho Ouro Preto) deixou o Brasil aos dois anos, por conta da carreira de diplomata do pai. Depois de passar por países como Estados Unidos e Suíça, ele se fixou em Brasília na adolescência e entrou para a Turma da Colina. Um pouco mais jovem do que Renato Russo e Herbert Vianna, pela influência musical do segundo, ouvia bandas de *hard rock* ou *classic rock*, como Led Zeppelin, Deep Purple e Queen. Cabe dizer que o grupo era composto por jovens com boas condições financeiras, filhos de professores da Universidade de Brasília (UnB), funcionários públicos, militares e diplomatas, caso de Dinho. Alguns dos membros da turma viajavam com frequência para a Europa e de lá, principalmente da Inglaterra, traziam as novidades musicais em discos de vinil que eram replicados em fitas cassete pelos outros. Naquele contexto, bem diferente da rapidez com a qual a informação corre nos dias atuais, o acesso a dados biográficos, entrevistas e até mesmo a fotos dos ídolos do exterior era escasso. Estava apenas nos encartes dos discos e nas revistas especializadas.

---

<sup>9</sup> Essa música composta provavelmente entre o final dos anos 70 e o começo dos 80 só seria oficialmente lançada no disco “Que País É Este?”, da Legião Urbana, em 1987, e diz: “Moramos na cidade, também o presidente / E todos vão fingindo viver decentemente / Só que eu não pretendo ser tão decadente, não / Tédio com um T bem grande pra você / Andar a pé na chuva, às vezes, eu me amarro / Não tenho gasolina, também não tenho carro / Também não tenho nada de interessante pra fazer”. Quando o Capital Inicial lançou o álbum “Especial Aborto Elétrico”, em 2005, e regravou essa canção, foram adicionados, no final da música, os versos (que possivelmente estavam na composição original de Renato Russo): “Por que? / Moro em Brasília / Moro em Brasília...”.

No final dos anos 1970, o contato com o *punk rock*, principalmente com as bandas que mais se destacavam no momento, os Sex Pistols, The Clash (ambas inglesas) e os Ramones (dos Estados Unidos)<sup>10</sup>, promoveram uma verdadeira transformação naqueles jovens de Brasília, fazendo-os abandonarem os ídolos antigos e jogarem fora os discos de *hard rock* (para depois terem que comprar tudo de novo mais tarde). Dinho e os mais jovens, por volta dos 16 anos, inclusive, tiveram dificuldades para serem aceitos como *punks* pelos mais velhos. Para além da postura anti-conservadora, uma das principais mensagens do *punk* era o *do it yourself*, ou “faça você mesmo”. As roupas, os desenhos, os *fanzines* e, principalmente a música: a mensagem clara era de que ninguém precisava de uma formação teórica ou horas de estudo em um instrumento para expressar-se através da música. E assim as bandas começaram a ser montadas na tediosa capital federal. A que teve mais destaque na época foi o Aborto Elétrico, formada por Renato Russo e os irmãos Fê e Flávio Lemos, respectivamente baterista e baixista. Eles chamavam atenção pelas pichações das iniciais AE pela cidade, imitando a tipografia do símbolo da anarquia, e pelas roupas de couro com espinhos e alfinetes, além do uso de acessórios como coleiras. Apesar de não ter durado muito nem ter conseguido registrar uma gravação profissional, da dissolução do grupo nasceram outros dois, os mais importantes de Brasília. Em 1983, Russo reuniu Marcelo Bonfá (bateria), Dado Villa Lobos (guitarra) e Renato Rocha (baixo) na Legião Urbana. Já o Capital Inicial surgiu um ano antes (1982), da união dos irmãos Lemos com o guitarrista Loro Jones (ex-Blitz 64, outro dos primórdios do *rock* brasileiro) e a cantora Heloísa, que ficou pouco tempo na banda antes do pai, que era militar, descobrir e proibí-la de participar. Com o posto vago, um Dinho Ouro Preto fascinado menos pelo som e mais pela atitude do Aborto Elétrico, que tinha acabado no começo de 82, foi o único candidato e entrou para o quarteto naquele mesmo ano.

Há um certo consenso de que o *punk rock* no Brasil foi sendo realizado de maneira mais ou menos simultânea em Brasília e em São Paulo, entre o final dos anos 1970 e início dos 80. Enquanto o Aborto Elétrico e outras bandas surgiam na capital do país, na capital paulista surgiam grupos como Os Inocentes, Cólera e Ratos de Porão. Além da localização geográfica, outra grande diferença era a classe social onde se encontravam os integrantes dos

---

<sup>10</sup> Banda icônica de *punk rock* inglês que ficou eternizada, apesar de só ter registrado um único e clássico disco chamado *Never mind the bollocks, here's the Sex Pistols* - algo como “Esqueçam as besteiras, aqui estão os Sex Pistols” -, em 1978. Foram um dos grupos mais influentes do estilo à época, ao lado dos conterrâneos do The Clash e dos estadunidenses dos Ramones. Essa última é frequentemente citada como a que mais encantou Dinho Ouro Preto desde a adolescência até a vida adulta. Temáticas jovens dominavam letras de canções como “I don't want to grow up” (“Eu não quero crescer”). Em seu aniversário de 52 anos, o cantor viria a tocar por uma noite com o ídolo Marky Ramone, baterista. Os Ramones se mantiveram ativos de 1974 a 1996. O icônico vocalista Joey Ramone morreu em 2001.

conjuntos<sup>11</sup>. O *punk* em São Paulo teve origem na periferia e levava a sério a organização em gangues. O pessoal do movimento se mantinha veementemente e por convicção à margem das gravadoras e da indústria fonográfica. O mais importante por lá era levar o som das bandas para os bairros periféricos e sem contar com o trabalho de *promoters* ou outros profissionais do tipo. Eram os próprios integrantes que faziam os contatos e o trabalho de produção e divulgação. A história ainda inclui uma grande rixa entre os *punks* da capital e do ABC paulista, que tinham até certo ponto uma ligação com o movimento operário e viam os primeiros praticamente como *playboys*. Guardadas as devidas proporções, o jornalista Ricardo Alexandre resume esses dois mundos *punks* (São Paulo e Brasília) com uma pequena anedota:

Comparado ao paulista – numeroso, influente, polêmico e violento –, o mitológico movimento punk de Brasília parece um dia no parque de diversões: você entra para sentir fortes emoções, mas sabe que nada de perigoso pode lhe acontecer de verdade. Ainda assim, tornou-se histórico como manifestação jovem e, principalmente por causa de suas principais personagens (ALEXANDRE, 2002, p. 68)

No cenário musical mais amplo, a indústria fonográfica brasileira parecia procurar por novidades. A tradicional MPB já era alvo de questionamentos por parte da crítica musical e da classe artística também, considerada até um “clube fechado, mais impenetrável que a Ordem dos Templários. Só se era admitido depois de muito agrado a Caetano e Gil, depois de muita canção-homenagem” (*ibid.* p. 28). Os Novos Baianos tinham acabado e Os Mutantes, já bastante desfigurados da formação original, restando apenas Sérgio Dias dessa, já estavam bem distantes da irreverência apresentada no começo e, em termos sonoros, iam fundo no *rock* progressivo, o que de popular não tinha nada. As alternativas iam surgindo como a carreira solo de Rita Lee, o estouro de Lulu Santos e os músicos da vanguarda paulistana, como Arrigo Barnabé e Itamar Assumpção. Nem mesmo Raul Seixas empolgava tanto quanto nos anos 70. Esse foi o terreno em que começou a germinar o chamado *BRock*, com aquelas bandas todas já citadas (Barão Vermelho, Titãs, Paralamas, etc). Um evento considerado marco transformador foi a primeira edição do Rock in Rio, realizada entre 11 e 20 de janeiro de 1985. Ela foi fundamental para o Brasil entrar na rota dos shows internacionais e levar também as bandas brasileiras da época a outro nível de profissionalismo. O Barão Vermelho mesmo, por exemplo, fez dois shows naquele festival que foram um sucesso, além d’Os Paralamas do Sucesso e do Kid Abelha. O festival ainda teve um importante componente político. O quinto dia de shows (15 de janeiro) coincidiu com a eleição, de forma indireta, do

---

<sup>11</sup> A cena *punk* em Brasília e em São Paulo naquela época e as diferenças mencionadas é tema de conversa entre Dinho Ouro Preto e João Gordo, vocalista dos Ratos de Porão, no podcast do ex-*VJ* da MTV, Superplá. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5SnlkMFtHnQ>>. Acesso em: 24 de julho de 2023.

primeiro presidente civil, Tancredo Neves<sup>12</sup>, depois de quase vinte e um anos da ditadura militar, o que adicionou um clima de esperança a artistas e público na capital fluminense. O mestre de cerimônias do evento, o ator Kadu Moliterno, declarou que aquele dia de Rock In Rio era dedicado ao povo brasileiro antes de anunciar: “Vamo acreditar que vai mudar pra valer! E vem aí, agora, o primeiro show da democracia brasileira, Kid Abelha e Os Abóboras Selvagens!”. A banda, que ainda usava o antigo nome e contava com Leoni no baixo (até sua saída, no ano seguinte), entrou no palco como uma enorme bandeira do Brasil e começou com a canção “Por que não eu?”<sup>13</sup>. O Barão, liderado por Cazuza, finalizou sua performance na mesma tarde do Kid com as seguintes palavras do vocalista durante a já clássica “Pro dia nascer feliz”: “Que o dia nasça lindo pra todo mundo amanhã. Um Brasil novo, com a rapaziada esperta!”<sup>14</sup>. A Legião Urbana e o Capital Inicial chegaram atrasados nesse bonde e não chegaram a participar daquela edição do Rock In Rio, mas acabariam se beneficiando indiretamente depois.

O Capital nasceu com um nome que parece autoexplicativo, pela associação óbvia com Brasília, cidade construída para ser a capital do país. Porém, segundo os integrantes, a escolha está relacionada à falta de dinheiro no início da carreira<sup>15</sup>. O conjunto só conseguiu lançar seu primeiro LP (*long play*) em 1986. O álbum que levava o mesmo nome da banda vendeu 200 mil cópias<sup>16</sup>, marca considerada muito boa para a época, alavancado pelas faixas herdadas do Aborto Elétrico (“Música Urbana”, “Fátima” e “Veraneio Vascaína”, todas com letra de Russo). Os membros se estabeleceram em São Paulo e experimentaram um relativo sucesso, entrando no circuito de shows das outras grandes bandas do *rock* brasileiro. Como vender discos e emplacar *hits* era fundamental para qualquer grupo musical naquele momento, os brasilienses oscilaram bastante em termos de prestígio e identidade musical. O segundo álbum, “Independência”, de 87, vendeu metade das cópias do primeiro. Seu sucessor, “Você não precisa entender”, de 88, não chegou a 50 mil. Nesses dois últimos houve um afastamento

---

<sup>12</sup> O primeiro civil a assumir a presidência do Brasil depois das duas décadas do regime militar, entretanto, foi José Sarney. Tancredo Neves foi internado às pressas em 14 de março, um dia antes da posse, com fortes dores abdominais no Hospital de Base do Distrito Federal, onde seria operado. Ele morreu no dia 21 de abril de 1985, devido a complicações decorrentes da cirurgia. *Há 30 anos morria Tancredo Neves, sem assumir a Presidência*. Disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/ha-30-anos-morria-tancredo-neves-sem-assumir-a-presidencia,a85ae71800cdc410VgnCLD200000b2bf46d0RCRD.html>>. Publicado em 21 de abril de 2015. Acesso em 3 de outubro de 2023.

<sup>13</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=CGYWVqtMYd8>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

<sup>14</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=8bbsCPKLnUM>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

<sup>15</sup> Conforme Loro Jones, guitarrista, contou em entrevista à edição de setembro de 1987 da Revista Bizz: “Sempre foi um nome ligado à coisa de não ter dinheiro. O investimento da gente foi justamente o Capital Inicial, que éramos nós quatro... agora somos cinco”.

<sup>16</sup> Todas as referências de venda de cópias de discos até 1995 citadas aqui são do livro “Brock - O rock brasileiro dos anos 80”, de Arthur Dapieve.

do som mais calcado no *punk* e no *rock* do LP de estreia e até mesmo de antes do *debut*, indo em uma direção mais *pop* e comercial, com um som mais eletrônico e predominância dos teclados de Bozzo Barretti, que tocou no primeiro disco como convidado, tornando-se membro oficial da banda a partir do segundo. Ele tinha grande influência na direção musical, assim como o próprio Dinho.

Em 89, veio “Todos os Lados”, mais calcado nas guitarras, mas longe de alcançar o som dos primórdios do conjunto, vendendo pouco mais de 30 mil cópias. Acabava a década de 80 e, em 91, era lançado “Eletricidade”. Ótimo disco, com um som muito mais pesado que os anteriores. O tempo acabaria por provar sua qualidade, sendo o único álbum além do de estreia que teve pelo menos três músicas que sobreviveram na segunda fase do Capital, a partir de 2000, depois de serem regravadas no “Acústico MTV”, registrado ao vivo no último ano do século XX (“Todas as Noites”, “Cai a Noite” e “O Passageiro”, versão de “The Passenger”, do roqueiro estadunidense Iggy Pop). Mas como apenas cerca de 20 mil cópias daquele quinto *long play* foram comercializadas (pelo menos até 1996, de acordo com Dapieve), a crise se agravou. As brigas e o consumo de drogas já eram intensos demais. A primeira fase de Dinho no Capital acabou em 1993. Com a saída dele, a banda trouxe o vocalista Murilo Lima, da cidade de Santos, em uma formação que prosseguiu por cinco anos, até a volta do cantor curitibano, em 1998.

Podemos dizer que o grupo não teve uma trajetória de série A nos anos 80 e começo dos 90, mas conseguiu realizações importantes, como abrir shows de Sting (ex-The Police) pelo Brasil, participar dos festivais Alternativa Nativa, Hollywood Rock e Rock in Rio (na segunda edição, em 1991), além de tocar (ou melhor, dublar *playback*) no programa do Chacrinha mais de uma vez – inclusive na última edição do Cassino do Chacrinha, em 1988. Segundo Dapieve, o relativo sucesso foi possível pela proximidade com a Legião Urbana (da “primeira divisão”). No começo de suas carreiras, as duas bandas eram “o Batman e o Robin do Planalto Central”, tendo tocado no Rio de Janeiro pela primeira vez na mesma noite de julho de 83, abrindo o show de Lobão, no lendário Circo Voador, levantado na Praia do Arpoador, em Ipanema.

O que se sabe de Dinho Ouro Preto depois da separação da banda é que tentou uma carreira solo, lançando dois discos sem sucesso comercial, e que passou por sua pior fase de abuso de drogas. Ele morava sozinho em um apartamento no centro de São Paulo, que chegou a ficar aberto por certo tempo porque o dono não sabia onde estavam as chaves. Pessoas entravam e saíam livremente da habitação, algumas das quais o cantor sequer sabia quem eram. O fim dessa etapa aconteceu depois que o músico conheceu a arquiteta Maria Cattaneo

em um evento da MTV Brasil por volta de 1995. Eles viriam a se casar pouco tempo depois. A fase conhecida como o fundo do poço do vocalista foi um momento crucial de sua vida, de uma grande mudança artística e reconstrução de sua imagem. Aos trinta anos, ele teria percebido que precisava se desvencilhar do que foi sua juventude, como contou em algumas entrevistas<sup>17</sup>. Foi nesse momento, e já com Maria, que o artista começou a se livrar de dependências químicas (dizemos “começou” porque o caminho ainda seria longo), mas também de vícios vocais, que minavam sua confiança há mais de dez anos, no início de sua carreira, quando ele mesmo acreditava ser uma imitação mal-feita de Renato Russo cantando. Personagem fundamental nesse aspecto foi o produtor iugoslavo radicado em São Paulo Mitar Subotić, conhecido como Suba, que viria a morrer em 1999 em um incêndio no estúdio dentro de seu próprio apartamento<sup>18</sup>.

Chegando a 1998, o vocalista voltou para o Capital Inicial no lugar de Murilo Lima, reunindo a formação clássica (Dinho, Loro Jones, Fê e Flávio Lemos). O álbum “Atrás dos Olhos” (naquele momento, CD, *compact disc*, que ainda era novidade, substituindo os discos de vinil) começou a renovação de repertório, trazendo duas canções que se tornaram grandes sucessos, entraram no “Acústico” e figuram nos shows até hoje (“O Mundo” e “Eu Vou Estar”). Em 2000, um acerto na mosca, provavelmente o maior da carreira: “Acústico MTV”. Considerado um “divisor de águas”, nas palavras do próprio Dinho Ouro Preto, o álbum vendeu em torno de dois milhões de cópias em CD<sup>19</sup>, na época em que se vivia o auge do formato “desplugado” da emissora estadunidense no Brasil, no qual os artistas reuniam as principais músicas de toda a carreira com algumas faixas novas. O repertório era tocado em apresentação ao vivo para uma plateia relativamente pequena com instrumentos acústicos (como violão, baixo, piano e bateria), ainda que com um (ou vários!) efeitos sonoros nos violões, obtendo muitas vezes uma sonoridade bastante próxima à da guitarra elétrica. A partir daí, o Capital atingiria outro patamar em termos de sucesso popular e até mesmo de reconhecimento da crítica. As três músicas inéditas, pelo menos para a banda (“Tudo Que Vai”, “Natasha” e “Primeiros Erros”, releitura da canção de Kiko Zambianchi), estouraram e quase todas as outras estiveram por algum período tocando com frequência nas rádios.

---

<sup>17</sup> “Não dá pra ficar aos 32 anos cantando ‘Psicopata’: papai morreu/mamãe também... Não é honesto. Acho que minha geração esgotou o seu discurso. É hora de olhar para trás e reavaliar toda a carreira. Tudo tem começo, meio e fim”, disse Dinho em entrevista em 1996. *Dinho Ouro Preto lança 1º álbum solo em BH*, de Nísio Teixeira para o caderno Cultura, do jornal Hoje em Dia, publicada em 24 de maio de 1996.

<sup>18</sup> *Incêndio mata o produtor Suba*, de Daniel Castro e Pedro Alexandre Sanches, para o caderno Ilustrada, da Folha de S. Paulo, publicada em 3 de novembro de 1999. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0311199920.htm>>. Acesso em 24 de março de 2024.

<sup>19</sup> Não foram encontrados dados oficiais do número de cópias vendidas do referido álbum, mas matérias jornalísticas de diferentes veículos, como Estadão e UOL, citam o número de dois milhões. Há também reportagens que registram um milhão, quantidade que parece estar defasada.

Menção que vale a pena ser feita é à MTV Brasil, canal de televisão que era a versão brasileira da emissora dos Estados Unidos e entrou no ar em 1990. Destinado ao público jovem, tinha a programação guiada por videoclipes apresentados por VJs, que eram considerados celebridades na época<sup>20</sup>. Naquele momento muito anterior à popularização da internet móvel, *smartphones* (que sequer sonhávamos que existiriam um dia) e serviços de *streaming* de vídeo, a televisão era certamente um dos meios de comunicação mais proeminentes, senão o mais importante e poderoso. Claro que também era fundamental a divulgação das novidades musicais nacionais e internacionais nas rádios, mas também ganhava uma nova importância investir nos videoclipes, formato que adicionava uma camada audiovisual à música, com um canal dedicado exclusivamente a esse conteúdo fazendo sucesso entre os jovens (MTV é a sigla para “Music Television”). Vários estilos musicais tinham espaço na emissora, mas principalmente o *pop* e o *rock*. Dentre os vários programas que exibiam videoclipes (como o Disk MTV, que passava os dez mais votados pela audiência por telefone), entrevistas, de humor, de auditório, apresentações musicais ao vivo, estava o “Acústico MTV”. O formato do qual já falamos foi importado dos Estados Unidos e inicialmente foi lançado como um programa de TV, projetado para a exibição na grade e depois virou um sucesso ainda maior ao ser lançado como CD e DVD (anteriormente LP e VHS, na verdade). Em 2000, já era mais do que comprovado o impacto que a entrada para o seleto grupo de artistas que tinham gravado no formato tinha para uma carreira. Já haviam participado do projeto nomes consagrados da MPB, como Gilberto Gil, em 1996, e João Bosco, em 1992 (o primeiro a ser lançado em LP e CD), mas as edições que tinham feito mais sucesso eram justamente a das bandas de *rock*, Titãs (1997), Paralamas do Sucesso (1999) e Legião Urbana (ainda que num projeto despretensioso e de instrumentação simples, gravado em 1992 e lançado em CD em 99). Foi, então, a grande oportunidade para o Capital Inicial, da “segundona” do *rock* brasileiro nos anos 80 e 90, que teve um dos “Acústicos” mais bem sucedidos da emissora<sup>21</sup>, ainda que pairassem dúvidas sobre sua repercussão antes do lançamento. Enquanto a praxe era que as bandas tivessem duas noites para a gravação, com direito à repetição de músicas para alcançar as melhores performances (como fizeram Paralamas e Titãs), a banda de Dinho Ouro Preto teve apenas uma noite no Teatro Mars, em

---

<sup>20</sup> É considerável a lista de apresentadoras e apresentadores de TV que começaram a carreira ou tiveram passagem pela MTV. Para citar alguns: Astrid Fontenelle, Gastão Moreira, Maria Paula, Zeca Camargo, Thunderbird, Fábio Massari, Kid Vinil, Sarah Oliveira, Didi Wagner, Marcos Mion, Edgard Piccoli, Cazé Peçanha, Daniella Cicarelli, Adriane Galisteu, Fernanda Lima, Marina Person, Otaviano Costa, Tatá Werneck, Thaíde, Sabrina Parlatore, Lobão, além do próprio João Gordo.

<sup>21</sup> Após o Capital, fizeram sucesso no projeto nomes como Lulu Santos, Cássia Eller, Roberto Carlos, Cidade Negra, Jorge Ben, Kid Abelha, Marina Lima, Charlie Brown Jr., Zeca Pagodinho, Ira!, Marcelo D2, Engenheiros do Hawaii, O Rappa, Ultraje a Rigor, Sandy & Júnior e Paulinho da Viola.

São Paulo (mas com igual direito à repetição de algumas canções). O auge do “Acústico” no Brasil foi na primeira metade da década de 2000; já na segunda, o formato foi perdendo relevância.

Na esteira do sucesso do produto, o Capital Inicial, entre 2002 e 2022, lançou sete discos de estúdio, quatro ao vivo e um EP (*extended play*), o que possibilitou uma renovação de público e repertório, que hoje conta com uma minoria de canções da primeira fase da banda (1982-1998). O último lançamento, de 2022, é “Capital Inicial 4.0”, show que celebra os 40 anos do conjunto com músicas de vários momentos da carreira, até mesmo algumas dos anos 80 e 90 que não eram tocadas desde a primeira fase. Como *hits* e músicas de sucesso da banda lançadas de 2002 para frente podemos citar “À sua maneira” (versão de uma canção de *pop rock* argentina), “Quatro Vezes Você”, “Não Olhe Pra Trás” (que entrou para a trilha sonora da novela “Começar de Novo”, da Globo, em 2004), “Eu Nunca Disse Adeus” e “Depois da Meia Noite”.

Dinho Ouro Preto tem seus créditos pelo êxito na nova fase do conjunto. Isso se deve, primeiramente, ao fato de o cantor ter passado a liderar a parte musical, se tornando o principal compositor do grupo, quase sempre com parceiros frequentes, como Alvin L, um dos principais – diferentemente dos cinco discos de sua primeira passagem pela banda (1983-1993), quando todos os integrantes costumavam contribuir na composição musical.

Se antes as vendagens de discos eram fundamentais e a visibilidade se dava por meio de rádio, TV, jornais e revistas, hoje, os números nos quais os músicos estão sempre de olho são as reproduções no *Spotify* e visualizações no *YouTube*. Já a veiculação das imagens, ideias e até mesmo fofocas e intimidades dos artistas, além da mídia tradicional, passou a ser realizada pelas redes sociais, como o *Facebook*, o *Instagram* e o *TikTok*. Nesses ambientes, é possível apreender as principais representações de si mesmos que os artistas desejam fazer circular entre o público. Certamente, as músicas continuam tendo papel importante para comunicar mensagens, mas há agora um protagonismo dos perfis nas redes sociais, que são usados tanto para as bandas como um todo (@capitalinicial) quanto por seus membros individualmente (@dinhouopreto). Ali, Dinho Ouro Preto posta para mais de 800 mil seguidores fotos e vídeos tanto da vida na estrada e nos estúdios com o Capital quanto momentos de lazer, em férias ou em casa, por exemplo. E é ali também que cada seguidor pode fazer os mais variados tipos de comentários endereçados a ele, elogiando ou criticando, admirando sua cara de “meninão” ou criticando seu cabelo de “tia”. Por outro lado, a interação com o público é feita de outra maneira no canal do cantor no *YouTube*. Flagrantemente, ele e sua equipe não tem concentrado tanta energia na plataforma

ultimamente, uma vez que em 2022 e 2023 as postagens de vídeos foram esporádicas. Entretanto, principalmente voltando às publicações de 2020 e 2021, quando o canal era alimentado com mais frequência, há muitos comentários dos fãs, alguns dos quais motivaram a gravação de novos vídeos.

Nos anos 80, Renato Russo e Cazuza tiveram uma importância tão grande a ponto de serem considerados “representantes de uma geração”, ao menos por veículos de mídia e parte dos jovens que os idolatravam. Cabe destacar que, mais recentemente, a abordagem do *BRock* como uma síntese de toda a juventude brasileira vem sendo contestada. Queiroz e Pimentel (2022) problematizam essa questão e observaram que o *BRock* reúne grupos formados por sujeitos que têm suas experiências afastadas de problematizações de raça e gênero. As bandas são formadas predominantemente por homens brancos e de classe média e até mesmo Dapieve destaca Clemente (guitarrista d’Os Inocentes) como um dos únicos negros e Paula Toller (vocalista do Kid Abelha) como a única mulher do grupo – e em duas bandas da “segundona”. Destacando que não pretendiam esvaziar a contribuição política e a força das canções, Queiroz e Pimentel (2022) concluíram que a geração que ficou com o rótulo de *BRock* teve “sotaque, gênero e raça”, não podendo ser considerada uma síntese da juventude brasileira, que são, na verdade, juventudes brasileiras, várias. Curiosamente, se Dinho não teve tanto destaque nos anos 80 – quando era inseguro como artista e vivia à sombra de Renato, tentando imitá-lo ao cantar, como admitiu recentemente –, quis o destino que, nos anos 2000, fosse ele um dos maiores representantes, não da juventude, mas daquela geração do *rock* nacional. Dentre todas aquelas bandas, a dele (e ele, também, como vocalista) foi uma das que se tornou mais relevantes - entre as de Brasília, certamente é a mais, uma vez que Russo morreu em 1996 e o outro grupo da cidade que tinha alguma força, a Plebe Rude, seguiu em atividade, mas passando longe da popularidade do Capital.

Outro aspecto importante sobre as representações de Dinho Ouro Preto difundidas pelas mídias contemporâneas se refere à política. Como líder de uma banda de *rock*, estilo do qual se espera (ou, pelo menos, se esperava) algum espírito de contestação, o tema aparece nas letras das músicas aqui e ali, seja em “Que País é Este?” (da Legião, mas que já é tocada há tempos pelo Capital em seus shows e foi inclusive registrada em estúdio em álbum de 2005 em homenagem ao repertório do antigo Aborto Elétrico), seja na genérica “Saquear Brasília”<sup>22</sup> (lançada no álbum “Saturno”, de 2013). Frequentemente, aparece alguma reportagem

---

<sup>22</sup> “Saquear Brasília” traz os seguintes versos: “Excelentíssimo / Deita e dorme com os anjos / Sereníssimo / Só abraços e só sorrisos, como em família / Você cuida de mim, eu protejo você / É uma maravilha ser poderoso em Brasília / Eles mentem e não sentem nada / Eles mentem na sua cara”

repercutindo posições políticas do ídolo, que também aborda o tema em seu perfil no *Instagram* e, mais ocasionalmente, em seu canal no *YouTube*. Essas postagens podem ser críticas à ditadura militar no dia 31 de março (data de “aniversário” do golpe de 64) ou relacionadas aos direitos humanos, mostrando indignação pelas chacinas no Rio ou pelo assassinato da vereadora da mesma cidade Marielle Franco, apoio a causas indígenas, ao Dia da Consciência Negra ou contra o trabalho infantil – pautas consideradas “de esquerda” por parte dos seguidores. No que se refere à política partidária, o cantor se envolveu em uma grande polêmica ao elogiar Sergio Moro, então juiz da Lava Jato, no auge da operação. Em um show do Capital Inicial em Curitiba, em junho de 2016, o cantor ficou sabendo que Moro estava presente e dedicou a música “Que País é Este?” a ele.

Cabe, aqui, fazer uma breve recapitulação do cenário político que o país vivia na época. Em 2011, Dilma Rousseff começava seu primeiro mandato como a primeira presidenta eleita, depois de ter tido como principal cabo eleitoral Luiz Inácio Lula da Silva, com grande popularidade, mas sem poder concorrer em 2010 depois de dois mandatos consecutivos. Em 2013, Dilma também era bem avaliada pela população, mas uma série de protestos dominou o país, a princípio por causa do aumento do preço da passagem em várias cidades. A partir de São Paulo, com influência do Movimento Passe Livre (MPL), as manifestações de rua foram tomando grande proporção e agregando diferentes pessoas e grupos políticos, de modo que muitas pautas difusas, palavras de ordem e faixas começaram a aparecer nas passeatas.

As revoltas de 2013 resultam de linhas históricas distintas, que se juntaram e formaram um híbrido novo. Trata-se da conjunção de ciclos de luta de longo, médio e curto prazos. O primeiro é a tradição de rebeliões pelo transporte, que remete ao período imperial e atravessou o século XX, sempre intercaladas por períodos de mansidão. O segundo é o conjunto de manifestações políticas massivas ocorridas desde a redemocratização, que incluiu as Diretas Já em 1984 e o Fora Collor em 1992. O terceiro são as mobilizações pelo direito à cidade, por questões ambientais e pela chamada agenda de costumes que emergiram por volta de 2010. Por fim, há ainda os protestos contra corrupção que ganharam força a partir de 2011. (ANDRÉS, 2023, p. 11)

As chamadas Jornadas de Junho, marcadas por slogans como “o gigante acordou”, visto de maneira jocosa nos dias atuais, de fato foram as primeiras grandes manifestações de rua do Brasil neste século. E aquela gente toda tomando as ruas e querendo coisas tão diversas teria desdobramentos imprevisíveis. Mas é fundamental levar em conta que as manifestações pelo *impeachment* de Dilma carregam algo de 2013, mas se constituem em novo fenômeno, de maneira que é despropositado se falar em uma continuidade direta.

Se 2013 abriu uma pauta plural e registrou a inexistência de um consenso quanto ao que estava por vir, 2014 registrou uma polarização e a radicalização dos lados. As manifestações pelo *impeachment* de 2015 representaram a consolidação de um desses lados, que recupera sentimentos de permanência fortemente arraigados na sociedade e

presentes em nossa história (1954, 1964). O cenário e ações empreendidas em 2015 indicavam a construção de um consenso e de uma intervenção concertada por parte de segmentos da sociedade brasileira (sobretudo da classe média branca, de uma faixa etária adulta), firmemente ancorados em algumas crenças que adquirem – se tornam – verdade. (FRANÇA e BERNARDES, 2016, p. 17)

O ano de 2015 foi o primeiro do segundo mandato da presidenta depois de vitória apertada em uma eleição turbulenta. Na campanha eleitoral do ano anterior, Marina Silva (que começou como candidata a vice de Eduardo Campos, substituindo-o como titular da chapa após a morte do político), do PSB (Partido Socialista Brasileiro), chegou a ser apontada como segunda colocada nas pesquisas de intenção de voto<sup>23</sup>, deixando o ex-governador de Minas Gerais Aécio Neves, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira), em terceiro. Nas simulações de segundo turno, a atual ministra do Meio Ambiente aparecia, inclusive, como vencedora em uma disputa contra Dilma. A partir daí, a campanha do PT passou a adotar uma estratégia agressiva contra a então adversária, que acabou com 21,32% dos votos válidos no primeiro turno<sup>24</sup>. Quem foi para o segundo *round* contra a candidata à reeleição foi Aécio (com 33,55%). Dilma foi a preferida do eleitorado com 41,59% dos votos válidos, mais de 9 milhões à frente do tucano. Porém, no turno decisivo, a disputa seria muito mais acirrada. As últimas pesquisas antes da fatídica votação de 26 de outubro apontavam empate técnico e alternavam entre projetar a vitória da petista ou do tucano<sup>25</sup>. A mulher venceu com 51,64% dos votos válidos. A diferença de brasileiros que optaram por seu segundo mandato em relação aos que queriam o neto de Tancredo Neves no Planalto foi considerada pequena – quase 3,5 milhões de votos.

Poucos dias depois do anúncio do resultado, o PSDB resolveu entrar com um pedido de auditoria no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) para verificar se não teria ocorrido fraude<sup>26</sup>. A decisão do partido foi inesperada e parecia simplesmente a postura do mau perdedor que não aceita a derrota. Será que Aécio e seus correligionários acreditaram tanto na vitória com a subida nas pesquisas de intenção de voto que não podiam crer que o sonho da presidência lhes havia escapado por tão pouco? Podia até ser, mas não era. Em 2017, em meio a investigações

---

<sup>23</sup> *Dilma tem 34%, Marina, 29%, e Aécio, 19%, aponta pesquisa Ibope.* Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/08/pesquisa-ibope-mostra-dilma-com-34-e-marina-silva-com-29.html>>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.

<sup>24</sup> Os percentuais de votação foram extraídos da apuração oficial do TSE, divulgados pelo portal UOL. Disponível em <<https://placar.eleicoes.uol.com.br/2014/1turno>> e <<https://placar.eleicoes.uol.com.br/2014/2turno>>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.

<sup>25</sup> *As 5 pesquisas que agitaram a véspera do 2º turno – e mostram uma eleição imprevisível.* Disponível em <<https://www.infomoney.com.br/politica/as-5-pesquisas-que-agitaram-a-vespera-do-2o-turno-e-mostram-uma-eleicao-imprevisivel>>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.

<sup>26</sup> *PSDB pede ao TSE auditoria para verificar 'lisura' da eleição.* Disponível em <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/10/psdb-pede-ao-tse-auditoria-para-verificar-lisura-da-eleicao.html>>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.

contra o candidato derrotado por recebimento de propina, ele acabaria sendo pego em gravação de áudio feita pelo empresário Joesley Batista, que estava fazendo uma delação premiada, admitindo que o pedido de auditoria foi só “pra encher o saco” do PT<sup>27</sup>. A atitude irresponsável acabaria por dar sua contribuição para um discurso que colocaria sob suspeita (de maneira infundada) o sistema eleitoral brasileiro, o que seria usado por Jair Bolsonaro mais tarde.

Voltando a 2015, foi nesse clima de tensão e acirramento da polarização política que Dilma Rousseff iniciou o segundo mandato na Presidência da República. Com os protestos e a crise econômica, a sua popularidade despencou e seu impedimento ganhou cada vez mais força. Sem articulação e apoio no Congresso Nacional, a primeira presidenta mulher eleita foi deposta no dia 31 de agosto de 2016, sem ter cometido crime de responsabilidade, sofrendo um golpe parlamentar, portanto. Michel Temer assumiu em definitivo a presidência, enquanto a Operação Lava Jato estava a todo vapor e o então juiz Sergio Moro era praticamente um herói nacional, lido por parte da população como um homem íntegro, um paladino da justiça que varreria a corrupção do país com a força-tarefa, igualmente bem-vista.

Dinho Ouro Preto, que estava entre os brasileiros que acreditavam nessa narrativa e no hoje desgastado senador Sergio Moro, a ponto de homenageá-lo em cima de um palco, havia sido muito crítico ao governo Dilma, considerando a presidenta incompetente para comandar o país, mas se opôs ao *impeachment*, defendendo a cassação da chapa com o então vice-presidente Temer e a convocação de novas eleições. Mesmo sendo favorável à Lava Jato, o artista criticou também quando Luiz Inácio Lula da Silva foi conduzido coercitivamente para depor no âmbito da operação, em março de 2016.

Deu-se então, a coroação máxima do juiz de Curitiba, em 7 de abril de 2018, com a prisão de Lula, que liderava as intenções de voto pela presidência nas eleições daquele ano e se entregou à Polícia Federal dizendo que iria provar sua inocência. O líder do PT foi condenado por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso em que lhe foi atribuída a posse de um apartamento triplex no Guarujá, litoral de São Paulo. Com seu maior nome fora do pleito, o Partido dos Trabalhadores colocou Fernando Haddad na disputa. Retomando o posicionamento de Dinho, ele chegou a sustentar a postura do “Nem um, nem outro”, afirmando ser contra os dois candidatos que chegaram ao segundo turno, Haddad e Jair

---

<sup>27</sup> *Áudio: Aécio afirma que ação contra chapa de Dilma foi só para "encher o saco"*. Disponível em <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2017/05/audio-aecio-afirma-que-acao-contra-chapa-de-dilma-foi-so-p-ara-encher-o-saco.html>>. Acesso em: 31 de agosto de 2023.

Bolsonaro, mas acabou demonstrando um apoio, ainda que tímido, ao movimento #EleNão, que pregava o voto contra o então candidato do PSL (Partido Social Liberal).

Mas a extrema direita, o antipetismo e o conservadorismo mostraram sua força, elegendo o ex-capitão do Exército. Sergio Moro renunciou ao cargo de juiz federal para assumir o Ministério da Justiça, contrariando suas afirmações anteriores de que jamais entraria para a política. Sua trajetória teria várias reviravoltas ainda, passando pelo rompimento com Bolsonaro, que o levou à saída do governo em 2020, acusando o então chefe do executivo de crime de responsabilidade. No ano anterior já tinha repercutido a Vaza Jato, série de reportagens do portal jornalístico The Intercept, que teve acesso a diversas conversas privadas entre Moro e os integrantes da Força Tarefa. Ali começava a ser revelada uma atuação totalmente parcial do juiz, orientando a acusação e demonstrando que havia um forte viés partidário naquela operação de “combate à corrupção”. Em 2021, o Supremo Tribunal Federal considerou sua atuação parcial, mais de um ano e meio após a soltura de Lula, também por uma votação do STF depois da qual ficou decidido que uma pessoa condenada só poderia ser presa após o trânsito em julgado, ou seja, quando a defesa não pode mais pedir recurso. A prisão de Lula havia sido decretada após a condenação em segunda instância, ou seja, antes de se esgotarem os recursos.

Ao longo do governo Bolsonaro, Dinho foi bastante crítico a várias das ações dele, mudando também sua opinião em relação a Sergio Moro. Em julho de 2022, o vocalista do Capital Inicial deu uma entrevista à Folha<sup>28</sup> se dizendo decepcionado, porque acreditava que a Lava Jato era imparcial e atingiria todos os políticos, mas foi convencido do contrário, afirmando que a força-tarefa virou uma perseguição ao PT. Criticou também o fato de Moro, agora já com a imagem bastante comprometida, ter assumido o Ministério da Justiça e Segurança Pública em 2019, uma vez que Bolsonaro foi o principal beneficiado pela prisão de Lula em virtude da inelegibilidade do petista que liderava as pesquisas de intenção de voto. Na conta de Dinho no *Instagram*, as postagens que envolviam o ex-juiz passaram a ser negativas.

Em 2022, o apoio de Dinho a Lula na eleição que conduziu o vencedor ao seu terceiro mandato como presidente também pode ser considerado tímido, pelo menos no mundo virtual, porque consistiu em dois posts no *Instagram*: uma foto um dia antes do primeiro turno fazendo o L com os dedos (gesto de apoio ao petista naquele contexto), com a legenda

---

<sup>28</sup> *Dinho Ouro Preto diz se arrepende de ter apoiado a Lava Jato e Sergio Moro*. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/07/dinho-ouro-preto-diz-se-arrepende-de-ter-apoiado-a-lava-jato-e-sergio-moro.shtml>>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

“menos armas mais livros. #forabolsonaro”; e um vídeo na véspera do segundo turno se posicionando a favor da democracia, destacando a heterogeneidade dos políticos que estavam apoiando Lula e citando vários motivos que levavam o artista a se opor a Bolsonaro. Dinho não pronunciou o nome do candidato que apoiava, frisou o fato de não ser petista, mas encerrou o vídeo dizendo “vote 13”. Desde 2014, pelo menos, ele tem buscado fugir das opções dadas pela polarização PT x PSDB. Naquele ano, por exemplo, ele apoiou Eduardo Campos e Marina Silva. No segundo turno, entre Aécio Neves e Dilma Rousseff, disse não se sentir representado por nenhuma das duas candidaturas. No primeiro turno em 2018, seu apoio foi novamente para Marina. As postagens sobre política no *Instagram* do artista costumam despertar muitas reações, seja de pessoas elogiando o posicionamento e afirmando terem ficado ainda mais fãs do cantor, seja de gente se dizendo decepcionada. É interessante notar que os comentários relacionados a política aparecem em diversas postagens, mesmo quando o conteúdo (foto e legenda), não tem relação direta com o tema. Ultimamente, então, o cantor tem sido muito criticado, xingado e hostilizado nos comentários por apoiadores do ex-presidente Bolsonaro. Os usuários ressaltam clichês do repertório bolsonarista, como chamar Dinho de comunista ou perguntar se ele está feliz agora que poderá se aproveitar do “dinheiro da Lei Rouanet<sup>29</sup>”.

Por fim, uma diferença notável na imagem de Dinho Ouro Preto dos anos 80 e 90 para a versão dos anos 2000, é o abandono de forma gradual do uso de entorpecentes e adoção da atividade física e alimentação balanceada como um discurso *fitness*, que demonstra preocupação com a saúde. De acordo com o cantor, são esses fatores que o levaram a envelhecer “com dignidade”. Após a fase mais pesada de abuso de drogas, principalmente no começo da década de 90, ele foi parando aos poucos com as substâncias, ao ponto de declarar publicamente não fazer uso de mais nenhuma delas, em 2020<sup>30</sup> – nem mesmo o álcool, lícito e socialmente aceito. No lugar disso, entrou a atividade física, principalmente a corrida, considerada pelo artista sua “nova droga”. Esse assunto é abordado em vídeos de seu canal no *YouTube* e em postagens constantes no *Instagram*, com fotos na academia, mas,

---

<sup>29</sup> A Lei nº 8.313/91, que institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura, é alvo frequente de desinformação por pessoas e grupos que disseminam que, através dela, artistas se beneficiam de recursos diretos do orçamento da União, o que ocorreria por meio de relações escusas. Em primeiro lugar, é preciso que o projeto seja aprovado para ser apoiado por meio dos critérios estabelecidos. Depois disso, os recursos são captados junto a doadores ou patrocinadores que obtêm renúncia fiscal no imposto de renda a partir do dinheiro investido. Em resumo, a Lei Rouanet é uma forma efetiva de estimular a iniciativa privada a apoiar o setor cultural. Disponível em <<https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contra-fake/noticias/2023/3/o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-lei-rouanet>>. Acesso em 24 de março de 2024.

<sup>30</sup> *Dinho Ouro Preto diz que covid ajudou a livrá-lo de último vício: Rivotril*. Disponível em <<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/26/dinho-outro-preto-rivotril-cura-coronavirus.htm>> Acesso em 7 de setembro de 2023.

principalmente, ao longo de suas corridas no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, cidade onde mora, e *prints* de aplicativos que demonstram seus percursos, com quilometragem e tempo gasto, além de fazer questão de contar quais músicas, artistas ou álbuns ele coloca para tocar nos fones de ouvido durante a prática.

Outro fator que contribui para o sucesso do Capital Inicial a partir de 2000 e a renovação de público são as impressões de juventude associadas à imagem do *frontman*. Afinal de contas, “por que o Dinho não envelhece?”. Essa é uma pergunta recorrente que é compartilhada por muita gente. Aparece em reportagens, entrevistas, vídeos no canal do cantor no *YouTube*, comentários a esses vídeos e em outras redes sociais. Ela transparece de maneira pejorativa na expressão “Síndrome de Peter Pan”, o que parece incomodar o vocalista de 59 anos. Quando perguntado, há mais de nove anos, sobre o assunto em uma entrevista, com o uso da expressão, ele chega a chamar de “patrulha” e questiona a que se atribuiria essa associação feita à sua figura.

Os anos passam, mas eu não senti o ímpeto de fazer com que minha música e minhas atitudes se tornassem, digamos, ‘adultas’. (...) Vejo isso quase como uma espécie de patrulha. No Brasil há muitas patrulhas de gosto. E se eu gostar de *trash* cinematográfico, por exemplo, qual é o problema? Se gostar de ficção científica. Por que isso é uma coisa circunscrita à sua adolescência? Eu discordo. Outro dia alguém escreveu no meu *Facebook*: ‘O adolescente mais velho do Brasil’. Eu leio aquilo e falo: ‘OK, cara. Mas não vou reconsiderar’<sup>31</sup>.

Vale a pena destacar que o *frontman* do Capital Inicial nunca deixou de se apresentar como um roqueiro, estilo comumente associado à juventude, principalmente durante sua própria juventude. Nesse ponto, é interessante recuperar que o *rock* nacional surgiu contestando também a MPB, uma ideia que Dinho parece carregar até períodos recentes, quando ele mesmo associa a cobrança por seu envelhecimento a gostos artísticos e musicais. Em uma outra entrevista em que a Síndrome de Peter Pan foi mencionada, em 2010, para o cantor Lobão, no programa “Lobotomia”, da MTV, Dinho citou o nome de um representante da MPB em uma frase na qual afirmou que se fosse necessário ouvir Edu Lobo para tornar-se adulto, aquilo não iria acontecer. Faz sentido que ele e outros tenham mantido uma certa distância da Música Popular Brasileira nos anos 80 como parte também de uma espécie de conflito geracional. Alexandre (2002) traz uma amostra dessa desvalorização em uma fala de

---

<sup>31</sup> *Nunca senti necessidade de ser "adulto", diz Dinho Ouro Preto, aos 50 anos*, de Leonardo Rodrigues para o UOL, publicada em 27 de abril de 2014. Disponível em <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/27/nunca-senti-necessidade-de-ser-adulto-diz-dinho-ouro-preto-aos-50-anos.htm>>. Acesso em: 20 de junho de 2021.

Herbert Vianna na qual o líder dos Paralamas do Sucesso afirma que se tratava de uma necessidade, apesar de ter revisto seu posicionamento.

A criançada cresce e tem de contestar os pais. Hoje em dia, sou louco por Chico Buarque, entendo a fina arte dele como um patamar muito elevado de qualidade. Mas na época via que esses caras não falavam nada do mundo real. Milton Nascimento, por exemplo, sempre muito fechado no mundo dele. Lendo pelos jornais que a Simone ganhara uma Mercedes como luvas em seu novo contrato, a gente dizia: ‘Que merda! Mora numa cobertura, não sabe de nada do que acontece na rua, então não presta’ (ALEXANDRE, 2002, p. 180)

Outro posicionamento trazido pelo autor é do próprio Dinho Ouro Preto.

O problema não era a idade, era o espírito. (...) Éramos simpáticos a qualquer coisa que se aproximasse do rock, nos víamos como aliados batalhando pela mesma causa. Era outro conceito, mais próximo da Jovem Guarda. Se a Jovem Guarda não fosse tão naïf, se fosse mais contestatória, talvez pudesse estar na nossa turma. (*ibid.*)

O fato de o cantor carregar em sua imagem representações de juventude – pelo aspecto facial, pelo corpo atlético ou ainda pelo “espírito”, vigor aparente, gostos, linguagem, vestimentas, estilo de cabelo ou até por despertar nostalgia em parte do público que “revive” um período da própria juventude ao ouvir as canções da banda ou ter a experiência de vê-la em um show ao vivo – é o fator instigante que move esta pesquisa.

### 3. Juventude, envelhecimento e Síndrome de Peter Pan

Definir e entender o que é considerado juventude e como essa ideia se modifica ao longo do tempo é um ponto central para este trabalho. Esse conceito sofreu transformações históricas e não se restringe à simples questão de faixa etária. Para o sociólogo Irapuan Peixoto Lima Filho, a juventude se situa em um limbo social no mundo ocidental desde o século XIX, pelo menos (LIMA FILHO, 2010). Seria, então, um período no qual não se é mais criança, mas também não se chegou a se tornar adulto – e carregar o peso de grandes responsabilidades –, podendo ser dispensado do trabalho pesado para imprimir esforços aos estudos. O pesquisador aponta que isso traz uma distinção dos jovens em relação aos outros membros da sociedade, em uma etapa da vida que oferece algumas regalias. O sociólogo ainda chama atenção para um ponto que torna a questão mais complexa: o período cronológico pelo qual os jovens podem usufruir desses privilégios tem se estendido para além do que se entendia como adolescência, alcançando faixas etárias variadas (*ibid.* p. 103-104).

De todo modo, nos parece inescapável abordar o tema da juventude sem observar o contraponto à velhice e à visão negativa desse conceito, que advém de uma construção sociocultural. Essa concepção não é nova e associa a velhice a um momento de perda de papéis sociais e em todos os aspectos. A ênfase é toda nos efeitos negativos. Principalmente a partir da segunda metade do século XX, houve uma supervalorização da juventude, sobretudo por meio do mundo do consumo. Na forma de cosméticos, automóveis, roupas, discos, refrigerantes, o “ser jovem” era exaltado como estilo de vida em oposição ao “ser velho”, ligado a atraso e ineficiência (HAREVEN, 1995 *apud* PICCOLI, LOPES, ARAÚJO e GRAEFF, 2012, p. 301). A juventude como estilo de vida nos leva à ideia de “juvenilização”, que seria a “ação pela qual a juventude marca efeito na sociedade, causando a influência que faz com que alguns de seus valores e ideias ‘inovadores’ sejam absorvidos pela sociedade como um todo” (PAIS, 2003 *apud* LIMA FILHO, 2010, p. 111). Todo esse contexto leva os próprios velhos a terem uma visão negativa de si mesmos e a buscarem recursos que tragam um rejuvenescimento, pelo menos aparente<sup>32</sup>. Cabe ainda ressaltar que o cenário parece ser potencializado no Brasil, onde ocorre um policiamento do que é “envelhecer direito”, segundo

---

<sup>32</sup> São vários os casos de procedimentos estéticos em idosos que ilustram essa constatação. Aliás, do ponto de vista das mulheres, as críticas são feitas tanto por fazerem procedimentos estéticos quanto por não fazerem. A título de ilustração, destacamos o caso de uma senhora que teria recuperado a autoestima após um procedimento que aparentemente removeu todas as rugas de seu rosto. Em um vídeo postado no Tik Tok, com imagens do “antes” e “depois”, ouvimos uma voz que é apresentada como sendo dela, que diz: “Eu me sentia assim: horrível, ridícula – eu falo o português claro – ridícula! Eu tinha vergonha de mim mesma. Minha filha chamava para sair, meu filho, eu não saía. Porque não adianta colocar roupa bonita, social, cabelo, sendo que o rosto tava daquele jeito”. Disponível em <<https://www.tiktok.com/@alfineteiofc/video/7308475657183546629>>. Acesso em 3 de janeiro de 2024.

a antropóloga Mirian Goldenberg, que estuda o envelhecer há décadas. Para a pesquisadora, o medo da velhice é grande no país quando comparamos à situação de outros (GOLDENBERG, 2021).

Por outro lado, vale atentar para o viés negativo pelo qual, muitas vezes, é vista também a juventude, como problematiza o cientista social Juarez Dayrell, especialista no tema. Em primeiro lugar, ele aborda a juventude como um “vir a ser” ou um “ainda não se chegou a ser”, uma simples transição para a vida adulta, com tendência à negação do presente (DAYRELL, 2003, p. 41). A segunda ideia seria a juventude como fase de liberdade e experimentação, tempo de “ensaio e erro”, com a marca do hedonismo e da irresponsabilidade (*ibid.*). Por fim, o autor nos lembra de uma concepção dessa etapa da vida como “momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a auto-estima e/ou com a personalidade” (*ibid.*). Ele não concorda com nenhuma dessas abordagens, pois considera a juventude um período próprio, e não apenas uma simples transição entre a infância e a maturidade. Para o pesquisador, a juventude “atesta sua solidez como momento de exercício de inserção social, em que o indivíduo descobre e desenvolve possibilidades em diversos aspectos da vida social, afetiva e profissional” (DAYRELL, 2003 *apud* SOUTO 2011, p. 59).

Toda essa discussão teve desdobramentos mais recentes, como no debate sobre o etarismo, idadismo ou, ainda, velhofobia. Conforme defende Margareth Gullette (2017), “comparado ao sexismo, o racismo e a transfobia, o idadismo é o menos censurado, o mais aceito e menos notado dentre as cruéis formas de preconceito” (GULLETTE, 2017 *apud* CASTRO, 2022, p. 9). A autora argumenta que ele entra em nossas vidas cronologicamente depois do racismo e do sexismo, preconceitos com os quais, segundo Gullette, já nascemos. Castro defende a existência de dois modelos de envelhecimento que o *ethos* neoliberal apresenta como possibilidades de escolha pelos sujeitos: o da fragilidade, decrepitude, solidão, falta de energia, de disposição e de saúde, e o seu oposto, que seria o envelhecimento “bem sucedido” ou a ideia do *ageless* – ativo, saudável, sem rugas, imagem que se materializa na ideia de que a idade está “somente na cabeça”, ignorando todas as mudanças físicas e biológicas pelas quais o corpo humano passa.

O etarismo, como outros preconceitos, envolve uma série de estereótipos e torna a juventude um imperativo social poderoso. Nas palavras de Castro, “disposição e aparência juvenil transformadas em algo a ser mantido e exibido ao longo de toda a vida” (CASTRO, 2022, p. 9). A autora exemplifica que isso é claro no contexto do altíssimo índice de cirurgias plásticas e outros procedimentos de intervenção cosmética. A motivação é viver em uma cultura que só considera os adultos com aparência juvenil como belos, enquanto define como

vergonhosos aqueles cuja aparência é classificada como evidência de alguém que “se deixou levar” pelo envelhecimento. É como se as rugas fossem proibidas e os cabelos brancos, também. No máximo, são permitidos os grisalhos como uma “prova” até charmosa de que a pessoa ainda não entrou na velhice. É evidente que a desvalorização do idoso não está ligada somente à aparência, considerada feia, mas, uma vez que a aparência “entrega” a idade, ela já traz outros pressupostos, de não ser mais produtiva economicamente, por exemplo, o que tem grande peso no contexto capitalista. Castro argumenta que

o capitalismo neoliberal se dedica a promover não apenas o consumo de bens e serviços, mas também certos modelos de subjetividade em linha com as demandas do sistema. Tal ideário desconsidera a desigualdade no acesso a recursos e oportunidades, o que é ainda mais dramático nos países em desenvolvimento (*ibid.*)

Dessa maneira, a agenda do envelhecimento ativo, “bem-sucedido”, é tratada como uma autorresponsabilidade individual, em que o Estado promove políticas de austeridade, reduzindo as garantias de serviços de saúde e cuidado social. Logo, se o sujeito falha em seu intento de “envelhecer bem” e por culpa dele mesmo, sobra-lhe a desvalorização e o preconceito.

Esses argumentos corroboram com reflexões que o sociólogo Norbert Elias já desenvolvia nos anos 80. Todo o cenário descrito por ele parece ter sido intensificado cada vez mais com o passar das décadas. Elias faz comparações entre a antiguidade e o mundo contemporâneo para explicar por que os mais velhos, quando estão doentes e quanto maior a idade, se veem tão solitários. Seu argumento principal é que, antigamente, nas sociedades ocidentais, as pessoas viviam mais juntas e havia muito pouca privacidade. Dessa maneira os moribundos seguiam no convívio familiar e morriam em casa, frequentemente acompanhados, e até mesmo as crianças viam a morte acontecer. Havia também o medo da morte, uma vez que a religião tinha grande influência na vida de todos, então o peso dos pecados aterrorizava ricos e pobres, a preocupação com a salvação da alma e o medo da punição eterna após a morte era uma constante. Os discursos reforçavam esse temor, mas também os símbolos presentes, por exemplo, nas obras de arte.

Um exemplo (...) pode ser encontrado num cemitério famoso do final da Idade Média, em Pisa. Uma figura retrata vividamente os terrores que aguardavam as pessoas depois da morte. Mostra os anjos conduzindo as almas salvas para a vida sem fim no paraíso, e os horríveis demônios que atormentam os condenados ao inferno. Com tais imagens aterrorizantes diante dos olhos, uma morte pacífica não pode ter sido fácil. (ELIAS, 1982, p. 23)

Elias ainda acrescenta outros elementos da sociedade medieval que se somam ao medo do que vinha depois da morte e à culpa do pecado: a vida durava menos, havia menos controle

sobre os perigos a ameaçavam e morrer, muitas vezes, era doloroso. O sociólogo toma seus cuidados para não fazer uma comparação grosseira de determinados aspectos do mundo medieval *versus* modificações advindas na sociedade contemporânea (dos anos 80, o que não invalida nossa reflexão). Ele destaca que tanto nesse tema como em outros relativos ao processo civilizador, “não é fácil equilibrar custos e benefícios” (*ibid.* p. 24), importando, assim, o porquê das mudanças. Dito isso, o autor relembra que, apesar do tal medo do inferno e seus demônios horríveis, no passado a participação de outras pessoas na morte de alguém era muito mais comum, como já relatamos. A morte fazia parte do dia a dia, o que mudou muito em relação aos dias atuais. Quer dizer, tememos menos a punição no fogo eterno, controlamos melhor os riscos, esperamos viver muito mais e morrer, frequentemente, dói menos (ou talvez não doa nada), mas morremos muito mais sozinhos. Soma-se a isso um desencorajamento contemporâneo à expressão de sentimentos espontâneos para fugir de situações socialmente desagradáveis. Elias defende que as pessoas perderam a capacidade de apoiar e confortar as pessoas próximas que estão à beira da morte e de demonstrar afeição e ternura por elas. Até se afastam delas como se estivessem se afastando da própria morte. O convívio com os moribundos e com a morte é justamente o que lembra a todos da própria mortalidade, uma condição que é certa desde sempre, mas contra a qual estamos constantemente lutando.

Acham difícil apertar a mão de um moribundo ou acariciá-lo, proporcionar-lhe uma sensação de proteção e pertencimento, ainda. O crescente tabu da civilização em relação à expressão de sentimentos espontâneos e fortes trava suas línguas e mãos. E os viventes podem, de maneira semiconsciente, sentir que a morte é contagiosa e ameaçadora; afastam-se involuntariamente dos moribundos. Mas, para os íntimos que se vão, um gesto de afeição é talvez a maior ajuda, ao lado do alívio da dor física, que os que ficam podem proporcionar. (ELIAS, 1982, p. 37)

Moratelli (2022) chama a atenção para o reconhecimento das faixas etárias e a institucionalização ou normalização do curso da vida que se estabelece com a Modernidade (que se inicia no século XVII, para Giddens) e suas instituições – a escola, o Estado, o direito, o trabalho industrial etc. O autor destaca que a idade não é um dado da natureza, tampouco fator explicativo do comportamento humano. Mas é a valorização dessa classificação numérica como imposição da sociedade moderna que passa a definir o que é a velhice. A idade passa a ser um atributo supervalorizado, tornando-se também um tabu, refletindo em ideias como o suposto constrangimento ao perguntar a idade de uma pessoa mais velha, principalmente uma mulher, como se fosse vergonhoso envelhecer – ou até mesmo atribuir a alguém uma idade maior do que a real. Moratelli também destaca a questão da homogeneização da velhice surgida ao longo do século XX com a entrada de um fator

econômico em cena: a criação da previdência pelo Estado, que vai levar também ao discurso neoliberal do velho como um fardo para os não-velhos (os jovens e adultos), que vão passar a sustentar os sujeitos, agora vistos como um grande grupo de improdutivos e como uma massa homogênea, na qual suas nuances são desconsideradas. A relação da velhice com a perda da capacidade de trabalho pode ser exemplificada na expressão “fazer hora-extra na vida”, dita de uma pessoa já muito velha e que, portanto, já estaria “apta” a morrer.

Vale chamar atenção para a flexibilidade que o termo “velho” assume, conforme lembra Moratelli. Aos 30 e poucos anos, um jogador de futebol já poderá ser considerado velho, uma modelo de passarela até antes disso – e um cantor de *rock*? Assim como um avô de 40 e alguém que se torna ministro do Supremo Tribunal Federal aos 30 são considerados jovens, todas essas impressões são construídas de maneira sociocultural, e não naturalmente. Dos 60 para cima, porém, é mais difícil alguém ser considerado jovem em qualquer situação, a menos que seus atributos corporais e sua performance consigam convencer do contrário, o que nos remete à ideia da gestão do envelhecimento como responsabilidade individual.

É válido destacar ainda que, por mais absurdo que pareça, no recente ano de 2021, durante a pandemia da covid-19, portanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS) chegou a incluir a velhice na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID)<sup>33</sup>, sem especificar a partir de qual idade valeria a classificação. A imprecisão nesse aspecto chama a atenção, uma vez que a marca cronológica em que as pessoas são consideradas idosas varia entre países. O anúncio foi alvo de críticas de especialistas por possibilitar a camuflagem de determinadas doenças sob o guarda-chuva do envelhecimento, que poderia ser oficialmente registrado como *causa mortis*. Ademais, evidenciava preconceito pela patologização dessa que é apenas uma fase da vida como todas as outras. Devido às críticas, a OMS recuou, alterando o código “velhice” por “declínio da capacidade intrínseca associado ao envelhecimento”, termo também problematizado pela professora da Escola de Enfermagem e da Faculdade de Saúde Pública, ambas da Universidade de São Paulo, Yeda Duarte, em entrevista ao Jornal da USP<sup>34</sup>, ao lembrar que o envelhecimento “é resultado não só do que acontece intrinsecamente, mas também do que

---

<sup>33</sup> *Velhice é doença? Especialistas criticam inclusão na lista da OMS*. Por Constança Tatsch, para O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/velhice-doenca-especialistas-criticam-inclusao-na-lista-daoms-25054474>>. Acesso em 3 de janeiro de 2024.

<sup>34</sup> Após pressão, OMS recua em classificar a velhice como doença. Por Leticia Naome, para o Jornal da USP. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/apos-pressao-oms-recua-em-classificar-a-velhice-como-doenca>>. Acesso em 3 de janeiro de 2024.

acontece extrinsecamente – as condições de vida em que eu vivi, as condições sociais nas quais eu nasci”.

Outro conceito importante de se mencionar é o da Síndrome de Peter Pan. Utilizado de maneira metafórica para se referir ao adulto que se recusa a envelhecer – no nosso caso, Dinho Ouro Preto –, trata-se de uma síndrome descrita pelo psicólogo Dan Kiley (1983). Conforme o autor deixa claro, ela não é uma doença. A definição do fenômeno é de fato simples: uma síndrome que acomete homens adultos, apesar de começar a se manifestar ainda na infância, geralmente de classe média e alta, que recusam-se a crescer. O nome vem do personagem clássico criado por J. M. Barrie, Peter Pan, um adolescente que se opõe com todas as forças à ideia de se tornar adulto, querendo ser um menino e se divertir para sempre. Nas palavras de Kiley, “ele resvalou no abismo entre o homem que não desejava tornar-se e o menino que não podia mais ser” (KILEY, 1983, p. 36). Para facilitar a explicação e compreensão, uma vez que o fenômeno praticamente espelha a vida ficcional do personagem, o psicólogo tomou o nome emprestado para nomear a condição. O autor destaca que uma síndrome é caracterizada por um “conjunto de sintomas expresso por algum tipo de padrão social”. Os sintomas elencados por Kiley associados à recusa do envelhecimento estão ligados aos seguintes fatores: irresponsabilidade, ansiedade, solidão, conflito relativo ao papel sexual, narcisismo e chauvinismo/machismo. Evidentemente, não temos o objetivo de diagnosticar ninguém, mas julgamos importante trazer à tona as características da síndrome para melhor entender o uso da expressão.

Kiley é autor de um livro homônimo da síndrome que nomeou (também referida pela sigla SPP) que se apresenta como uma espécie de guia para leigos, no intuito que qualquer pessoa consiga identificar características da SPP e ajudar as vítimas a se curarem (no caso de pais, mães, companheiras/esposas, público principal do livro, e amigos, irmãos ou parentes) ou tomem atitudes para curarem a si próprias (a obra também se destina às possíveis vítimas, àquelas que conseguem superar o passo inicial de se perceberem em tais condições). Na publicação, o psicólogo apresenta a SPP de maneira detalhada e aponta até mesmo um teste com 20 situações que seria capaz de levar à conclusão se um homem é vítima da Síndrome de Peter Pan. Apesar de parecer tudo muito taxativo em uma explicação rápida, ele toma o cuidado de afirmar que é preciso cautela com o tema, que raramente um sujeito irá apresentar todos os sintomas e que muitas vezes alguém pode apresentar alguns traços sem ser considerado um homem com a síndrome, além de ressaltar que o tratamento psicoterápico é necessário.

Agregando todos os sintomas (irresponsabilidade, ansiedade, solidão, conflito relativo ao papel sexual – que são os que tipicamente se desenvolvem primeiro, a partir dos 12 anos – e narcisismo e chauvinismo/machismo – que costumam a aparecer de maneira mais evidente mais tarde, depois dos 20), Kiley argumenta que os homens com SPP são profundamente tristes, mas maqueiam todos os problemas até para si próprios, exibindo uma falsa alegria. A condição acaba sendo um fardo não só para a própria pessoa, mas para todos que com ela convivem, sobretudo os que são mais próximos, como esposa e filhos. Cabe aqui destacar alguns pontos relevantes deste trabalho, que foi apresentado nos anos 80, pouco tempo depois do sucesso do Complexo de Cinderela<sup>35</sup>, mantendo a estratégia de tomar emprestado o nome de um personagem de ficção famoso para facilitar o entendimento do conceito.

Apesar de não estar explicitamente defendendo homens por comportamentos detestáveis, a obra coloca claramente esses homens que se recusam a amadurecer (muitas vezes de maneira involuntária) no papel de vítimas – vítimas essas que, por comportamentos imaturos e deletérios, acabam fazendo outras vítimas. Dessa maneira, ainda que demonstrem que em determinadas situações é necessário ter uma atitude dura para ajudá-los a amenizar o problema ou a curarem-se, as recomendações do psicólogo são para que se tenha paciência com esses que não querem voltar da “Terra do Nunca”.

Assim, não é despropositado que as mulheres sejam o principal público que o livro mira pois, segundo Kiley, são elas as principais figuras que podem ajudar a tirar o homem do lugar onde Peter Pan vivia na história de Barrie. Claro que ele não descarta a opção delas de simplesmente colocarem fim ao relacionamento, mas só a recomenda depois de terem tentado de tudo para ajudar o companheiro e, por consequência, melhorar o casamento. Um argumento bastante questionável da obra é que o motivo da SPP estar se espalhando tanto à época é que para as meninas já não havia problema em apresentar comportamentos tidos como masculinos, como agressividade, coragem e rigidez; como exemplo, ele diz que não seria considerada “mulher-macho” a menina que desejasse jogar basquete. Isso nos anos 80. Por outro lado, aos meninos não era permitido mostrar delicadeza, fraqueza e expor sentimentos. Sobre os meninos, concordamos em parte e até hoje parece ainda ser assim. Já as mulheres seguem enfrentando preconceito e recebendo críticas quando atuam com características tidas como masculinas. Kiley chega a afirmar:

---

<sup>35</sup> O Complexo de Cinderela foi descrito e apresentado em um livro publicado pela primeira vez pouco tempo antes da obra de Dan Kiley que destacamos, pela psicoterapeuta Colette Dowling, e consiste num quadro de medos profundamente reprimidos que levam as mulheres a não utilizarem sua criatividade e suas capacidades de maneira plena. Desse modo, a mulher com esse complexo, tal como a Cinderela da famosa ficção infantil, espera passivamente pela chegada de algum elemento externo que transforme sua vida. Dowling defende que as mulheres estavam sendo treinadas socialmente para temerem a própria autonomia e serem dependentes.

É irônico e triste que haja considerável apoio político para os movimentos feministas e pelos direitos do homossexual, mas nada se faça para fortalecer o moral do homem que deseja permissão para chorar nos braços da mulher que ama. (KILEY, 1983, p. 44)

Não diríamos que se trata de um autor conservador ou machista, uma vez que seu objetivo não é desculpar as vítimas da SPP, mas sim o combate à condição. Apesar de frases como a citada, a teoria de Kiley pode ser considerada um exemplo do grande mal que o machismo tem causado aos próprios homens.

Por fim, cabe assinalar que a SPP pode ter uma relação com o etarismo, uma vez que ela se liga à negação do amadurecimento e das responsabilidades da vida adulta, por consequência, é uma condição que nega, de certa forma, a velhice, uma fase da vida sequer projetada por homens com a síndrome. De acordo com o psicólogo, por volta dos 30 anos, se a SPP não for resolvida ou controlada, em geral ela causa desalento e uma falta de perspectiva em relação à vida, podendo levar até mesmo ao suicídio. Ou essa sensação pode permanecer, levando a uma vida de tristeza e depressão sem grandes prazeres ou objetivos.

Não foram encontrados trabalhos que buscassem desconstruir ou refutar essa teoria. Aparentemente, ela continua válida no campo da psicologia, sofrendo apenas pequenas atualizações ao longo do tempo. Alguns autores questionam o uso da classificação de síndrome, mas admitem a existência do quadro, nomeando-o como adolescência prolongada ou Geração Canguru, acrescentando que a condição pode atingir também, ainda que em menor proporção, as mulheres (Henriques, 2004) – afirmação com a qual talvez Kiley não concordaria.

Julgamos importante fazer essas breves considerações aqui, uma vez que se trata da origem de uma expressão associada ao nosso fenômeno para se referir à imagem de juventude que carrega, mesmo sendo quase um sexagenário. Entretanto, não faz sentido propor qualquer ligação entre Dinho Ouro Preto e a SPP tal como descrita por Dan Kiley – até porque, para isso, seria necessário um conhecimento do sujeito analisado em nível pessoal para aferir se ele preencheria tais características referentes à síndrome, o que foge completamente ao escopo desta pesquisa. Dessa maneira, apenas apresentamos brevemente a origem do termo “Síndrome de Peter Pan” e ressaltamos que seu uso neste estudo em relação ao líder do Capital Inicial é exclusivamente metafórico.

#### 4. Representação, imagem, estereótipo, enquadramento e performance

Neste momento, é necessário abordar alguns conceitos utilizados no campo da Comunicação que serão fundamentais para a realização da pesquisa. De início, vale destacar que vivemos um momento de crescente midiatização na sociedade. Abordo aqui a midiatização entendida como um processo em que as mídias, tanto as tradicionais, mas principalmente as mais recentes, como as redes sociais, deixam de estar apenas no lugar de simples auxiliares nos processos sociais, e “passam a se constituir uma referência engendradora no modo de ser da própria sociedade, e nos processos e interação entre as instituições e atores sociais” (FAUSTO NETO, 2008, p. 93). Não que a mídia tradicional não tivesse ou tenha o potencial de engendrar elementos nos processos sociais, mas o mundo contemporâneo hiperconectado elevou muito esse potencial, principalmente com o advento e popularização dos *smartphones*, da internet móvel e, conseqüentemente, das redes sociais. Hoje em dia, uma simples foto no *Instagram*, um vídeo no *TikTok* ou até mesmo poucas palavras postadas no *Twitter* (ou *X*, nome escolhido por Elon Musk após comprar a plataforma) podem causar grande impacto social. Nesse cenário, surgem novas possibilidades de representação e construção de imagem de figuras públicas e celebridades. Como consequência desse novo mundo, da mesma maneira que governantes governam por tuítes, e são aumentadas as possibilidades do surgimento de celebridades apenas por aparecerem falando ou dizendo alguma coisa no mundo virtual – e não por exhibir alguma habilidade ou conhecimento específico –, pessoas públicas podem ter sua imagem destrocada por declarações (geralmente tuítes) de anos atrás. O *Twitter* está sendo usado aqui como exemplo porque é baseado em palavras e frases curtas, o que pode fazer com que os usuários nem sempre adotem a cautela necessária antes de postarem suas ideias nessa rede.

Em suma, o controle sobre a imagem de qualquer pessoa, as representações que lhe são associadas na esfera pública, fica mais difícil. Em todos os lugares pode haver alguém com um *smartphone* que pode registrar um momento, por mais fugaz que seja, em que um artista tenha apresentado uma atitude criticável em relação a um funcionário, a um fã, a outro artista. Não é à toa que grandes astros do futebol, por exemplo, promovem festas nas quais proíbem a entrada de aparelhos celulares. E ainda que um vídeo que tenha caído no *Instagram*, no *WhatsApp* ou em outra plataforma possa ser apenas um fragmento que dê a entender alguma coisa que nem tenha acontecido de fato ou apresente uma situação de modo totalmente descontextualizado, aquilo já traz o potencial de destruir uma reputação. É

compreensível que celebridades temam ser a próxima vítima de um "cancelamento"<sup>36</sup> e tentem guiar seus comportamentos e sua exposição pública de modo a evitar que isso aconteça. É quase como se vivêssemos em uma realidade virtual. Isso sem falar no avanço da tecnologia que possibilita a criação de conteúdo enganoso de maneira cada vez mais sofisticada, como o *deepfake*<sup>37</sup>. Isso significa que você pode ser “cancelado” por algo que nem chegou a fazer, mas tem um vídeo circulando por aí que “prova” que você fez.

A escolha do fenômeno a ser observado neste estudo, além do interesse pessoal, se deu porque trata-se de uma personalidade relevante, uma celebridade. Cabe, então, apresentar aqui tal conceito. Celebridade, ídolo e herói são ideias passíveis de problematização e que podem até se confundir, mas não é o caso de ater-se a essa diferenciação no momento. Para França (2014), o conceito de celebridade “diz de alguém que se torna conhecido por muitas pessoas, reconhecido por aquilo que é ou faz, cultuado enquanto uma certa excepcionalidade digna de admiração e reverência” (FRANÇA, 2014, p. 19). Pessoas célebres dão a ver valores, ideias e preconceitos que circulam na sociedade na medida em que

a identificação com as celebridades pode conceder um lugar de acolhimento aos indivíduos nesse cenário móvel, marcado pela fragmentação. Ao se projetarem na trajetória de vida célebres e se posicionarem em relação a elas, os sujeitos manifestam o desejo de endossar certos valores que consideram importantes em sua própria vida, ao mesmo tempo em que podem rejeitar outros” (FRANÇA e SIMÕES, 2014, p. 1078).

Como lembram França e Simões (2014), a experiência na sociedade contemporânea tornou-se fragmentada, num processo que se intensifica desde a modernidade, conforme lembra Charney (2004), aludindo ao pensamento de Benjamin:

Para Benjamin, a irrupção da modernidade surgiu nesse afastamento da experiência concebida como uma acumulação contínua em direção a uma experiência dos choques momentâneos que bombardearam e fragmentaram a experiência subjetiva como granadas de mão (CHARNEY, 2004, p. 323 e 324)

O filósofo se referia naquele momento à existência das massas de pessoas nas ruas, que produzia o choque, não só pelos acotovelamentos e esbarrões, mas pela fragmentação da percepção causada por interrupções bruscas e constantes. Ele ampliaria essa percepção de

---

<sup>36</sup> “A cultura do cancelamento é um fenômeno moderno segundo o qual uma pessoa ou um grupo é expulso(a) de uma posição de influência ou fama devido a atitudes consideradas questionáveis — seja online, no mundo real ou em ambos. É uma espécie de boicote em que um indivíduo, geralmente uma celebridade, que demonstrou uma postura questionável ou controversa, ou que no passado teve comportamento percebido como ofensivo nas redes sociais, é ‘cancelado’”. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura\\_do\\_cancelamento](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cultura_do_cancelamento)>. Acesso em 17 de agosto de 2023.

<sup>37</sup> “Deepfake é uma tecnologia que usa inteligência artificial (IA) para criar vídeos falsos, mas realistas, de pessoas fazendo coisas que elas nunca fizeram na vida real. A técnica que permite fazer as montagens de vídeo já gerou desde conteúdos pornográficos com celebridades até discursos fictícios de políticos influentes” Disponível em <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/07/o-que-e-deepfake-inteligencia-artificial-e-usada-para-fazer-ideos-falsos.ghtml>>. Acesso em 17 de agosto de 2023.

choque para a relação do espectador com o cinema, a partir da sequência de fragmentos fílmicos que caracteriza a montagem. Com o passar do tempo, essa sensação faz só intensificar-se. Na tela dos *smartphones* de hoje, cada um cria seu próprio mundo, a ponto de parecer em certos momentos que nossos pés sequer estão fincados no chão que pisamos, no bairro, na cidade ou no país. Pelas próprias características do aparelho, da dinâmica de seu funcionamento e dos aplicativos nele utilizados, temos mais um fator de fragmentação da experiência. Plataformas como o *Instagram* funcionam com várias imagens estáticas e vídeos curtos – nada mais que uma série mais ou menos aleatória de fragmentos – que se sucedem na tela à medida que a pessoa desliza a ponta do dedo diretamente na tela do celular.

Por paradoxal que pareça, esse local de fragmentação também pode ser um canal de orientação ao sujeito em meio ao caos, papel exercido pelas celebridades. Nesse cenário de desenraizamento, as narrativas das celebridades, sejam por sua atuação profissional, seja puramente por aspectos da vida pessoal – o que em muitos casos se mistura em uma coisa só –, surgem como uma maneira de reenraizar o sujeito, que pode guiar sua atuação na vida social por valores atrelados a figuras célebres. Retomando França e Simões,

A partir das identificações e reconhecimentos que suscitam, assim como dos valores que encarnam, as celebridades podem ser vistas como alguns desses estilhaços simbólicos capazes de sensibilizar os sujeitos contemporâneos no jogo que configura a experiência na era da midiaticização. Como destacamos anteriormente, as celebridades se tornaram um importante polo de identificação do espectador na sociedade contemporânea. (FRANÇA e SIMÕES, 2014, p. 1077)

Dessa forma, as celebridades acabam por promover uma espécie de acolhimento dos sujeitos que, deslocados da sociedade que compõem em maior ou menor grau, encontram abrigo acompanhando a vida, consumindo os acontecimentos da vida de celebridades e fazendo parte de grupos de seguidores daquela figura pública – que podem, inclusive, estar ao alcance dos encontros presenciais ou espalhados pelo mundo, de maneira que o contato se dê virtualmente. Destacamos, então, as dimensões individual e coletiva das celebridades, uma vez que uma pessoa atinge essa posição por características pessoais que projetam sua figura enquanto indivíduo para um sem-número de pessoas, ao mesmo tempo em que ela passa a reverberar questões referentes ao coletivo. Esse é o grande poder de afetação social das celebridades: quando alguém fala dessas figuras, fala também de si mesmo. A partir disso, é possível constituir um vasto panorama de valores que circulam na sociedade, observando como determinado indivíduo ascendeu à condição de celebridade, como se mantém ou não nessa condição e como é cobrado pelos diversos públicos a respeito de suas ações e discursos, por exemplo.

Só é possível para a sociedade, sejam os fãs, sejam os detratores ou os que são indiferentes a determinada celebridade, se relacionar com ela a partir das representações que ela mesma cria ou que são criadas a partir dela e que circulam em diversos meios. Stuart Hall (2016) dedicou-se a explicar o papel fundamental da representação na comunicação. De maneira resumida, “representação diz respeito à produção de sentido pela linguagem” (HALL, 2016, p. 32), conectando ambos à cultura. Simplificando processos bastante complexos para que se tornem inteligíveis, o sociólogo britânico-jamaicano argumenta que para a representação se concretizar existem dois processos envolvidos. O primeiro relaciona todos os objetos, sujeitos e acontecimentos a um conjunto de conceitos ou representações *mentais* que cada um de nós carrega e elas vêm de princípios de organização que operam nos sistemas conceituais. Assim, pessoas que vivenciam a mesma cultura compartilham mapas conceituais a partir do qual guiam suas interações com o mundo ao redor. O segundo sistema de representação traduz um movimento para fora que faz com que possamos compartilhar aquilo que está em nossa mente, o que só pode ser feito através da linguagem.

Chamamos atenção ainda para outros pontos importantes levantados por Hall. Os sentidos que circulam através da linguagem são construídos, produzidos em uma prática significativa, não sendo inerente aos objetos, sujeitos e acontecimentos. Assim, o sentido depende de convenções sociais, culturais e linguísticas, nunca podendo ser fixado de maneira definitiva, o que significa estar sempre em disputa. Dessa maneira, frisamos que para pensarmos em conceitos – como juventude, jovialidade e envelhecimento –, é preciso estarmos atentos ao contexto sócio-histórico-cultural.

Palavras mudam seus sentidos. Os conceitos (significados) aos quais elas se referem também se modificam, historicamente, e toda transformação altera o mapa conceitual da cultura, levando diferentes culturas, em distintos momentos históricos, a classificar e pensar sobre o mundo de maneira diversa (HALL, 2016, p. 59).

As múltiplas representações de pessoas públicas podem ser pensadas em termos de sua imagem pública. Segundo Wilson Gomes, a imagem pública de um sujeito ou grupo pode ser compreendida como “um complexo de informações, noções, conceitos, partilhado por uma coletividade qualquer, e que o caracterizam” (GOMES, 2004, p. 254). O pesquisador destaca que a imagem pública nunca é fixa, pois está em constante construção. “Os posicionamentos assumidos pela figura pública, bem como as relações estabelecidas entre ela e outros atores sociais, atuam nesse permanente fazer-se da imagem pública, o qual se realiza, em grande medida, através da mídia” (SIMÕES, 2011, p. 133). Percebe-se assim o quanto é importante para aqueles que atuam num cenário público (e dependem da aceitação de seu público,

seguidores ou eleitores para se manterem em um lugar de destaque) administrar as representações com as quais se associam e são reconhecidos.

As representações midiáticas de Dinho Ouro Preto (considerando as mídias tradicionais e redes sociais como *Instagram* e *YouTube*) parecem ter feito ganhar força a figura do “Dinho jovem”, que acaba por se ancorar em posicionamentos públicos por ele assumidos e relações que estabelece com outros atores sociais, como a mídia, o público e colegas de profissão. Essas relações passam pelo sistema institucional da comunicação, que inaugura

uma *sociedade da auto-promoção* na qual se percebe a dupla face da nova visibilidade (THOMPSON, 2008): se por um lado, ela traz novas oportunidades aos atores sociais para a constituição da imagem pública, ela também traz riscos para os mesmos, já que o controle sobre os materiais que são disponibilizados é muito mais difícil. Com isso, é necessário um processo permanente de administração e controle da imagem pública no cenário sócio-midiático (SIMÕES, 2011, p. 133). (grifos da autora)

Ainda é oportuno trazer à baila outro conceito importante para as interações entre humanos e entre humanos e objetos, o estereótipo, que está diretamente ligado ao que compreendemos por representação – e constitui, na verdade, uma representação sintética e caricatural. O conceito já é objeto de reflexão nos estudos sobre comunicação de longa data. Walter Lippmann (1922) já tratava do assunto na primeira metade do século XX. Hall (2016) argumentou que a estereotipagem “reduz as pessoas a algumas poucas características simples e essenciais, que são representadas como fixas por natureza” (HALL, 2016, p. 190). Lippmann defendia que os estereótipos eram essenciais para possibilitar a vida moderna, uma vez que é impossível e exaustivo saber de todos os assuntos com detalhes. Por isso, sempre dependemos de relatos de terceiros. Além disso, nossa própria percepção e memória criam versões diferentes de situações que se desenrolam à nossa frente, pois a experiência de cada um é única, baseada nas próprias vivências e nos códigos culturais. A profusão de estímulos e imagens leva à necessidade de organização e conformação dos sentidos, através da constituição de repertórios compartilhados. A estereotipagem atua justamente na tentativa de fixação de significados e criação de símbolos identificadores simples, e podem se tornar um problema na medida em que, ao destacar / omitir aspectos, passam a ser usadas como ferramentas para estabelecer relações de poder.

Lippmann já alertava para esse aspecto nos anos 20, quando refletia que os tipos que as pessoas acessavam através da ficção tendiam a ser impostos à realidade. De acordo com ele, não havia fonte mais importante para os estereótipos do que o cinema naquele momento. O alerta vinha no reconhecimento da necessidade de ter consciência do uso da ferramenta,

saber que estereótipos são apenas estereótipos e que as generalizações absolutas nos levam a sérios problemas.

A incapacidade de estabelecer essa distinção explica enxurradas de baboseiras acerca de espíritos coletivos, almas nacionais e psicologia racial. O estereótipo, de fato, pode ser tão consistente e autorizadamente transmitido, em cada geração, de pai para filho que quase parece um fato biológico. (LIPPMANN (1922) 1972, p. 158).

Hall vai no mesmo sentido ao afirmar que a estereotipagem “implanta uma estratégia de ‘cisão’, que divide o normal e aceitável do anormal e inaceitável. Em seguida, exclui ou expelle tudo o que não cabe, o que é diferente” (HALL, 2016, p. 191). Citando Jacques Derrida, o sociólogo sublinha que nas oposições binárias em que se baseiam os estereótipos há uma relação de dominação embutida. Como exemplos, podemos citar o branco em dominação ao preto, os homens em dominação às mulheres, classe alta acima da classe baixa ou ainda britânicos acima dos estrangeiros. Referindo-se à condição da mulher negra, Patricia Hill Collins (2016) reforça esse posicionamento, trazendo as análises de Mae King (1973) e Cheryl Gilkes (1981), nos lembrando que “os estereótipos são uma representação de imagens externamente definidas e controladoras” (COLLINS, 2016, p. 103) e valoriza a “ênfase dada à função dos estereótipos no controle de grupos dominados” (ibid).

Por fim, lembramos como Lippmann afirmava que os seres humanos só poderiam ver uns aos outros além das classificações nas quais poderiam ser enquadrados nas relações íntimas, num círculo de amigos. Se a vida apressada impunha a distância física que separava indivíduos em contato vital um com outro, como o empregador e o empregado e o candidato e o eleitor nos anos 20, que dizer da relação, por exemplo, entre celebridade e fã no século XXI? Apesar do acesso à intimidade reconhecido como característica de algumas redes sociais, essa relação se dá à distância com a mediação da tela e da plataforma, estando longe de ser considerada íntima nos moldes que apreendemos do texto de Lippmann. Os estereótipos seguem com força nas relações sociais e parecem ter um efeito importante sobre as imagens das celebridades perante o público. Os artistas, por exemplo, até podem passar por fases, mas tendem a ser encaixotados em uma coisa ou outra – “jovem” ou “velho”, “*junkie*” ou “*fitness*”.

#### **4.1. Enquadramento**

A maneira como um indivíduo é percebido (e isso se vê fortemente acentuado no caso das figuras públicas), no entanto, não se faz a partir do indivíduo “em si”, mas apreendido situacionalmente, no bojo das relações que estabelece e dos padrões culturais que regulam tais

relações. Nessas trocas interativas, os sujeitos vão orientar suas ações com base no que chamamos de enquadramento.

O conceito de enquadramento surgiu no contexto da psicologia, com forte ligação com a comunicação, uma vez que a preocupação daquele que o formulou, Gregory Bateson, era aprofundar-se na interação entre paciente e terapeuta para compreender o fenômeno da esquizofrenia. Bateson identifica nas mensagens da interação humana, além do nível denotativo (de conteúdo), os níveis metalinguístico (como a linguagem está implicada no conteúdo) e metacomunicativo (elementos que balizam a relação estabelecida entre os falantes). A partir da conceituação proposta inicialmente por Bateson, Erving Goffman desenvolveu a ideia e a expandiu para além do consultório do psicoterapeuta. O sociólogo define que o enquadramento se refere à estrutura cognitiva que orienta nossa percepção e nossa intervenção no mundo, não só as interações entre pessoas, mas entre nós e os objetos do mundo. Conforme seu pensamento, identificamos o enquadramento quando, diante de uma dada situação, respondemos à pergunta: “o que está acontecendo aqui?”. Toda interação, toda situação vivida socialmente é estruturada conforme parâmetros de sentido e comportamento compartilhados pelos atores/interlocutores. É o enquadramento que orienta (mas não só) o posicionamento dos sujeitos na interação (*footing*, nas palavras de Goffman). Identificar enquadramentos nos permite acessar esses acordos dos sujeitos quanto a uma dada compreensão do mundo e ao compartilhamento de determinados valores.

Mendonça e Simões (2012) chamam atenção para diferentes possibilidades de operacionalização do conceito desenvolvidas ao longo dos anos. Uma delas é a análise da situação interativa, que inclui os estudos do próprio Goffman. Ele investiga de maneira aprofundada como nos deslocamos na vida cotidiana ao longo de sucessivos quadros. Nos portamos de diferentes maneiras em situações até mesmo com as mesmas pessoas, mas com diferentes objetivos e em diferentes lugares, por exemplo. Uma reunião de trabalho pode exigir uma linguagem mais formal e respeitosa, ao passo que um encontro com os colegas de empresa para um *happy hour* pode se dar de maneira mais descontraída. Um adulto pode se ver obrigado a mudar seu posicionamento (*footing*) de maneira rápida, no momento em que para de brincar com uma criança e precisa falar com ela de maneira firme e séria porque precisam sair para um compromisso e se a brincadeira não acabar será gerado um atraso no referido encontro. Essa mesma forma de análise se mostra frutífera para observar fenômenos midiáticos, seja a maneira como um veículo (ou vários deles) noticia um acontecimento, seja na maneira como um programa de TV constrói seus formatos. Nesse sentido, é fundamental a noção de quadros de sentido.

Os quadros de sentido (ou frames) identificam, organizam e dão inteligibilidade às interações vividas; eles situam uma ocorrência vivida dentro de um dado contexto normativo, permitindo aos atores identificar a situação, adequar suas expectativas e orientar sua ação (FRANÇA, 2009, p. 14).

Nessa concepção, são recuperados elementos como personagens envolvidos, o público e a associação a conjuntos de valores e ideias que extrapolam a situação imediata. Foi assim que França analisou em 2009 a cobertura midiática do sequestro da jovem Eloá pelo ex-namorado Lindenberg no ano anterior, que terminou com a morte da adolescente. Na análise, além de identificar os principais personagens envolvidos e a situação do público que acompanhava o caso pela TV, foi possível apontar que o crime foi retratado em um quadro amplo da violência urbana brasileira, mas sem situá-lo a partir do quadro de violência de gênero, tendo a mídia empacotado a história apenas como um drama pessoal do casal e da família da vítima, que perdeu Eloá para sempre, evitando debates mais amplos sobre a sociedade patriarcal e valores machistas em voga na sociedade brasileira. Mendonça e Simões defendem que, nesse tipo de análise, se faz uma aproximação das ideias de enquadramento e contexto, sem confundi-los como sinônimos,

Os quadros são vistos como as molduras que permitem identificar a situação interativa, bem como o envolvimento dos atores ali. Além disso, de alguma forma, eles revelam valores e traços que constituem o contexto social mais amplo de uma sociedade (MENDONÇA e SIMÕES, 2012, p. 193).

Em algumas reportagens e entrevistas que envolvem o cantor Dinho Ouro Preto, percebemos que a temática da juventude é abordada ora com viés negativo ora positivo. Em seus canais no *YouTube* e *Instagram*, o artista parece conseguir trazer esse aspecto de maneira mais positiva, visto que as plataformas lhe possibilitam, em tese, um maior controle do conteúdo disponibilizado em relação a narrativas produzidas por terceiros. Para a pesquisa proposta, além de materiais jornalísticos, estamos trabalhando com conteúdos não jornalísticos, mas que podem ser interpretados por meio do mesmo conceito, até por serem veículos pautados na lógica da interatividade com o usuário, de modo que temos ali interações comunicativas, ainda que não pautada por aspectos jornalísticos. Desse modo, me filio à concepção adotada nos estudos do Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (Gris UFMG), considerando o enquadramento como algo que evidencia “o formato ou a proposta da relação, que se superpõe e negocia com o conteúdo tratado nas interações, respondendo, ambos os níveis, pela significação final produzida na interação” (FRANÇA; SILVA; VAZ, 2014, p. 139).

## 4.2. Performance

A teoria de Goffman focada nas interações sociais, sobretudo face a face, as representações da vida cotidiana, a identificação e adequação dos enquadramentos, nos levam quase que naturalmente ao conceito de performance. De maneira simplificada, resumimos a performance como administração de nosso desempenho frente aos outros: “Mostrar-se fazendo é performar: apontar, sublinhar e demonstrar a ação” (Schechner, 2003, p. 26). Então, mais do que fazer, que, para Schechner, é “atividade de tudo que existe”, a performance reside em uma exibição da ação. Por isso mesmo, ele afirma que ela não está “em” nada, mas “entre” algo. A ideia de performar uma ação para si mesmo diante do espelho parece estranha, a não ser que se trate de uma preparação, um ensaio para repetir aquelas palavras, movimentos ou o que quer que seja diante de outra(s) pessoa(s). Portanto, a performance não só permeia nossas relações interpessoais cotidianas, como, evidentemente, compõe a esfera das artes e o campo ritualístico. Assim, a performance diz respeito tanto a um atendente na padaria quanto a um cantor no palco ou um padre na missa.

Alain Ehrenberg (2010) explora esse conceito a partir dos campos esportivo, empresarial e do consumo. A confluência desses três discursos dão a base do que ele chama de culto da performance, que emerge na década de 80 com a ascensão acentuada do individualismo e a exaltação generalizada da figura do empreendedor. No esporte, se fortalece a mensagem de que os melhores sempre vencem, enquanto no consumo é estimulada a crença de que as necessidades próprias devem ser atendidas, aplacando uma possível culpa com a justificativa de que o indivíduo deve desfrutar de si mesmo. No contexto empresarial, ter sucesso se torna sinônimo de empreender, ser obstinado e correr riscos, vivendo na incerteza. Esta passa a ser o modelo a ser seguido, tanto nas esferas citadas como na vida em geral.

Os exemplos de empreendedorismo passam a ser fatores motivadores até mesmo para quem está desempregado. A crença nesse discurso leva o indivíduo a se ver completamente responsável por si mesmo, sem levar em conta os aspectos sociais e comunitários. O que se persegue é não depender do Estado para satisfazer necessidades básicas, muito menos para alcançar objetivos grandiosos. Os exemplos também dão essa dimensão – do sujeito sem origem e sem história que responde por e representa somente a si mesmo, como Bernard Tapie, empresário francês de família proletária que enriqueceu obtendo sucesso em vários ramos de atividade econômica. A performance aqui é entendida como essa habilidade de construir a própria trajetória, ter sucesso e ser reconhecido entre os melhores, superando quaisquer adversidades, internas e externas. O empreendedor cria condições, ao invés de ser refém das circunstâncias.

Lembremos que a performance ocorre em oito tipos de situações descritas por Schechner, isoladamente ou se encaixando em mais de uma delas simultaneamente: na vida diária, nas artes, nos esportes e outros entretenimentos populares, nos negócios, na tecnologia, no sexo, nos rituais (sagrados e seculares) e na brincadeira. A ideia de boa performance em várias situações acaba agregando elementos do mundo dos esportes (como a figura do/da atleta sexual) e dos negócios (alta produtividade) ou ainda dos rituais (como ser um deus ou deusa em alguma atividade) e das artes, quando se valoriza a beleza estética ou o impacto que provoque emoções. No mundo do culto à performance, defende Ehrenberg, o empreendedorismo se tornou um ideal de massa convincente, acabando com a legitimidade das hierarquias instituídas de maneira automática pelo nascimento.

Ter sucesso era uma liberdade ilusória, atribuída formalmente a todos e desmentida, constantemente, na realidade cotidiana. Ao se tornar convincente, essa ilusão transformou-se em norma. Hoje, cada um, independentemente de onde venha, deve realizar a *façanha* de *tornar-se* alguém por meio de sua própria singularização. Essa exigência implica não em uma identificação com um modelo superior estabelecido *a priori*, mas – com o pobre sendo livrado de sua indigência e o capitalista do capital – em forjar seu próprio modelo: ser bem-sucedido em ser alguém é empreender tornar-se si mesmo. (EHRENBERG, 2010, p. 171 e 172).

O livro do francês data originalmente de 1995 e ele lançava um olhar sobre seu próprio país, mas também acaba dizendo muito da sociedade ocidental. Quando pensamos sua teoria nos dias atuais, fica evidente que a inundação da vida cotidiana pelas redes sociais exacerba o culto da performance. Além de classificar tipos de performance, Schechner defende que qualquer evento, ação ou comportamento poderia ser examinado “como se fosse” performance. Lançar-se nesse movimento nada mais é do que investigar o que esse objeto, obra ou produto faz, como interage ou se relaciona com outros objetos e seres. Exemplo instigante apresentado pelo autor é o mapa mundi de Mercator. Como qualquer mapa, é uma maneira particular de representar um espaço aproximadamente esférico (a Terra) em uma superfície plana e em escala extraordinariamente reduzida. Assim, o mapa do cartógrafo, desenvolvido no século XVI, “distorce o mundo escancaradamente em favor do hemisfério norte. Quanto mais ao norte, maior parece ser o território” (SCHECHNER, 2003, p. 40). Assim, a Espanha tem tamanho equivalente ao do atual Zimbábue, a América do Norte é muito maior que a do Sul, a Europa ocupa um quarto da área da África, que por sua vez parece ser quase do mesmo tamanho da Groenlândia – quando, de fato, destaca o autor, o continente é cerca de catorze vezes maior.

Do mesmo modo que o mapa de Mercator pode ser visto como se fosse uma performance, podemos dizer o mesmo de um perfil no *Instagram*. Aquele era o mundo tal

como os poderes coloniais queriam que ele fosse visto. O perfil na rede social de uma celebridade vai mostrá-la tal qual ela deseja ser vista, evidentemente com a adição de fatores que tornam a operação mais complexa, mas não inválida. Diferente do famoso mapa, o *Instagram* exige atualização constante de conteúdo e abre espaço para os comentários de outras pessoas, o que ainda vamos explorar nesta pesquisa. As redes sociais se constituem num interessante campo para explorar o indivíduo como empreendedor de si mesmo. Retomando a ideia do empreendedor como alguém que cria condições para si próprio, ao invés de ficar refém delas, ele pode se lançar em qualquer aventura, até mesmo desafiar o tempo no “empreendimento” de não envelhecer. Como afirma Castro (2022), esse domínio da vida também passou a ser uma escolha puramente individual, a partir da qual seremos julgados como bem-sucedidos ou fracassados – o que é ilusório, visto que a maneira como se envelhece (assim como o “sucesso” em outras situações) depende de vários fatores que vão além de esforços individuais, como origem, raça, renda, gênero, classe, localização geográfica etc.

Destacamos ainda, a proposição das sete funções da performance (Schechner, 2003): entreter; fazer alguma coisa que é bela; marcar ou mudar a identidade; fazer ou estimular uma comunidade; curar; ensinar, persuadir ou convencer; lidar com o sagrado e com o demoníaco. Para o autor, “Nenhuma performance exerce todas essas funções, mas muitas enfatizam mais de uma” (SCHECHNER, 2003, p. 46). Pontos importantes para serem prensados em relação às performances de Dinho Ouro Preto, tanto do ponto de vista musical, quanto nas redes sociais e entrevistas.

## 5. Metodologia

Recapitulando, nossa investigação tem como fenômeno o vocalista e compositor Dinho Ouro Preto, de 59 anos, conhecido por ser líder do Capital Inicial, banda de Brasília na estrada desde os anos 80. Resumimos o problema de pesquisa na pergunta: Como são construídas as imagens e representações do cantor Dinho Ouro Preto no que se refere ao aspecto da jovialidade? Essa questão será trabalhada a partir das interações que envolvem essa celebridade no contexto da sociedade contemporânea midiaticizada. Nos locais específicos onde essas interações serão observadas, vamos nos atentar para os enquadramentos e posicionamentos (*footings*) acionados, produzidos pelo próprio cantor, pelo público e pelos veículos de mídia que retratam Dinho, e realizar uma análise comparativa desses enquadramentos.

### 5.1 Corpus

Para cumprir os objetivos propostos neste estudo, será necessário observar Dinho Ouro Preto em situações em que possamos captar de que maneira a jovialidade se faz (ou não) presente em sua performance pública. Daí partimos para duas perguntas: onde? – que vai indicar o nosso corpus – e como? – que vai apontar para os procedimentos da nossa metodologia.

Na constituição do corpus recortamos dois tipos de material: postagens no Instagram e músicas identificadas com o sentido de juventude.

Como a pesquisa está diretamente relacionada a uma questão de percepção de tempo, de idade, elegemos como marco cronológico principal o ano de 2014, quando Dinho Ouro Preto completou 50 anos. A partir desse ano temos o cantor marcando presença no *Instagram*<sup>38</sup>, uma das redes sociais mais usadas do Brasil. Seu perfil nela vai fornecer material para o corpus.

Os tipos de conteúdo que o cantor posta na rede social são os seguintes:

- Atividade física: corridas no Parque do Ibirapuera (que são a maior parte), ciclismo, academia, em *selfies* ou fotos de corpo inteiro, com comentários sobre desempenho, quilometragem percorrida e músicas que coloca para escutar durante esses momentos.
- Famosos e efemérides: imagem de uma personalidade, geralmente do mundo da música, ou algo que simbolize uma efeméride, sempre com legenda sobre a

---

<sup>38</sup> O perfil @dinhoooupreto na rede social foi criado em outubro de 2013, mas a primeira postagem data de 7 de janeiro de 2014. Disponível em <<http://instagram.com/dinhoooupreto>>. Acesso em 10 de setembro de 2023.

celebridade ou a data. Isso inclui aniversários e mortes (e aniversários de morte) de estrelas principalmente do rock, da música em geral, da política, etc.

- Carreira musical e Capital Inicial: registros, anúncios e fotos de shows recentes, momentos no estúdio, gravações, lançamento, no camarim, em algum evento, com outros músicos, projetos da banda e da carreira solo.
- Intimidade: fotos da família, filhas, filho, esposa, pets, cachorros, aniversários, em casa, no home-studio, no sítio.
- Apoiando alguma causa: Vídeos, pedidos de doações, expressando posicionamentos.

A média de comentários no perfil varia, mas a maioria das postagens fica na casa das centenas. São poucas as que passam de mil, como ocasiões em especiais representadas por datas como o aniversário dele. Contudo, é patente a maneira como as postagens sobre política são as que mais reúnem reações dos internautas. Para se ter uma ideia, o vídeo em que Dinho agradece a Justiça Eleitoral pela organização das eleições postado no dia 1º de outubro de 2022 teve mais de 3.700 comentários. Uma charge do New York Times expressando críticas ao presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, quando veio ao Brasil em 2023, replicada pelo artista em seu perfil, puxou mais de 3.800 reações. Já a foto publicada no mesmo dia do agradecimento à Justiça Eleitoral que mostra o vocalista fazendo o “L” com a mão, gesto de apoio ao então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, que seria o vencedor daquele pleito, teve cerca de 7.600 comentários, enquanto o vídeo postado no dia 28 de outubro, pedindo voto contra Bolsonaro no segundo turno em nome da democracia, ultrapassou os 10 mil.

A seleção que fizemos inclui cinco recortes temporais de postagens: um que reúne aquelas publicações feitas em diferentes aniversários do cantor e tematizam a comemoração da nova idade, e outros quatro que retratam aspectos importantes para a imagem do cantor ao longo do tempo (quando ele entrou para a casa dos 50 anos; quando ele deixou o cabelo crescer um pouco, depois de décadas mantendo o cabelo curto; quando ele trouxe à tona, em 2021, fotos dele mesmo do início dos anos 2000; quando ele demonstrou o papel da atividade física e da corrida em sua rotina).

O outro material recortado, que se apresenta em uma linguagem totalmente diferente, são algumas músicas do Capital Inicial, privilegiando suas letras mas também comentários em torno das mesmas (do próprio cantor, de críticos). Consideramos que o *rock* tem uma ligação importante com a juventude desde suas origens, no exterior e também no Brasil, e que as canções carregam valores que são associados à figura de quem as canta, ainda mais sendo várias delas compostas pelo próprio Dinho. A associação não é necessariamente biográfica,

mas compõem um grupo de representações de juventude que podem ser comunicadas por intermédio das canções. Entre músicas da banda que têm relação clara com questões de juventude em algum aspecto, citamos “Natasha”, “Quatro vezes você”, “A vida é minha (Eu faço o que eu quiser)”, “O mundo” e “Eu nunca disse adeus”. Defendemos que as canções e suas letras também podem ser analisadas do ponto de vista da interação e podemos acessar o que elas invocam em algumas pessoas por meio dos comentários aos videoclipes de canções postados no canal do Capital Inicial no *YouTube* e a vídeos dedicados exclusivamente a contar a história de cada música, principalmente no canal da banda.

## 5.2 Apresentação dos recortes temporais e canções

Para a análise relacionada ao Instagram, selecionamos cinco recortes temporais das postagens do perfil do cantor na plataforma, @dinhoouropreto, ao longo de um período de quase dez anos que se relacionam mais diretamente com a questão de idade e jovialidade, a partir de seus 50 anos, como mencionado. O perfil no *Instagram* segue ativo até a presente data, mas o período que foi considerado para este trabalho vai de 07/01/2014 (data da primeira postagem) a 31/12/2022. Esse período foi investigado com a seleção de alguns momentos significativos da vida do cantor, ligados a aspectos importantes para as representações de juventude, sobretudo associadas à aparência física. Com base em uma grade analítica, direcionamos nosso olhar para as fotos postadas, a legenda do autor e alguns comentários dos seguidores pertinentes à grade. Apresento brevemente os recortes temporais:

**Recorte 1** - Aniversários - 27/04 de todos os anos entre 2015 e 2022 - Esse grupo reúne exclusivamente aquelas postagens feitas pelo cantor para falar diretamente sobre seu aniversário, 27 de abril. São oito aniversários entre 2015 e 2022 (o de 2014 já está incluído no recorte 2) e se configuram como materiais empíricos importantes porque marcam a mudança de idade e podem trazer, por vezes, reflexões e comentários sobre o envelhecer, a juventude e a passagem do tempo. Contudo, esses tipos de comentários foram feitos em apenas quatro postagens de aniversário, que foram então recortadas para nosso corpus. Ademais, vale ressaltar que também é significativa a ausência, nas demais postagens (que incluem as dos anos mais recentes de 2020, 21, 22 e 23), de comentários sobre a idade, apesar de no último 27 de abril, Dinho ter completado 59 anos. Notamos que quando ele mesmo incluiu na legenda da foto algum comentário sobre o assunto, o público teceu reflexões a respeito.

**Recorte 2** - ‘Cinquentão’ - 25/04/2014 a 09/05/2014 (15 dias, com 15 postagens) - Foram escolhidas quatro postagens desse período por estarem próximas ao aniversário de 50 anos do cantor, incluindo a própria data, marco que foi apresentado neste trabalho como o

início de nossa investigação. As quatro fotos escolhidas foram justamente pela proximidade do aniversário e as de alguns dias logo depois, uma vez que nosso interesse é atentar para os sentidos que estavam em voga nesse marco de meio século de vida. Cabe ressaltar que o *Instagram* é uma rede em que a maior parte dos comentários de uma postagem costumam ser feitos, em geral, pouco depois do momento da publicação, enquanto o post ainda é uma “novidade”. Dessa maneira, acreditamos que os comentários, em sua maioria, captam o efeito “do momento” de determinada foto ou vídeo. As outras onze postagens que não foram selecionadas serão comentadas brevemente e trazem um pouco da rotina de Dinho nos bastidores de ensaios com o Capital Inicial e do programa SuperStar, no qual ele atuava na época.

**Recorte 3** - Mudança de visual - 23/09/2017 a 27/12/2017 (92 dias, com 65 postagens) - Foram escolhidas seis postagens desse período (duas de cada mês). O período é mais longo, mas ele acompanha um episódio significativo, que foi uma mudança no visual de Dinho Ouro Preto ligada ao cabelo. Depois de usar o penteado curto e espetado desde o início dos anos 2000, quando a banda estourou com o Acústico MTV, ele deixou o cabelo crescer de meados de 2017 até dezembro do mesmo ano, o que teve impacto importante na percepção do público justamente na identificação da imagem do cantor com sua jovialidade. Então, o período é mais longo no intuito de acompanhar esse cabelo crescendo enquanto ele durou, até o próprio artista colocar a tesoura em ação em vídeo publicado em dezembro daquele ano. Como este recorte temporal se estendeu, para que possamos ter uma noção geral de como isso se deu ao longo de três meses, foi necessário selecionar mais posts.

**Recorte 4** - Atletismo e fotos do passado (ou do presente?) - 01/02/2021 a 28/02/2021 (28 dias, com 16 postagens) - Foram selecionadas quatro postagens desse período que seguem no sentido de mostrar o cantor em atividade física, ainda com as restrições nas cidades por conta da pandemia da covid-19 e algumas fotos antigas, tiradas no começo dos anos 2000. Portanto, elas são interessantes para ter noção de como essa passagem de tempo é comentada duas décadas depois, além de possibilitar a observação de um aspecto importante na vida pública de Dinho, as corridas e o ciclismo.

Para a análise da parte musical, escolhemos três álbuns de valor significativo da segunda fase da discografia do Capital Inicial, que serão contextualizados na época de seus lançamentos, e uma música representativa em cada álbum: "Natasha" - "Acústico MTV" (2000), "A vida é minha (Eu faço o que eu quiser) - "Eu nunca disse adeus" (2007) e "Tudo vai mudar" - "Sonora" (2018). Os objetos empíricos a serem escrutinados serão detalhados nos capítulos oportunos, mas incluem a própria peça musical e suas letras, videocliques das

músicas, vídeos em que o próprio Dinho Ouro Preto fala sobre a composição de uma das canções, além de alguns textos com características de reportagem e crítica musical que abordam os lançamentos dos discos pouco depois de terem se efetivado. Também integram o corpus comentários de internautas sobre os vídeos e sobre o material jornalístico.

### 5.3 Procedimentos analíticos

O *corpus* extraído do universo empírico será investigado a partir de uma análise de enquadramento. A análise de enquadramento proposta nesta pesquisa deve atentar-se tanto para a situação ou o contexto pragmático da interação (a maneira como os atores agem e se posicionam um em relação ao outro) quanto para o conteúdo dos discursos, como defendem Mendonça e Simões (2012), explorando a conexão entre os planos denotativo e metacomunicativo das interações humanas. O plano denotativo se refere aos conteúdos tratados, às formas de expressão e outros indicadores presentes na interação; o plano metacomunicativo é onde reside a significação final produzida na interação.

Tal análise vai orientar qual é a situação proposta (se uma entrevista, um depoimento para o canal, uma foto postada no *Instagram*, um videoclipe, comentário de internauta, etc.), considerando o conteúdo (de que se fala), quem participa da situação (quem fala a quem) e qual postura é adotada pelos participantes. Tanto nos depoimentos de Dinho, entrevistas com ele como em reportagens jornalísticas falando sobre ele serão investigados os discursos (a maneira como determinados temas são tratados e compreendidos ali), mas também os elementos que envolvem a relação entre os atores envolvidos (que diferem em cada um dos tipos de material ou enquadres), as ações e os posicionamentos (*footing*), de forma a captar a significação final produzida em cada situação analisada: de que juventude se fala ali, quais posturas de Dinho que caracterizam (ou não) sua jovialidade. A análise será feita baseando-se na grade analítica apresentada a seguir.

<b>Quadro 1: Grade analítica: Quadros-referência sobre juventude</b>	
1) Enquadramentos e posicionamentos de Dinho Ouro Preto	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Como Dinho se apresenta, considerando aspectos físicos/visíveis (postura corporal, roupas, acessórios, corte de cabelo, roupas, linguagem gestual e verbal)?</li> <li>b) Como Dinho se posiciona em relação à sua idade cronológica?</li> <li>c) Como Dinho se posiciona em relação à sua juventude citada por outros?</li> </ul>
2) Enquadramentos dados pelo público	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Como o público está posicionando/enquadrando Dinho?</li> </ul>
3) Confrontar os enquadramentos dados por Dinho e pelo público	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Que sentidos e valores se opõem ou se confirmam?</li> <li>b) O enquadramento de Dinho contrasta com o do público?</li> <li>c) Enquadramentos do público podem interferir no posicionamento de Dinho? Como?</li> </ul>

Essa grade será utilizada na análise das postagens no *Instagram*. Para a análise de enquadramento das músicas, propomos uma pequena adaptação.

1) Enquadramentos e posicionamentos de Dinho Ouro Preto/Capital Inicial com relação ao tema juventude	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Como essa música aborda aspectos ligados à juventude e à adolescência?</li> </ul>
2) Enquadramentos dados em falas e explicações sobre a composição da música e sobre a criação dos álbuns	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Como é apresentado o discurso de Dinho sobre a canção?</li> <li>b) Quais inferências são possíveis entre o discurso sobre a canção e a canção?</li> </ul>
3) Enquadramentos dados pela mídia	<ul style="list-style-type: none"> <li>a) Como as músicas/álbuns são analisados por jornalistas/críticos e críticas musicais?</li> <li>b) Qual discurso os jornalistas constroem sobre os álbuns e suas faixas em relação ao tema da juventude?</li> </ul>

4) Enquadramentos dados pelo público	a) Como o público se posiciona em relação à canção e à banda? Quais sensações e sentimentos ela evoca?
5) Confrontar os enquadramentos dados por Dinho e pelo público	a) Que sentidos e valores se opõem ou se confirmam? b) O enquadramento de Dinho contrasta com o do público? c) O enquadramento midiático contrasta com o do público?

## 6. Quem é o Dinho que vemos no *Instagram*?

Nossa análise começa pelo perfil do cantor no *Instagram*, uma das redes sociais mais utilizadas no Brasil. Sua dinâmica de funcionamento é baseada em imagens, principalmente estáticas, mas também vídeos, e na interação entre os usuários. Celebidades, ainda que não tenham conquistado a fama por meio dessa rede ou de outras, como os chamados *influencers*, geralmente marcam presença no “insta” e têm um número considerável de seguidores. Outra característica marcante da plataforma é que os conteúdos, em maior ou menor medida, dependendo de cada perfil, são geralmente relacionados à intimidade, à vida pessoal, o que se reflete também nos comentários de fãs, que muitas vezes se dirigem aos seus ídolos como amigos íntimos. Isso também se reflete nos tipos de fotos postadas, predominando as *selfies*. Olhar para o perfil de Dinho no *Instagram* é, então, se atentar para maneiras como ele quer ser visto enquanto pessoa pública, enquadramentos que propõe para sua persona. Ao mesmo tempo, é possível trabalhar com as percepções que o público constrói a partir do material postado, destacando que, nesse caso, o público diz respeito majoritariamente aos fãs do cantor.

### 6.1 Recorte 1 - Aniversários - Todos os dias 27/04 de 2014 a 2023 (10 postagens)

Este recorte reúne postagens do cantor dedicadas ao próprio aniversário de cada ano desde 2014, quando foi criado seu perfil na rede. Para a análise, foram escolhidas 3 fotos, a dos aniversários de 2017, 2018 e 2020 (o de 2014, de 50 anos, foi selecionado para o recorte temporal 2). Nessas postagens, Dinho faz uma legenda que inclui referências e reflexões sobre a passagem do tempo e a mudança de idade. É justamente nesses casos que esses temas relacionados à juventude e envelhecimento são mais comentados pelos seguidores. Já nas postagens dos anos de 2019, 2021, 2022 e 2023, as reações dos seguidores estão mais ligadas às felicitações tradicionais de aniversário – o que nos leva a destacar essa diferença relevante: aparentemente, a idade não é comentada quando não citada pelo artista.

Foto 1 - 27/04/2017 (14 mil curtidas e 1200 comentários em 13/10/2023)<sup>39</sup>



Essa *selfie* mostra o artista em seu aniversário de 53 anos, no início de uma fase em que deixou os cabelos crescerem, o que é perceptível pelo fato de que eles não estão tão curtos quanto de costume. Ele usa óculos de grau e sorri com a boca fechada, está usando camiseta preta. Não é possível saber o local onde está, o que não tem muita importância neste caso, mas, sim, a legenda da postagem:

caraca-não paro de ficar mais velho.....tá acontecendo com vcs tbm? ok, não resisti à piada infame. na verdade hoje quero agradecer a todos meus amigos que me escreveram e me mandaram mensagens. me sinto uma pessoa com sorte por ter perto de mim tanta gente generosa. recebi um zilhão de mensagens e portanto é possível q eu não consiga responder a todos, mas saibam que li tudo que vocês postaram. muito obrigado, boas vibes e vamos comemorar...

A primeira frase nos remete às afirmativas de que Dinho não envelhece e que “melhora” à medida que o tempo passa, repetidas em diversas ocasiões, inclusive na postagem de comemoração de seu aniversário de 50 anos, em 2014. Apesar dessa associação indireta, a piada infame à qual ele se refere é sobre o fato evidente de que física e biologicamente todas

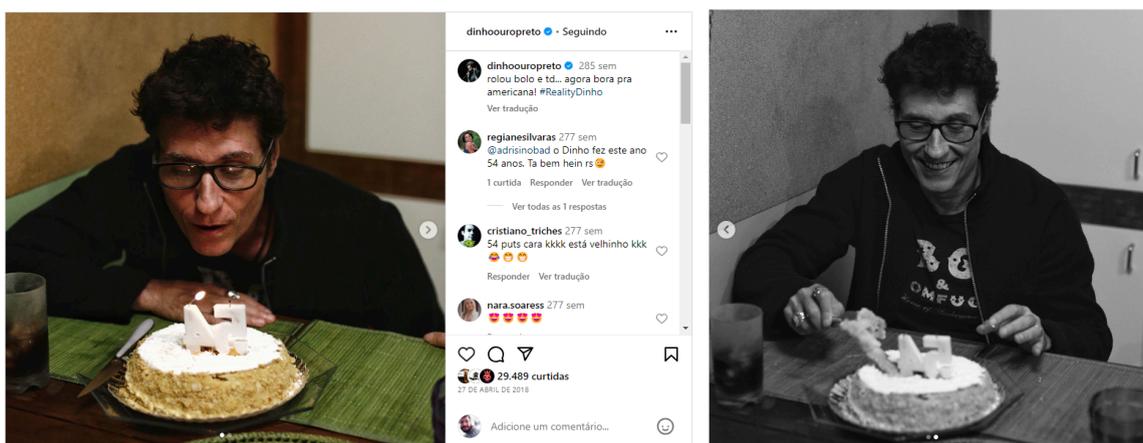
<sup>39</sup> Disponível em <[https://www.instagram.com/p/BTZvAWUB\\_YT](https://www.instagram.com/p/BTZvAWUB_YT)>. Acesso em 1 de outubro de 2023.



um número, apenas um detalhe, que não faz diferença para Dinho, que a cada ano que passa continuaria “igual” para alguns ou “melhor”, para outros. São muitos, ainda, os internautas que destacam a cara e o jeito de menino do ídolo ou elogiam sua beleza.

Partindo de uma reflexão óbvia/piada do cantor a respeito da passagem do tempo, Dinho não nega seu processo de envelhecimento, mas também não cita que estava completando 53 anos. Se limitando apenas à exibição de seu rosto jovial na *selfie* e há poucas palavras nas quais também agradeceu as felicitações recebidas, o post também foi visto por uma seguidora como um pedido por elogios, que ela atendeu afirmando que o rock and roll é a fonte da juventude do artista. Em suma, o envelhecimento não foi associado de maneira negativa ao astro do *rock*, pelo menos nos primeiros 200 comentários que analisamos em uma postagem que tem mais de 1200, – ele foi negado, relativizado ou reconhecido de alguma maneira positiva.

**Foto 2 - 27/04/2018 (29 mil curtidas e 1300 comentários)<sup>40</sup>**



Essa postagem traz duas fotos de Dinho. Na primeira, em cores, ele apaga as velas de números 5 e 4 de um pequeno bolo de aniversário. A outra, em preto e branco, mostra o momento em que ele corta um pedaço do doce com um largo sorriso em que mostra os dentes. A comemoração parece ser modesta, na cozinha de casa, e a legenda é sucinta: “rolou bolo e td... agora bora pra americana! #RealityDinho”. Essa hashtag se refere a quatro postagens sobre sua vida privada que o cantor fez no dia do aniversário de 54 anos e se referem a um passeio com o cachorro, musculação na academia, gravação de vocais no estúdio e o bolo em família. A menção à Americana é porque o Capital Inicial se apresentaria na cidade naquela mesma noite de comemoração.

<sup>40</sup> Disponível em <[https://www.instagram.com/p/BiGF41Njkvq/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/BiGF41Njkvq/?img_index=1)>. Acesso em 1 de outubro de 2023.

Nessas fotos, as velas ganham destaque revelando a idade que simbolizam, uma diferença em relação ao ano anterior quando os 53 anos não haviam sido mencionados. Ainda que ele apareça sozinho na imagem mais uma vez, a utilização da #RealityDinho remete à comemoração caseira em família, apresentada como um evento modesto. Sem uma palavra que remeta ao estar ficando “mais velho”, apenas as velas cumprem esse papel. Mais uma vez foram observados os cerca de 200 comentários mais recentes dentre os mais de 1.300 feitos.

(...) o Dinho fez este ano 54 anos. Ta bem hein rs

54 puts cara kkkk está velhinho kkk 😄😄😄

54 com jeito de 30!!!! Milagres do rock....

Parabéns fera parece que tomou formol ...

Um jovem de 54 anos...

👏👏 54 com cara de 20 kkkk ta mais conservado que a galera da Minha Banda kkkkkk

54 turbo MEUS PARABÉNS DINHO!

54 anos com esta cara e energia de 30, parabéns Dinho, que Deus abençoe hoje e sempre!!!

Parabéns Dinho, 89 anos kkkkkkkkkkk 🇧🇷❤️ brincadeira. Muitos anos de vida, que Deus te proteja sempre de todos os males dessa vida. Obrigada por existir ❤️

Parabéns, vc está muito bem para quem fez 54 anos! Que vc tenha muita saúde e que a sua carreira musical seja tão longeva quanto do Mick Jagger! Bjão!

Tá ficando velhinho 😊

Rostinho de 40 e corpinho de 25

54??? Uqqqqqqq????

54 meu deus! Tá bem demais

45 ou 54?

Um ponto de destaque foi a idade completada, 54 anos, que surpreendeu algumas pessoas, provavelmente aquelas que não sabiam ao certo a data de nascimento do cantor. Outros seguidores fizeram comparações entre a idade real e a aparente, corpo de 30, cara e energia de 30, corpo de 25, ou ainda 45, numa possível associação ao fato da foto mostrar as velas em ordem invertida (ou porque o 54 está de frente para o aniversariante ou porque a foto está sendo exibida de forma espelhada). Há também a tradicional associação ao formol para destacar que ele mantém a aparência conservada e elogios diretos do tipo como ele está bem para idade. Em um deles, vale destacar a comparação com Mick Jagger, líder dos Rolling Stones, um dos ícones mais longevos do rock mundial que é frequentemente exaltado como roqueiro “eternamente jovem”. Jagger é quase 21 anos mais velho que Dinho, tinha 74 à época e completou 80 em 2023. Um internauta brinca que o curitibano estaria completando 89

anos, destacando o fato da idade real ser considerada avançada, o que não é confirmado na aparência. A comemoração em família é vista com simpatia.

Ainda que não seja uma informação escondida – hoje confirmamos a idade de qualquer celebridade em segundos na *Internet* – é relevante o fato de Dinho deliberadamente demonstrar que estava completando 54 anos, até mesmo realçando o contraste entre a aparência associada a uma idade muito mais baixa por grande parte dos seguidores. Lembrando que essa postagem se deu poucos meses depois da fase em que o cantor manteve o cabelo um pouco mais comprido, cortando-o ele mesmo em dezembro do ano anterior (os *posts* relacionados a esse momento também fazem parte do corpus de análise desta pesquisa), quando Dinho foi muito criticado e houve pedidos para que ele voltasse a ter um penteado “jovem”. Em comparação, a publicação de aniversário de 54 anos pode ter tido um efeito praticamente oposto às citadas. Aqui, a jovialidade associada à fisionomia, ao corpo e à energia do cantor é exaltada, visto que há uma significativa percepção de surpresa com relação à idade comemorada.

**Foto 3 - 27/04/2020 (29 mil curtidas / 2500 comentários)<sup>41</sup>**



<sup>41</sup> Disponível em <[https://www.instagram.com/p/B\\_fYJrtgEOx](https://www.instagram.com/p/B_fYJrtgEOx)>. Acesso em 1 de outubro de 2023.

Na imagem, Dinho aparece de corpo inteiro em sua casa de campo, com um gramado, árvores, cadeiras de mesa e um guarda-sol ao fundo. Ele exibe um sorriso aberto e está olhando para o lado, usando uma camiseta (sempre) preta com uma estampa relacionada a rock, um bermuda jeans azul e tênis preto da marca Vans, sua preferida, bastante usada por skatistas. O cantor tem uma relação com esse universo e essa cultura, mas não anda de skate com frequência. Se fosse apenas pela foto e pela legenda, não saberíamos com certeza que se trata do aniversário dele, só para quem sabe a data. O texto diz: “sou só eu ou o tempo passa cada vez mais rápido pra vocês tbm?”. Dinho completou 56 anos no dia.

Mais uma vez, como são mais de 2.500 comentários, nos concentramos nos 200 mais recentes. Além das tradicionais felicitações

Definitivamente o tempo não passa pra vc, Dinho. Vc tá exatamente igual desde a década de 80, 90.. 

Parabéns meu rei,o tempo passa rápido,mas, não para vc! Te amo 

O tempo passa rápido, mas os efeitos dele não. Parabéns!!!!

Você será sempre esse menino alegre que nos faz feliz 

parabens dinho e tem muita estrada pela frente

Mas vc tem o privilegio de permanecer c ares de garoto 

Tá zero bala Dinho! 

Parabéns! Você venceu o corona vírus e agora é só comemorar. Feliz aniversário!

Anda passando rápido sim... Mas a passagem do tempo é uma das coisas mais lindas de se ver... Feliz aniversário! Vida longa e próspera! !\//

Parabéns querido! Passa para todos, mas para você parece mais ameno e lento. Que seu Novo Ano seja repleto de muita, mas muita saúde mesmo, sucesso , inspirações e muitas felicidades junto da sua família linda! Desejo de uma fã , desde o tempo do Vento Ventania. Minha filha hoje com 29 anos nasceu cantando esta música, e canta até hoje! 

Lata de 6.0 ou quase

Feliz aniversário "menino" 

Ponto interessante é que a idade não é mencionada, diferentemente do aniversário de 54 anos, que tinha as velas correspondentes no bolo. Uma ideia que se repete nos comentários é que o tempo não passa para o cantor ou passa de outra maneira, como opinou a seguidora que escreveu “para você parece mais ameno e lento” – e fez uma pequena confusão entre bandas, como se a canção “Vento Ventania”, do Biquíni Cavado, fosse do Capital Inicial. A associação ao novo (que é o significado da expressão “zero bala”) e à mocidade (“moço”), ou até mesmo à infância (“menino”, “ares de garoto”) se faz bastante presente. Destacamos também um comentário que destoa muito dessa percepção, de um internauta que associou Dinho à “lata de 6.0 ou quase”. “Lata” pode ser entendido como uma gíria para a aparência e

“6.0” uma referência à idade de 60 anos. Para essa pessoa, Dinho aparenta ter 60 anos ou quase nessa foto, o que quase nunca é dito sobre ele – a não ser quando deixou o cabelo maior. Fica o registro da discordância, uma vez que a percepção geral, pelo menos no perfil do cantor no *Instagram*, parece ser justamente de que ele aparenta ter uma idade bem menor que a real.

Contextualizando, esse post foi feito já no início do período da pandemia da covid-19, mais precisamente pouco tempo depois do próprio cantor ter se recuperado plenamente da doença com a qual foi diagnosticado cerca de um mês antes. Alguns comentários também fazem menção ao fato, ainda que Dinho não tenha citado o assunto na legenda da foto<sup>42</sup>. Visualmente, essa foto apresenta uma certa quebra de padrão de postagens relacionadas ao aniversário de Dinho até aquele momento. Quando não tinha uma comemoração especial (como em 2014, no programa *SuperStar*), ele costumava publicar uma selfie com alguma legenda. Isso foi feito nos anos de 2015, 2017 e 2019 – em 2016 Dinho cantou Ramones com o próprio Marky Ramone, baterista original da banda e outros músicos e o dia 27 de abril acabou sem nenhuma postagem, com os registros do show publicados no dia seguinte. Aqui, em meio à pandemia e sem comemorações, portanto, ao invés da tradicional *selfie*, ele optou por uma foto de corpo inteiro, de sorriso bem aberto. Com o rosto um pouco longe da câmera, muitos comentários mais uma vez elogiaram sua jovialidade, sem citar também a marca de 56 anos.

### **Resumo da análise do recorte temporal 1**

É notável que o aniversário de Dinho Ouro Preto é um momento valorizado em seu perfil no *Instagram*, tanto por ele mesmo quanto pelos fãs, o que já é esperado no caso de uma celebridade. Em todo o período desde que o perfil oficial foi criado, apenas o ano de 2016 não conta com alguma postagem no dia 27 de abril, o que se justifica pela excepcionalidade do momento: a oportunidade de passar a noite de aniversário em cima do palco tocando junto com um de seus maiores ídolos, Marky Ramone. Ainda assim, no dia seguinte foram postadas fotos e um vídeo do show – com o baterista estadunidense cantando “Happy Birthday” para Dinho ao microfone na noite anterior. Naquele ano, essas postagens concentraram mensagens de felicitações das seguidoras e seguidores, como é feito em todos os anos nas publicações dedicadas ao aniversário em si.

No grupo de *posts* selecionados, foi perceptível como Dinho se apresenta de maneira jovem, ainda que não esconda a idade e tenha enfatizado os fatos de estar ficando mais velho

<sup>42</sup> No período em que Dinho conviveu com os sintomas da doença, desde o teste positivo, até a cura, o assunto foi bastante comentado e ele fez várias postagens sobre o tema na rede social.

e de sentir o tempo passar cada vez mais rápido. Uma quantidade significativa de comentários destaca a jovialidade do cantor, tanto física quanto de “espírito” e as palavras do próprio sobre o envelhecimento parecem instigar ainda mais os fãs a se posicionarem sobre esse ponto, como se defendessem o artista das próprias colocações. Para tal, são expressas opiniões de que Dinho não envelhece nunca ou o faz com aparência de garoto.

Nas postagens dos aniversários de 2021 até 2023 (quando completou 59 anos), os comentários mais recentes não tematizam jovialidade ou envelhecimento, se direcionando quase totalmente a mensagens de feliz aniversário, o que nos leva a considerar a ideia do *ageless*. “Quantos anos o Dinho tem? 54? Não pode ser...”. Em breve, o cantor será oficialmente um idoso, mas boa parte de seus seguidores continua valorizando sua juventude, pelo menos quando o cabelo está curto.

## 6.2 Recorte 2 - ‘Cinquentão’ - 25/04/2014 a 09/05/2014 (15 dias, com 15 postagens)

Trata-se aqui, ainda, do início da trajetória de Dinho Ouro Preto nesta rede social específica, o *Instagram*. Escolhemos postagens bem próximas do aniversário dele de 50 anos. Dinho aparece em situações relacionadas à sua profissão, em ambientes como o estúdio, seja uma *selfie* no intervalo de uma gravação, seja nos bastidores com outros músicos e amigos, seja exercendo a atividade de cantar. Estão também nesse grupo duas fotos nos bastidores do *Superstar*<sup>43</sup>, programa da TV Globo do qual Dinho participava, inclusive a que ele está em frente a um bolo de aniversário, em uma comemoração surpresa preparada pela equipe do programa, além de uma foto de um momento de lazer, com uma praia ao fundo, em Santa Catarina. A temática musical também está presente em um pequeno vídeo em um camarim da Globo que mostra Dinho cantando “Wonderwall”, um dos maiores sucessos do Oasis<sup>44</sup>, e tocando em uma guitarra desplugada e em outras fotos em ambiente de estúdio: uma do guitarrista do Capital Inicial, Yves Passarell, e outra com Yves tocando violão com o também guitarrista Thiago Castanho, amigo e parceiro de composição de Dinho, famoso pelo trabalho com o Charlie Brown Jr.<sup>45</sup> e que participaria do álbum que a banda preparava naquele

<sup>43</sup> Dinho atuava como jurado do programa, julgando as bandas que se inscreviam, eram selecionadas e se apresentavam no palco. *Superstar* (...) foi um programa de televisão brasileiro no formato de show de talentos produzido e transmitido pela TV Globo, baseado no programa israelense *Rising Star*, este criado pela Keshet Media Group e exibido pelo Channel 2. Nas disputas, as bandas participantes eram avaliadas por três jurados que, na primeira temporada, exibida em 2014, eram Dinho Ouro Preto, o cantor Fábio Jr e a cantora Ivete Sangalo. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Superstar\\_\(programa\\_de\\_televisão\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Superstar_(programa_de_televisão))>. Acesso em: 12 de julho de 2023

<sup>44</sup> Oasis foi uma banda de rock/britpop inglesa em atividade entre 1991 e 2009 fundada pelos irmãos Liam e Noel Gallagher

<sup>45</sup> *Charlie Brown Jr.* foi uma banda de grande sucesso no rock nacional a partir do final dos anos 1990. O guitarrista Thiago Castanho fez parte da formação original do grupo liderado pelo vocalista Chorão, que morreu em 2013.

momento. Desse recorte foram escolhidas quatro postagens, o suficiente para se ter uma ideia de como eram as representações construídas e as interações com o público naquela quinzena.

**Foto 1 - 25/04/2014 (2629 curtidas e 61 comentários em 23/05/2023)<sup>46</sup>**



Neste registro de Marcelo Rossi – fotógrafo profissional que trabalha muitas vezes com o Capital Inicial e outras bandas de *rock* de renome no Brasil e no mundo e que tem seu perfil de Instagram marcado na legenda da foto –, Dinho está sentado em uma cadeira alta em frente a um microfone cantando em um estúdio. Não aparece mais ninguém no quadro, o vocalista está usando óculos de grau e headphone profissional para gravação. O artista parece cantar fazendo um leve sorriso e veste calça jeans e uma camiseta preta de manga curta com a logo do AC/DC e uma foto dos integrantes do grupo australiano. A legenda é sucinta: “No estúdio! Foto: @mrossifoto”.

Nas manifestações dos seguidores, muitos elogios à beleza física do líder do Capital Inicial e mostrando atração por ele, falando com intimidade, valorizando o trabalho musical da banda e expressando curiosidade e ansiedade pelo álbum que estava sendo gravado.

Talvez a presença dos óculos de grau tenha sido novidade para algumas pessoas. O objeto, apesar de ser de uso difundido entre diversas faixas etárias, inclusive crianças, também

<sup>46</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/nOO5d9k3tx>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

é associado com o avanço da idade e, com isso, à piora do funcionamento do corpo, nesse caso, dos olhos, da visão. Listamos os comentários relacionados a esse aspecto.

Fofa de óculos... ansiosa para o álbum novo... s2s2s2

Muito gatinho né este Dinho Ouro Preto ate de oculos<sup>47</sup> de grau nem parece a idade que vai fazer domingo bjundas seu lindo e muito sucesso pra este novo CD.

Sério??? tá diferente, mas tá lindo

Gostei

Com óculos

Woooollll. ....goxxtei dessa versão com óculos!

É possível que essa tenha sido a primeira vez que diversas fãs viram Dinho de óculos e, a julgar por esses exemplos, elas gostaram, apesar de apenas uma ter feito menção à idade de 50 anos que estava prestes a chegar. Esse post ainda recebeu um comentário longo que traz alguns pontos dignos de destaque.

Adorei esta foto. Prova Q sou de mentira e vc é real. Sempre fico um pouco triste no meu niver. Apesar de acreditar que sou eu quem passa pelo tempo e não ele por mim, esta relatividade do tempo, a curva, sei lá, o q sei é q o tempo passa diferente pra mim e acho q pra vc tb! Amanhã é seu dia e parabéns por estar aqui, arrasando, vencendo a vida q passa atropelando . Agora este lance de idade me irrita tipo, sei lá qtos anos tenho , sei lá qtos vc vai fazer amanhã , mania de contabilizar tudo, gente chata!! Afinal nós temos muito tempo, "temos todo tempo do mundo", " um dia a gente se vê". Felicidades amanhã, muito amor, saúde e sucesso sempre! E obrigada por, cantando, ter me ajudado a levantar e levantar de novo. Qdo quiser conhecer uma Fênix eis-me aqui. 1000bjos e boas vibrações !!

É interessante notar que ela parece ser uma fã bastante ligada ao Capital Inicial por iniciar o comentário citando o trecho de uma música da banda que é bem pouco conhecida (“Eu sou de mentira, você é real”, da faixa “Água e vinho”). Depois, ela ainda faz menção a trechos de dois *hits* da Legião Urbana (“Tempo perdido” e “Ainda é cedo”), demarcando também a admiração pelo grupo de Renato Russo, por essas duas bandas “irmãs”, portanto. Porém, o mais importante é a irritação que ela expõe ligada à prática de contabilizar a idade, querendo ignorar a do cantor e a própria, valorizando o tempo que (todos) temos pela frente.

Os enquadramentos propostos pelo cantor e a maneira como o público os percebe se mostram bastante alinhados aqui. A imagem de roqueiro é validada, com alguns seguidores elogiando o AC/DC e o Capital, a despeito do tipo de *rock* que faz a banda de Dinho ser bem diferente daquele tocado e consagrado pelo grupo australiano. O artista também é elogiado enquanto cantor e tem sua versão com óculos “aprovada”, não sofrendo abalos na sua imagem

---

<sup>47</sup> Todos os textos de comentários de internautas aqui utilizados estão reproduzidos exatamente da mesma forma como foram registrados por suas autoras e autores tanto no Instagram quanto no *YouTube*. O mesmo se aplica às legendas de postagens dos perfis de Dinho Ouro Preto.

jovial e bela por conta da entrada desse novo elemento para corrigir a vista, um sinal visível do tempo agindo sobre seu corpo.

**Foto 2 - 25/04/2014 (3487 curtidas e 115 comentários em 23/05/2023)<sup>48</sup>**



Na foto, vemos Dinho Ouro Preto em uma *selfie* tirada de perto. Os principais elementos da imagem são seu rosto, que faz um leve sorriso com a boca fechada, em uma expressão serena, e uma mesa de som, repleta de botões de controle de parâmetros relacionados à sua função, com duas caixas de som em cima. O cantor está em primeiro plano. Tanto a imagem quanto a legenda ("é nós no estúdio!") indicam que ele está em um estúdio fazendo uma gravação com sua banda.

Num estilo de foto bem popular de nossos tempos (*selfie*), mesmo com a imagem levemente pixelada, vemos o rosto do cantor barbeado, como ele costuma se manter grande parte do tempo ao longo da carreira, a pele lisa, sem marcas, a não ser pela "covinha" do sorriso, uma pequena cicatriz que ele tem acima do nariz, próxima ao olho direito e leves olheiras embaixo de cada olho. Em relação às roupas que está usando, uma vez que o artista está visível somente do ombro para cima, só é possível visualizar que veste uma camiseta preta. Com a legenda e a mesa de som ao fundo, obviamente que, além da exibição de seu

<sup>48</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/nOfbJ4E3oM>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

rosto, a foto remete ao trabalho musical de Dinho. A imagem foi postada em 25 de abril de 2014, portanto, dois dias antes de o cantor completar 50 anos de idade.

Nos comentários, várias mulheres, pelo nome de usuário e pelo avatar (foto do perfil) fazem comentários elogiando e demonstrando desejo pelo cantor (como "te amo", "gatinho", "gato", "lindooo", "lindão", "perfeito", "maravilhoso" e "Essa da vontade de bjar a tela"). Esses representam a grande maioria dos comentários da postagem, que é muito pouco comentada por homens. O tom dos que escreveram algo é elogioso, mas não fica totalmente claro se é pela aparência ou pela música de Dinho ("Tá com tudo, bro!", "Obrigado pela pessoa que é!", "Isso Bro isso aí vamos juntos esperando esse novo álbum"). Também é flagrante que é uma minoria dos comentários que se relaciona à questão estritamente musical, como alguém expressando ter o sonho de ir a um show do artista, ansiedade para conhecer o disco que estava sendo gravado, desejando mais sucesso ou elogiando o músico como compositor. Há um único comentário que remete especificamente à questão de tempo/idade, que é de uma usuária que diz "Lindo!!! Vc está = vinho, quanto + a idade melhor... [emoji de uma marca de batom no formato dos lábios, que representa um beijo]". A associação de alguém ou alguma coisa ao vinho, em nossa cultura, é comum para expressar que o objeto da comparação sempre "melhora" com o passar do tempo.

A postagem de *selfies* no Instagram, com o rosto em destaque é algo bem característico de alguém que está esperando comentários sobre si próprio e sua aparência (o que os mais jovens chamam de “querer biscoito” ou “biscoitagem”<sup>49</sup>). Nesse sentido, a maioria das seguidoras o posiciona como um homem bonito e desejável, o que é, geralmente, associado a um homem jovem – se fosse uma mulher, então, nem se fala. A parte musical ficou em segundo plano e despertou em alguns, que fizeram questão de registrar um comentário, a curiosidade sobre as gravações feitas naquele dia. Notamos, no geral, muitas pessoas escrevendo como se tivessem alguma intimidade com o cantor, algo muito comum entre fãs de celebridades de diversas áreas. Por fim, ainda que dois dias antes do aniversário do artista, já aparecem algumas mensagens de parabéns e votos de felicidades e outras ideias positivas. O post não conta com nenhum comentário negativo ou depreciativo em relação a Dinho.

---

<sup>49</sup> O significado de "biscoitar" é: chamar a atenção, fazer algo para ganhar elogios na internet. Tudo isso com o toque de brincadeira e deboche. Um sinônimo adequado seria o "querer confete". *O que é "pedir biscoito"? Conheça a gíria que está bombando na internet.* Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/04/07/o-que-e-pedir-biscoito-conheca-a-giria-que-esta-bombando-na-internet.htm>>. Acesso em 12 de julho de 2023.

Foto 3 - 27/04/2014 (7032 curtidas e 346 comentários em 23/05/2023)<sup>50</sup>



Na imagem vemos Dinho Ouro Preto a uma distância média, diante de uma mesa com uma toalha branca e símbolos musicais estampados. Em cima dela, um bolo de aniversário, decorado com miniaturas de três amplificadores e uma guitarra, além de imitações de teclas de piano. Perto do bolo estão posicionados uma estrutura de ferro, talvez, com uma porção de doces em cima, uma garrafinha de água e uma escultura do cantor em miniatura de calça jeans e regata preta, empunhando uma guitarra com um dos braços erguidos. Dinho está com um largo sorriso, segurando uma espátula para partir o bolo. Na parede atrás dele, vemos a logo do programa *SuperStar*, da Globo, do qual ele participava à época. O teto é decorado com vários balões amarelos com um fitilho preso a cada um deles. A legenda diz: "Fizeram uma festa surpresa aqui para mim aqui no #superstar obrigado a todos pelos parabéns!". A princípio, a foto tem maior relevância que as outras deste agrupamento porque foi tirada no aniversário de 50 anos do cantor.

Dinho demonstra gratidão pela surpresa, como confirma a legenda, e aparece com cabelo espetado, como costuma usar já há bastante tempo, sem barba e magro. Ele usa uma camiseta preta com os escritos "*PARTY HARD*" (expressão que significa algo como aproveitar uma festa ao máximo), que deixa à mostra grande parte de seus braços em um dos quais se vê o fragmento de uma das várias tatuagens do artista.

<sup>50</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/nULzwsE3ss>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

Na maioria dos comentários dos internautas vemos felicitações e desejos positivos típicos de aniversário e elogios de mulheres pela aparência física atraente, como na foto anterior ("lindo", "casa comigo?", "gato", "amo vc", etc.). Nesta postagem já aparecem mais seguidoras que escreveram algo em alusão à aparência jovem do que nas reações à foto anterior, como veremos nos comentários transcritos abaixo, precedidos do apelido da pessoa no Instagram:

Mesmo coroa com cinquentao ainda continua um mó gatao  
 Amuuuuu esse seu jeito moleque .....q mutito ...Xêruuu #Fortaleza te espera  
 Feliz em te ver assim, tao bem @dinhoooupreto !  
 Vc está parecendo vinho, a cada ano que passa está ficando cada vez melhor, parabéns  
 Cada ano mais gato @dinhoooupreto! Sucesso e td de bom!  
 Cara meu parece que estar completando 20 aninhos ♥♥♥  
 @dinhoooupreto o cinquentão mais lindo e descolado  
 🎂🎂🎂🎁🎁🎁🎉🎉🎉👉👉👉  
 Parabéns pro coroa mais lindo  
 Parabéns lindao!!!!!! 30??  
 LINDO,PARABENS PELOS SEUS 50TÃO

Por aqui é possível perceber um certo peso associado ao aniversário de 50 anos na nossa sociedade, uma idade em que a velhice já parece próxima (oficialmente faltariam apenas 10 anos, quando chega-se aos 60), que representa meio século de existência ou o "cinquentão", "coroa", como aparece em alguns comentários. Transparece um elogio à aparência jovial em frases como "Mesmo coroa com cinquentao ainda continua um mó gatao", de alguém que espera que, nesta idade, poucos continuariam bonitos, ou "Amuuuuu esse seu jeito moleque", remetendo a um certo espírito jovem independentemente dos 50 anos. Ou ainda no comentário de quem vê o cantor "tão bem", como é comum se dizer de alguém que não aparenta a idade cronológica. Temos ainda a clássica comparação ao vinho, que fica melhor a cada ano, e dois comentários que sugerem que ele poderia estar completando vinte ou trinta anos.

Este é o primeiro post analisado que conta com um comentário negativo sobre o cantor, que, a princípio, não é pessoal, e sim relativo à atuação dele no *SuperStar*. O usuário @marcelotavaress registrou: "Ridicula tua participação bo programa."

Dinho não respondeu a nenhum comentário da postagem, que parece ser uma postura que ele adota em geral, mas aqui a representação jovial do ídolo parece estar alinhada ao que o público vê. As seguidoras associam essa imagem principalmente à aparência física do cantor, mas também ao "jeito" e à "energia" que algumas percebem nele.

**Foto 4 - 29/04/2014 (4963 curtidas e 155 comentários em 23/05/2023)<sup>51</sup>**



Nesta foto, Dinho aparece em um momento de lazer ou descanso, não relacionado ao trabalho, em Santa Catarina. Ele veste uma camiseta preta de manga curta com a logo do AC/DC, banda clássica australiana de *hard rock*, a mesma que da primeira foto, tem um leve sorriso no rosto, de boca fechada, e usa óculos escuros. Ao fundo, uma pequena quantidade de vegetação e, depois, uma praia. O céu aparenta estar nublado e a legenda confirma: “chegando no costão do santinho....dia nublado, mas lugar lindo.”

Na maioria dos comentários, mais uma vez os elogios que demonstram desejo, vindos de mulheres (“lindo”, “maravilhoso”, “divo”, “te amo”, etc.). Alguns seguidores fazem referência à camiseta e ao AC/DC, indicando a admiração em comum pela banda, outros destacam aspectos positivos da praia e, ainda, há os que elogiam as músicas do Capital Inicial e os shows do grupo, ressaltando terem comparecido a alguma apresentação, dizendo que vão presenciar uma em breve ou pedindo que o conjunto toque na cidade onde moram. Outro tipo de depoimento que se destaca são os que demonstram admiração pela banda em geral (e não apenas em relação aos shows) e orgulho de ser fã de Dinho ou externando o sonho de conhecê-lo pessoalmente, contando da importância que o roqueiro tem para aquela pessoa,

<sup>51</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/nYfqZ1E3gD>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

mesmo sem que o cantor saiba da existência de cada fã individualmente. Mais uma vez, vamos destacar os comentários relativos às associações da figura do cantor à juventude.

Como é bom ver sua vitalidade, curtir seu som e saber que ainda vem muito mais por aí.  
Abç

O cinquentão mais gato da face da terra, ❤️❤️❤️❤️

Melhor banda.... Affff mas ver o dinho no palco é bom demais .... Parece criança feliz da vida!!!! Curto mtoooo huahuahua

Dinho acabas de cumprir 50 y parece que tuvieras 30!! sos perfecto!! besos!! 😍

Cara, até hoje procuro esses 50 anos! <3

Corpinho de 25 que tudo!!!

50 anos com espirito e fisico de 20. 😍 lindo!

A foto apresenta um roqueiro “cinquentão” (mas que não parece) curtindo uma praia. Destacamos o termo “roqueiro” porque ele aparece de camiseta preta do AC/DC e um costume bastante difundido entre roqueiros e bem característico do grupo é usar camisetas, em geral pretas, com referências, nomes e capas de discos de suas bandas favoritas.

Ressaltando mais uma vez que todas as que fizeram comentários relativos ao nosso tema de interesse nesse post são mulheres. Aqui aparecem elogios à vitalidade do cantor e à sua felicidade ao subir no palco, o que faz a fã compará-lo a uma criança, tamanho é o gosto que ele demonstra em estar se apresentando, possivelmente também fazendo referência ao fato de que Dinho canta quase sempre sorrindo a maioria das músicas, a maior parte dos shows. As referências à idade aqui aparecem mais uma vez em “cinquentão mais gato” e a que diz procurar até aquele dia “esses 50 anos”, como se não acreditasse no fato de Dinho ter vivido meio século. Temos ainda um comentário afirmando que ele tem 50, mas parece ter 30 anos e, ainda, “corpinho de 25 que tudo” e, descendo mais alguns degraus na idade aparente, destaco a internauta que afirma que, não só o físico, mas também o espírito, são de 20.

É notório, mais uma vez, um alinhamento de imagem entre o que o artista propõe e os comentários das internautas. A predominância dos comentários femininos pode nos levar também a perguntas sobre essas percepções de beleza, aparência e “espírito” jovem. Em todo o caso, ainda não apareceu ninguém para dizer que ele parece ter mais de 50 anos, muito pelo contrário, aqui a comparação chegou aos 20 anos, 30 a menos do que a idade cronológica do artista.

## **Resumo da análise do recorte temporal 2**

Neste grupo de posts, considerando as fotos, legendas usadas por Dinho e comentários dos internautas, os elogios predominam e as mulheres são as que mais comentam, usando um

tom de intimidade na interação com o cantor. Sua jovialidade é valorizada, seja pela aparência, seja pelo espírito. Comentários críticos foram a minoria e vieram somente de pessoas que não gostaram da atuação dele no programa *SuperStar* em relação a uma banda específica.

No que se refere às representações de juventude associadas à imagem do cantor, percebemos uma concordância praticamente completa entre o posicionamento apresentado pelo artista e a percepção do público. Com a média de uma postagem por dia (apesar de termos dias com mais de uma e dias sem postagem), o perfil publica novas fotos e vídeos com uma frequência moderada (ou até baixa para uma celebridade). Mas, quando o cantor escolhe fotos para dividir com o público, elas seguem aquilo que o *Instagram* valoriza: momentos de intimidade, bastidores e selfies que destacam o corpo e o rosto das pessoas. E aí Dinho apresenta traços de jovialidade primeiro em sua própria composição física (pele, cabelo, postura corporal), na valorização do *rock* (com a camiseta do AC/DC – sempre camisetas pretas) e até mesmo do festejar/celebrar (com a camiseta que tem a inscrição “*PARTY HARD*”, usada na comemoração do aniversário com a equipe do *Superstar*).

Nota-se, então, a representação do cantor como um símbolo sexual associada justamente à imagem do homem que envelhece e não aparenta a idade que tem ou envelhece “bem”, de modo que fica mais atraente à medida que o tempo age sobre ele – essa percepção está clara na associação que é feita ao vinho. A marca dos 50 anos e a expressão “cinquentão” são bastante acionados pelo público em frases como “mesmo com cinquentão” e “cinquentão mais gato” ou ainda comentários que afirmam que a aparência do artista é de quem tem trinta, vinte cinco ou vinte anos, que demonstram que ele realmente consegue imprimir essa marca de juventude. Temos ainda a alegria associada à jovialidade quando o cantor é comparado a uma criança feliz em cima do palco. Por fim, destacamos que os ambientes são variados, mas a marca musical e sua posição como cantor estão sempre presentes.

### **6.3 Recorte 3 - Mudança de visual - 23/09/2017 a 27/12/2017 (96 dias, com 76 postagens)**

Este recorte começa com uma apresentação de Dinho como cantor solo (em 23 de setembro) e depois junto com o Capital Inicial (no dia 24) no Rock In Rio, no Rio de Janeiro<sup>52</sup>, daquele ano. A maioria das postagens se referem a shows da banda pelo Brasil, mas

---

<sup>52</sup> O Rock In Rio teve suas três primeiras edições na cidade do Rio de Janeiro em 1985, 1991 e 2001. Em 2004, veio a primeira edição internacional, em Lisboa, onde foi realizado outras três vezes consecutivas para voltar ao Rio somente em 2011. Até hoje o festival já teve 9 edições brasileiras (todas na capital fluminense), 9 em Lisboa, 3 em Madrid e uma em Las Vegas (EUA). Apesar de ter perdido a primeira edição, em 85, o Capital Inicial tocou em todas as outras em solo brasileiro e também se apresentou no Rock In Rio Lisboa 2014. Em 2022, na apresentação pelo evento no Rio, a banda de Brasília teria mobilizado mais o público do que o Guns And Roses, atração internacional de peso, segundo a vice-presidente do festival, Roberta Medina. *Vice-presidente do Rock in*

também há mensagens políticas, como no Dia da Consciência Negra, contra o trabalho e o casamento infantis, ou criticando políticos, como Aécio Neves e Michel Temer. Também compõem esse período postagens sobre o São Paulo Futebol Clube, time pelo qual o compositor torce, e em homenagem a ídolos do cantor como Elvis, Bob Dylan, Malcolm Young (guitarrista do AC/DC, no dia de sua morte) e Renato Russo (em seu aniversário de 21 anos de morte). Inicia também, por volta dessa janela temporal, uma das principais mudanças no visual do cantor ao longo dos últimos dez anos, relacionada ao cabelo – e é nesse ponto que concentramos nossa atenção. Desde 1998, pelo menos, quando o Capital retomou a formação clássica, o astro se mantém com um corte curto, consolidando o estilo “espetado” ainda no início da década de 2000. Em 2013, o cantor abandonou brevemente o visual ao deixar o cabelo crescer um pouco, aparecendo com uma touca na cabeça em algumas apresentações<sup>53</sup>, mas não durou muito. Entretanto, no segundo semestre de 2017, já com o perfil bastante ativo no Instagram, Dinho resolveu assumir um corte com os cabelos mais longos, atingindo mais ou menos a altura da nuca, até o final daquele ano, quando o próprio artista os cortou com tesoura, postando a ação em pequeno vídeo na referida rede social.

Cabe aqui explicar o porquê da escolha das datas de início e fim deste recorte temporal. Como se sabe, cabelos não crescem do dia para a noite, aumentando de tamanho pouco a pouco. É por isso que deixar o cabelo crescer é um processo que passa por várias “fases” – e, muitas vezes, se dá por uma decisão de estilo, não por mera preguiça de cortar. Observando as fotos postadas no Instagram, percebe-se que em algum momento lá pelo final de 2016 Dinho parece ter decidido parar de cortar o cabelo. Nos meses seguintes, então, o cabelo passa por algumas “fases”. Uma delas é quando fica difícil de ser penteado ou não tem uma forma muito definida. Mas o músico parece ter escolhido não dar muita visibilidade ao processo em seu perfil naquela rede, uma vez que tirou poucas selfies à medida que o cabelo foi ficando maior e passou a usar com frequência touca e boné (em praticamente todas as fotos postadas no período), esse último marcando presença nos shows que Dinho fez com a banda.

Sobre o boné, é interessante destacar que, desde que o artista o adotou nas apresentações, a partir do começo de abril daquele ano, dentre as quase quarenta fotos

---

*Rio diz que Capital Inicial mobilizou mais o público do festival do que o Guns N' Roses*, matéria de Gabriel von Borell para o site Tenho Mais Discos Que Amigos, publicada em 16 de setembro de 2012. Disponível em <<https://www.tenhoaisdiscosqueamigos.com/2022/09/16/capital-inicial-rock-in-rio-guns-n-roses>>. Acesso em 2 de outubro de 2023.

<sup>53</sup> O programa “Álbuns clássicos”, da Rádio Mix FM, traz o registro de Dinho cantando com uma touca na cabeça e dá para ver uma parte do cabelo para fora na região da nuca. A atração convidava bandas longevas para tocarem ao vivo seus discos de maior relevância na íntegra. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3pSkDQypTX4>>. Acesso em 2 de outubro de 2023.



Temos aqui uma *selfie* em preto e branco de Dinho. Ele usa óculos escuros, uma camiseta preta com o nome da banda britânica Led Zeppelin e sorri sem mostrar os dentes. O cantor parece estar em uma varanda de hotel, com uma paisagem que mal se distingue ao fundo. O local é o Rio de Janeiro, conforme indica a legenda: “Cheguei no rio...”. A foto foi postada no dia em que o Dinho se apresentaria com a banda que o acompanha em seu trabalho como cantor solo, no palco Rock District<sup>55</sup> no Rock in Rio daquele ano. No dia seguinte, ele tocava com o Capital Inicial no palco principal do evento.

A temática principal da postagem não é o cabelo do cantor, mas ele acaba sendo comentado por estar bem diferente do que os fãs se acostumaram a ver. É possível que o post tenha tido mais comentários em virtude das apresentações no Rock In Rio que se aproximavam, temática da maioria dos comentários. Não fosse por isso, até poderíamos imaginar uma legenda do tipo: “E aí, o que acharam do cabelo novo?”. Por isso, nos concentramos nos comentários ligados ao novo visual.

A maioria das manifestações dos seguidores segue a toada de elogios, expressando admiração, afeto e também falando sobre os shows, algumas falando da ansiedade pelas apresentações e outras, postadas já depois das performances, elogiando-as. O cabelo teve certo destaque, recebendo elogios e críticas, como observamos na transcrição.

dinho corta o cabelo, vc fica mais jovem ;) bj bj ❤️❤️❤️

@denise\_gutierrez: Meu Deus como vc tá lindooooo! 💜

@loiva\_regina\_amaral: E este cabelo Dinho?

@fatyma\_chiku: Uya! Tá bunitão...👍😊

@flavia\_ellis : Ah ! Meu cabeludo mais lindo ! 🥰🥰🥰🥰❤️❤️❤️ Contagem regressiva por vocês ! 🙌🙌🙌🙌🥰🥰🥰🥰 Vão ser demais ! 🥰🥰🥰🥰❤️❤️❤️ Vocês vão arrebrantar ! 🎸🎸🎸🎸🎸🎸🎸🎸🎸🎸🎸🎸 Faz uma live pra gente ver ! 😊❤️

Cabelo fodaaa 🙌🙌

Tá cabeludo!Amei!!

Corta o cabelo!!!! @dinhooouropreto

Esse cabelo crescendo! Lindo lindo!

Dinho é bom mudar...gostei do cabelo.mais gosto mais do cacheado !!.Bom show, quebra tudo!!

Corta essa porra do cabelo

<sup>55</sup> Rock District é o nome de um dos vários palcos do Rock In Rio, geralmente dedicado a atrações brasileiras e parcerias entre artistas de vertentes musicais distintas. O palco Sunset tem foco em parcerias e insere artistas estrangeiros em uma proporção maior que o Rock District. Já o Palco Mundo é o principal do festival, onde as bandas nacionais de maior popularidade se apresentam e também os artistas internacionais de peso, que costumam fechar a sequência de shows de cada dia, como Iron Maiden, Bon Jovi, Guns And Roses, Coldplay e Green Day, além de Justin Bieber, Dua Lipa, entre outros. O Rock In Rio também é alvo de críticas e piadas por, além de não ser realizado exclusivamente no Rio, também abrir espaço (há muito tempo) a gêneros muito além do rock, como pop, funk e música eletrônica.

Num pinta mais o cabelooo! Bon jovi grisalho  
 Esse cabelo ta show!!! Pode crer @dinhooouropreto rs  
 Esse cabelo tá estranho rs  
 Você tem muito cabelo! 😊  
 Corta o cabelo 😊

Percebemos por esses comentários uma divisão significativa de opiniões. Pelo menos oito posições são claramente elogiosas ao cabelo crescendo. Em pelo menos uma manifestação – “E este cabelo Dinho?” –, não podemos ter certeza se a pessoa aprova ou desaprova. Seria uma pergunta em tom de crítica ou apenas alguém que questiona como se pedisse uma explicação? Já os comentários a favor de alguma mudança no penteado do cantor somam sete e variam na forma. Alguns expressam sua opinião de maneira imperativa, “corta o cabelo”, com internautas até mais exaltados usando vocabulário de baixo calão. Uma usuária se mostra a favor do corte de cabelo com mais carinho e explica o porquê: ele fica mais jovem. Temos outros dois comentários ponderados também, da pessoa que diz preferir o estilo cacheado e a que diz “Esse cabelo tá estranho rs”, o que não soa como uma crítica tão dura pelo adjetivo usado e ainda é amenizada com a sinalização de risos. Em outra associação com a juventude, é pedido não para que o astro corte o cabelo, mas sim que pare de pintá-lo, fazendo alusão ao fato de o cantor estadunidense Jon Bon Jovi, também considerado um símbolo sexual, exibir, à época, seus fios grisalhos, em uma crítica ao ocultamento desse sinal de envelhecimento que é o cabelo branco, nesse contexto.

Dois comentários fazem alusão à juventude sem passar pela questão do cabelo.

Vc me faz lembrar a melhor época da juventude  
 Movimenta essa juvntude aí ... O Rock nasceu na revolução

Ambos parecem vir de pessoas que se posicionam como não mais pertencentes à juventude, o primeiro de maneira mais clara, ligando a figura do cantor diretamente a uma lembrança da juventude. Já a segunda, regata o aspecto revolucionário ou transgressor do rock, cobrando que Dinho movimente “essa” juventude, na qual a pessoa não se inclui, mas onde ela parece identificar certo potencial revolucionário.

Foto 2 - 06/10/2017 (15 mil curtidas e 820 comentários em 17/06/2023)<sup>56</sup>



Nesta foto, Dinho está na poltrona de um avião, de óculos de grau, com seu sorriso de boca fechada, sem barba. O cabelo, talvez um pouco maior do que um palmo, está dividido ao meio, com a franja erguida deixando uma mecha caindo pela lateral da cabeça e outra caindo levemente sobre um canto da testa, em um penteado mais compacto. A legenda informa: “de volta à estrada. recife, aq vamos nos...”. O que chama atenção nos comentários são críticas ao estilo e uma negação da tão alegada jovialidade do cantor por meio da associação pejorativa principalmente a figuras femininas. Há também algumas manifestações contrárias, criticando os internautas que comentaram de forma depreciativa, elogiando o cabelo e o artista (“lindo de qualquer jeito”), mas as falas negativas se sobressaem.

Cover da @zeliaduncan ?? 😞

Tempos de professora de matemática divorciada... @prismavalente 😊

A cara da minha tia Vera

tive q vir procurar essa foto, parece msm eh a mulher do meu chegado, ela eh cabelemeira 😊

Professora de matemática divorciada kkkk

Dona Elza quanto tempo, e os teorema de bhaskara ?

Tá parecendo uma PROFESSORA APOSENTADA E DIVORCIADA

😞 Cássia Duncan ou Zélia Kiss?! 😞 😞

Vc tá parecendo um monte de pessoas, menos vc

<sup>56</sup> Disponível em <[https://www.instagram.com/p/BZ6jv\\_qBGny](https://www.instagram.com/p/BZ6jv_qBGny)>. Acesso em 3 de outubro de 2023.



anos, o que seria um “cinquentão”, mas que demonstra a desvalorização que a pessoa associa a uma mulher, professora e divorciada já a partir dos 40 anos. Na mesma linha, alguns sustentam que Dinho está parecendo uma lésbica (um chega a completar com “de 45 anos”).

Para além desses, notamos também os comentários que pedem ou até mesmo mandam, no imperativo, que o cabelo seja cortado, alguns até em tom agressivo e usando palavrões – em geral, de homens. Já era perceptível em outras postagens as pessoas se dirigindo ao roqueiro com intimidade, como se o conhecessem pessoalmente, mas geralmente eram mulheres e de maneira carinhosa. Neste post, aparecem também os homens, adotando o tom mais violento, como se estivessem sendo sinceros com um amigo, da pior maneira possível. Há também comentários negativos femininos, mas em geral adotam um tom respeitoso.

Ressaltamos ainda, reações que receberam respostas diretas (recurso do *Instagram*), resultando em ofensas gratuitas.

será q ele não tem alguém para arrumar esse cabelo e fazer a sobrancelha...? ele vai ter 70 anos e usar roupa de skatista... preguiça

Esse comentário foi respondido por outras quatro seguidoras.

antes de falar de alguém seria melhor tu arrumar essa tua cara que parece q está a uma semana sem dormir . Passa uma make krida.

e tu nem chegou aos 40 e já tá assim, derrubada? Será q vc não tem ninguém pra dar um jeito nisso? Ah, com certeza não kkkkkkkkkkk

ele pode usar o que quiser...com esse rosto e esse shape lindos com toda certeza pode usar as roupas de skatista até com 80 anos....agora vc filhinha nem um milagre pra dar um jeito nessa tua cara horrorosa...fazer o que né? Genética boa é pra poucos....cuida da sua vida antes de falar do Dinho porque vc já deve ter percebido que ele tem muitas pra cuidar dele....🙄👉👈

que ele tenha 70 anos e use roupa de skatista! que ele tenha 70 anos e continue sendo esse grande homem com jeito de menino! porque só envelhece quem quer meu bem, a alma não precisa envelhecer não, viu?! forever young <3

Chamou nossa atenção no comentário que originou as respostas hostis que a pessoa se mostrou incomodada com o cabelo, a sobrancelha e as roupas que Dinho Ouro Preto usa, e que nem podem ser vistas nessa foto – sinal de que ela mantinha um certo acompanhamento e opinião sobre a figura, projetando inclusive a manutenção do visual daqui a mais de 10 anos, exprimindo “preguiça” em relação à ideia de um idoso de 70 anos usando roupas de skatista, delimitando, assim, um padrão para o homem velho. Irônica e lamentavelmente as respostas denotaram um etarismo acentuado de maneira significativa pela questão de gênero, ainda que sejam mulheres respondendo a outra mulher. Possivelmente com acesso apenas à foto de perfil e ao nome de usuária da internauta, as comentaristas fizeram afirmações sobre sua idade e depreciaram de maneira jocosa, e até agressiva, a aparência, usando adjetivos como



completa com uma ofensa capacitista e recebe como resposta da internauta uma reclamação pelas ofensas e a devolução do ataque capacitista na mesma moeda: “Vai vc se internar, retardado”. Lamentável.

Cabe observar uma questão de gênero significativa. Como já dito, os homens parecem ser mais agressivos e desrespeitosos em suas críticas ao visual de Dinho, enquanto as mulheres são mais gentis, mas não deixam de criticar. Não podemos ignorar também os perfis que defendem o cantor, inclusive dando respostas diretas a comentários ofensivos ou preconceituosos. A maioria das defesas vem de mulheres, dizendo que ele é lindo de qualquer jeito, cobrando respeito ou afirmando que mudanças são importantes para todo mundo.

Por fim, ressaltamos neste post, o maior contraste entre a imagem apresentada pelo astro e a maneira como o público lê essa representação. As respostas revelam preconceitos de ordens distintas desvalorizando as mulheres (alguns comentários se atém apenas à observação de que ele está parecendo “uma mulher”, enquanto outros são ofensas diretas em resposta a mulheres), idosas, ou às professoras, como se fosse incompatível um cantor de sucesso se parecer com uma professora, profissão tão desvalorizada e associada a estereótipos (note-se: a associação é sempre à *professora*, no feminino, nunca ao professor). Não satisfeitos, alguns completam com “aposentada”, “divorciada” ou os dois, escancarando a desvalorização de alguém que já não está mais economicamente ativa ou, digamos, falhou em seu casamento, uma mulher indesejada, rejeitada. Isso sem contar a LGBTfobia em comentários que aludem a uma semelhança de Dinho com Zélia Duncan, enfatizando negativamente o fato dela ser lésbica. A associação mais clara à juventude está em comentários do tipo “Bota um cabelo jovem...por favor!!” ou “corta esse cabelo, você fica velho assim...!”, mostrando o valor que pode se dar ao cabelo na percepção da idade e desvalorizando o velho em relação ao jovem.

Foto 3 - 01/12/2017 (16,9 mil curtidas e 331 comentários em 06/10/2023)<sup>57</sup>



Em mais uma *selfie*, Dinho está em um estúdio, com alguns instrumentos musicais decorando uma parede ao fundo, apontando dois dedos para a câmara, como se fizesse uma saudação a quem vê a foto. Com um sorriso de boca fechada, sem barba e cabelos penteados para trás, é possível notar que eles continuam um pouco compridos, inclusive na região da nuca. Na legenda, o cantor chama o público para um show no Rio de Janeiro no dia seguinte, que vai ser elétrico (com guitarras!) depois de dois anos apresentando a turnê do álbum “Acústico NYC”. Esse gesto que o vocalista faz com os dedos parece, de certa forma, indefinido, mas certamente podemos associar a uma saudação comum entre jovens, mas não entre pessoas mais velhas de maneira geral.

O tema mais comentado pelos seguidores foi o show em si, com várias pessoas elogiando a apresentação já depois de terem experienciado o evento, outras ansiosas por ele em um momento anterior e muitas também aguardando a banda em suas cidades ou pedindo que o Capital toque em lugares onde não havia compromissos programados. Também foram majoritários os comentários elogiosos de beleza, demonstrando desejo e vontade de conhecer o ídolo pessoalmente, o que está dentro do esperado por se tratar de um ambiente que tende a reunir fãs do cantor e da banda.

<sup>57</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BcK4li6hafo>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

Porém, é relevante o fato de que as cobranças pelo corte do cabelo tenham permanecido, em tom mais ameno do que na foto 2 deste recorte e em menor número, mas fica revelado que o visual ainda causava incômodo em algumas pessoas.

Pô Dinho tá a cara da Cássia Eller cabelinho de pega rapaz kkkk mais canta muito

Trabalhe bastante cara, ganhe muito dindin, mas descanse também, porque tu estás só o pó...😱

Parecendo o Loky da Marvel kkkkk

Por um momento pensei que era loki irmão do thor

@dinhouropreto não faça isso com vc, corta esse cabelo, pelo amor... Vc é lindo! Mas com esse cabelo, não tem como te defender😏

Aí @dinhouropreto tu não fica velho não cara????

Você e lindo de todas as firmas com cabelos pintados ou não e o meu preferido bjs

Para de pintar o cabelo, na moral

Rapa esse cabelo

Ah e seu cabelo está lindo não mexa em nada,tá perfeito. Você está lindo @dinhouropreto cada vez mais bonito! Não dê ouvidos a tantos palpiteiros!

Não esqueça o boné p o show ficar completo e perfeito!!😁👉

Dinho lindinho !! Sempre garotão !! Bom Show !

Dinho, maravilhoso! Bem que vc podia compartilhar com agente o segredo de tanta energia, e tanta juventude 😊

Vc tá um gatoooooo! !!lindo d+ 🐱 sabe quem essa carinha linda me lembrou??? ANTÔNIO BANDERAS uau! !!! Parece um príncipe 👑 muita luz. Um lindo show muita energiaaaa ❤️💀❤️

Ae tio...hahaha

Eu te amo, mas esse cabelo está feio! 😊❤️❤️❤️❤️❤️❤️

Cabelinho da tia marcia

Corte esse cabelooooo

Dinho seu lindo, corta esse cabelo

Corta esse cabelo. Vc é tão lindo de cabelo curto...

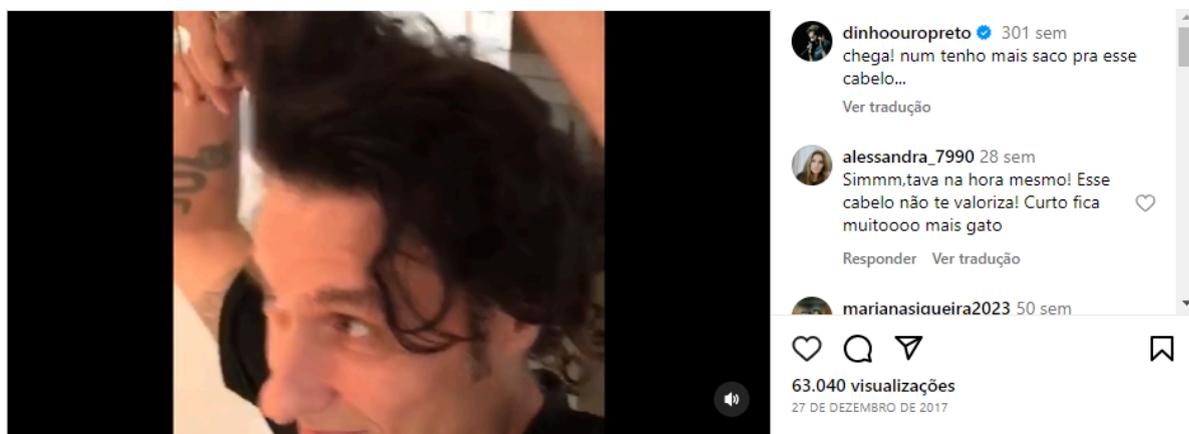
Aqui as comparações foram com a cantora Cássia Eller e o personagem Loki<sup>58</sup>, na versão dos filmes da Marvel e da série audiovisual homônima, mais por conta do penteado para trás, uma vez que comprimento do cabelo do chamado deus da trapaça geralmente aparece maior do que o mantido por Dinho. As críticas ao cabelo se deram de maneiras diferentes, com gente falando que “não tem como te defender” com esse cabelo, ou argumentando que ele “não parece o Dinho”, e ainda a frase morde e assopra “Eu te amo, mas

<sup>58</sup> Loki é um personagem criado nos quadrinhos da Marvel Comics, um vilão irmão e arqui-inimigo de Thor. Dos quadrinhos, ele foi para o cinema em uma série de filmes da MCU (franquia da Marvel para o Cinema) e tornou-se protagonista da série que leva seu nome. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Loki\\_\(Marvel\\_Comics\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Loki_(Marvel_Comics))>. Acesso em 9 de outubro de 2023.

esse cabelo está feio!”. Houve também “ordens” para mudar o visual que começaram chamando o cantor de “seu lindo”, até os que pediram para raspar, como que enfatizando o quão ruim estava o penteado na opinião daquelas pessoas, além do comentário escrito como um grito (“Corte esse cabeloooooooo”), o que não deixa de ser também um pedido enfático. A comparação a uma “tia” apareceu uma única vez, não chegando nem perto da enxurrada de reações usando essa palavra na foto 2, além de uma variação de gênero como “tio”, que não apareceu uma vez sequer nos comentários da outra postagem. Em relação à questão do envelhecimento e da juventude, notamos algumas cobranças para o cantor parar de pintar o cabelo, o que pode ser uma crítica ao que seria uma maneira deliberada de esconder os sinais dos tempos. Ainda que uma internauta tenha dito que o artista está “só o pó”, outras falaram para ele não mudar nada e ignorar os palpites, questionando se, afinal, ele não fica velho e pedindo que compartilhe o segredo de tanta energia e juventude, além da comparação de que o rosto de Dinho fez lembrar o ator Antônio Banderas.

Diferente dos elogios praticamente unânimes nas postagens do recorte temporal 2 e também das críticas agressivas significativas sobre a foto 2 deste recorte (a *selfie* no avião para Recife), a juventude continua como um traço do cantor que o público reconhece e valoriza, mas ele também é questionado por uma minoria principalmente no que diz respeito ao pintar o cabelo. Os comentários a essa postagem mostram que a beleza do artista ainda é destaque para muitas fãs, mesmo com o cabelo maior, que é até o penteado preferido por algumas, ao mesmo tempo em que é notável que uma parte do público começa a questionar sua jovialidade, ainda que em proporção bastante restrita.

**Vídeo 1 (Postagem 4) - 27/12/2017 (63 mil visualizações, 9,6 mil curtidas e 1818 comentários em 09/10/2023)<sup>59</sup>**



<sup>59</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/BcK4li6hafo>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

Essa postagem traz um vídeo que registra um momento bastante esperado – e bastante lamentado, também – pelos seguidores de Dinho no *Instagram*. O material teve mais de 63 mil visualizações, 9,6 mil curtidas e mais de 1800 comentários, muito acima da média das postagens do perfil de Dinho. A minoria das postagens ultrapassa os 1.500 e, geralmente são sobre política (como vimos alguns dos exemplos que ultrapassam os 3700 e uma que ultrapassou os 10 mil, foram todas relacionadas ao tema), enquanto algumas têm menos de 100 comentários e outras ficam na casa das centenas.

A gravação mostra o cantor usando uma tesoura para cortar o próprio cabelo em um plano sequência de 1 minuto de duração, no qual é possível ouvir os sons do objeto cortante e um trecho da canção “Turning Into You”, do Offspring<sup>60</sup>. A legenda é sucinta: “chega! num tenho mais saco pra esse cabelo...”. Depois de meses com os cabelos crescendo, recebendo muitas críticas e muitos elogios, o roqueiro resolveu romper com esse visual fazendo disso uma performance para a rede social na qual justifica a decisão pela falta de paciência com os cuidados capilares que vinham sendo necessários. O fato de ser ele próprio a manusear a tesoura não passou despercebido

Como a quantidade de comentários é muito grande, nos concentramos principalmente em cerca de 220 dos mais recentes (que são os que aparecem primeiro na plataforma). Ressaltando uma característica importante do *Instagram*, os comentários “atrasados” são minoria – apenas dois, neste caso, um feito em março de 2023 e outro em outubro de 2022. Depois, aparecem alguns poucos do período entre fevereiro e outubro de 2018 e todo o restante é de janeiro daquele mesmo ano para trás. Ou seja, o vídeo foi bastante comentado de fato logo que foi postado e até um mês depois, mais ou menos, a grande maioria das interações com a postagem se deu nesse intervalo.

Nessa amostra, destacamos internautas que enxergaram aquele como um ato de coragem do cantor, de cortar os próprios cabelos, ou uma transgressão, associada a um certo espírito punk, com alguns pedindo para Dinho ir um salão para ajeitar o corte, enquanto outros aparentemente defenderam não ser necessária essa visita a um profissional. As falas também mostraram várias pessoas lamentando a atitude, pois estavam aprovando o visual como estava, assim como também é grande o número de internautas que ansiava por esse momento e, por isso, teceram elogios, reforçaram que curto fica mais bonito, que o cabelo grande não combinava com o artista, não o valorizava, etc. Também é significativo o quanto

---

<sup>60</sup> The Offspring é uma banda de punk rock/pop punk dos Estados Unidos formada em 1984 na cidade de Huntington Beach, Califórnia, conhecida mundialmente e em atividade até os dias de hoje. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Offspring](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Offspring)>. Acesso em 9 de outubro de 2023.

há fãs que ressaltaram a admiração pela aparência do cantor estando ele com os cabelos mais curtos ou mais longos, sem se importarem com isso.

Outro tipo de comentário que apareceu muito, ainda que em tom de brincadeira, foi o de que o ato de cortar o próprio cabelo seria uma loucura, além dos que disseram já terem feito ou que fazem a mesma coisa recorrentemente, se identificando com Dinho, e os que pediram fotos de como ficou o corte. Foram retomadas também ideias que apareceram nas fotos 2 e 3 deste recorte temporal, como a de que o cantor não estava parecido com ele mesmo, e algumas seguidoras lamentando que ele poderia ter doado o cabelo para produção de perucas para quem precisa. Os comentários relacionados à ideia de juventude também apareceram e vamos apresentá-los em uma pequena compilação.

Agora não aparece mais a tiazinha do maternal.

Até q enfim!!! Tá bem melhor! N vai mais parecer c a Zélia Duncan 😄😄 @milenbatista !

Tava parecendo uma velhinha.... Fala serio dinho

Vc tava parecendo a minha tia

Assume o cabelo branco @dinhoouopreto , vai ficar um charme!!!

(...) olha ai, o Dinho deixou a fase de professora de matemática pra trás! Kkkkkkkk Dinho, se ler isso, leva na brincadeira kkkkkkk

Isso é um rito de passagem! Uma nova fase começou hoje, você despiu o velho homem que existia...@dinhoouopreto

Tira o cabelo e abre a cabeça. O tempo te encareteu demais. "Eu vejo eles dançando em cima do muro" "Quem são esses homens que vivem atrás das cortinas?" @dinhoouopreto

Fica manero de cabelo curto, tava parecendo a dona Florinda sem bobs kkkk

Finalmente hein kkk Tava muito feio kkk Não combinava com vc em 1991 agora que nao vai combinar mesmo neh kkk

🙏 Essa cabeleira te envelhece . Vai ficar guri de novo.

Cabelo grande te deixa mais velho. Fica lindo com o cabelo curtinho 🤔

Menino doido, gnt 🤔

Se tivesse caindo ele não fazia isso.... vaidade das vaidades.... tudo é vaidade... kkkkk..

Em primeiro lugar, nos chamou a atenção a recuperação de termos iguais ou parecidos aos que foram usados em relação à *selfie* no avião para Recife, como “tia” (ou “tiazinha do maternal”), “dona Florinda sem bobs” e “professora de matemática”, em um comentário que o autor fez questão de pedir para ser interpretado como uma brincadeira, se utilizando do recurso dos risos (“kkkkkk”), inclusive. Outra pessoa comemorou o fato de o roqueiro estar “bem melhor” porque não ia mais parecer com a cantora Zélia Duncan. Além da comparação de que Dinho estava com aparência semelhante à da tia de alguém, agora houve quem o achasse parecido com “uma velhinha”, e ainda completou: “fala serio dinho” (sic). O corte de

cabelo ainda foi interpretado como um rito de passagem no qual o cantor se despiu do “velho homem que existia”. Ainda temos o comentário da seguidora que praticamente decretou que o cabelo grande não combinava com o ídolo em 1991 (quando não tinha nem 30 anos), assim como “agora que não vai combinar mesmo” (com mais de 50). Vale destacar também a seguidora que pediu para o cantor abrir a cabeça depois de cortar o cabelo e afirmou que o tempo o “encareteu demais”, citando dois versos da música “Mickey Mouse em Moscou”, lançada pelo Capital Inicial em 1989. A letra fazia referência à queda do Muro de Berlim e ao contexto do fim da Guerra Fria. Não fica explícito a referência a essa carece ao citar os versos “Eu vejo eles dançando em cima do muro” e “Quem são esses homens que vivem atrás das cortinas?” (com uma pequena alteração, pois o trecho original termina com “atrás da cortina”), mas a ideia de trazer a tona questionamentos expressos nesses versos pode ser uma provocação ao fato de a banda, à época, não abordar temas políticos nas músicas da mesma forma que nos anos 80. Por fim, destacou-se a impressão de que a “cabeleira” envelhece Dinho, que agora iria “ficar guri de novo” e “lindo com o cabelo curtinho”.

Outra seguidora não economizou palavras para demonstrar sua indignação com a situação que, segundo ela, foi uma atitude do ídolo apenas para agradar o público:

Fazer o quê né! !!! Venceu a maioria!!!! Cada um com seu cada um! !! Ninguém é obrigado a ser e fazer o que não quer! !! Opinião é uma coisa muito pessoal! Fiquei muito triste !!! Mas enfim agradou a massa né isso é que importa !!! Deve ser um saco ser zoadado de professora, Zélia, cassias realmente uma pena Vc estava com um visual de feras do rock que usavam cabelos . O pessoal tá feliz agora!!! Conseguiram te fazer meter a tesoura☹️ Boas vibes daqui pra frente!!!! 🙄

Nesse comentário, destacamos que a autora fez a associação do cabelo com a simbologia do roqueiro (“feras do rock”) e estava gostando do visual, tanto que ficou “muito triste” com a mudança. Ela creditou essa decisão exclusivamente às pessoas que criticaram e zombaram do estilo “professora”, fazendo menção a comentários que dominaram a postagem de 6 de outubro daquele ano. A justificativa do vocalista de não ter paciência para cuidar dos cabelos foi totalmente desconsiderada pela seguidora e sua performance com a tesoura foi vista como algo que ele foi levado a fazer apenas para agradar o público, sem ter nenhuma agência sobre a própria ação.

Ao relacionar o vídeo com os comentários, além das associações que já identificamos na *selfie* no avião, podemos dizer que há uma reconfiguração da imagem de Dinho perante os seguidores e a importância do cabelo nessa transformação. A mudança desse único elemento fez com que o cantor não mais parecesse com uma tia e uma velhinha, o que reforça mais uma vez o etarismo presente nos comentários, pois é celebrado como um aspecto positivo essa

mudança e esse despir-se do “velho homem”, uma vez que ele poderia reassumir sua condição de homem jovial simplesmente se livrando do cabelo que nunca combinou com ele, segundo uma seguidora, e que o envelhecia, então ele ficaria “lindo” como só os jovens (ou, ainda, os guris, termo utilizado por outra internauta, que é como chamam os meninos em estados do Sul do país) podem ficar – e não os velhos, como fica claro também no comentário que termina com “fala sério”, expressão que pode ser usada para ridicularizar alguém ou até mesmo demonstrar indignação, neste caso em relação a um roqueiro tido como jovial que escolheu se apresentar como uma velhinha. Os elogios ao fato de Dinho ter cortado seus cabelos com as próprias mãos também podem ser interpretados como uma valorização que parte do público conferiu ao homem decidido, autônomo, empreendedor de si, que não depende de uma outra pessoa para resolver um problema que o afligia no momento necessário, em uma atitude espontânea de um jovem adulto, que contrasta com a fragilidade e passividade do idoso.

### **Resumo da análise do recorte temporal 3**

Apesar de ser o recorte temporal mais longo selecionado, os tipos de postagens tornaram mais simples a tarefa de elencar as fotos sobre as quais iríamos nos debruçar, já que o enfoque era a mudança de penteado do cantor. Cabe dizer aqui que foi um período marcado por muitos shows do Capital, sobretudo no mês de novembro, e nessas postagens os comentários repercutiram mesmo as experiências do público nas apresentações. Ao final de cada uma, já era tradicional a banda tirar uma foto no palco com a plateia levantando os braços ao fundo e os músicos em primeiro plano, como faz até hoje. Considerando-se só o Rock In Rio, foram dez postagens com fotos variadas. Esses três meses também foram marcados por críticas a políticos (principalmente o então presidente Michel Temer), *posts* sobre futebol e o time do São Paulo e com protestos relacionados a algumas causas (Dia da Consciência Negra e combate ao trabalho e ao casamento infantis) – o que não traz grandes implicações à nossa análise.

Mas vale o destaque às homenagens que Dinho fez a figuras do *rock*, como Elvis, Bob Dylan, Renato Russo, Malcolm Young, Tom Petty e os canadenses do Rush, além das postagens de vídeos relacionados a bandas novas. O líder do grupo brasileiro publicou um pequeno vídeo em que ele se apresentava com o Fresno<sup>61</sup> – grupo cujo vocalista e guitarrista, Lucas Silveira, acabaria cultivando uma relação mais próxima com Dinho, tendo atuado até

---

<sup>61</sup> Fresno é uma banda nascida em 1999 em Porto Alegre. Alcançou projeção nacional com o estilo emocore, ao longo da década de 2000. O também chamado emo é baseado em letras com temas sentimentais e desilusões amorosas em ritmo hardcore. Outros grupos expoentes do gênero são o NxZero e o CPM 22, com quem Dinho e o Capital já fizeram colaborações musicais. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Fresno\\_\(banda\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fresno_(banda))>. Acesso em 11 de outubro de 2023.

mesmo como produtor musical em gravações do Capital no último disco de estúdio, Sonora (2018) –, juntamente com um texto de legenda no qual defendia e conclamava por uma união maior das bandas de *rock*, assim como fazem artistas de outros gêneros, de acordo o vocalista. Ele também postou dois vídeos da banda Supercombo, um deles de uma canção sobre juventude da qual o próprio Dinho participou<sup>62</sup> e o outro de uma parceria com Medulla. Outras três publicações envolveram os artistas A Tese, Bula e a guitarrista Julia Smith. Esse movimento de aproximação de bandas novas também foi colocado em prática nas parcerias que o Capital fez em quatro das onze canções de “Sonora”.

Isso é interessante porque destaca a reivindicação de Dinho ao rótulo de roqueiro e sua ligação com o *rock* por duas vertentes: tanto as bandas novas brasileiras quanto as clássicas mundiais, pelos quais o artista demonstra admiração, ou até veneração, e interesse, contando de memórias afetivas relacionadas aos artistas (como Dylan ser uma de suas primeiras memórias musicais por causa da mãe) ou destacando ter o costume de ler sobre suas trajetórias e feitos – uma das postagens traz a foto de alguns livros sobre ícones do *punk* e astros como David Bowie e Jimmy Page, acompanhados da legenda “literatura básica...”. Consideramos esses aspectos sempre levando em conta a associação do *rock* a um imaginário de fonte da juventude eterna.

Inclusive, o cabelo comprido faz parte da simbologia do roqueiro e as postagens que analisamos individualmente tem relação com esse aspecto, o capilar. Uma matéria especial feita pelo UOL nessa mesma época<sup>63</sup>, afirma que o cantor tinha tomado a decisão de “deixar o cabelo crescer como fez aos 16”, destacando que o artista sabia que aquilo exigia muitos cuidados e estava em dúvida se teria paciência para tal. Dentre os vários tipos de roqueiro, Dinho nunca foi, pelo menos desde que se tornou figura pública, um *headbanger*<sup>64</sup> – seria fácil imaginar, aliás, representantes do grupo torcendo o nariz para o vocalista ao classificá-lo como um *playboy* do *rock*. Porém, não nos parece exagero supor que deixar o cabelo crescer aos 53 anos possa ter uma ligação com a reafirmação de sua identidade roqueira (assumida ainda na adolescência). Como o cantor comentou ao UOL e reafirmou ao publicar o vídeo em que dá fim à “cabeleira”, a falta de paciência falou mais alto na decisão de não só colocar a tesoura para funcionar como ser ele mesmo o responsável, usando as próprias mãos.

<sup>62</sup> “Jovem” é o nome da canção de refrão: “Porque eu sou jovem / Com um corpinho de ancião / Eu sou jovem / Mentalidade de vovô / Eu sou jovem / E não importa o que disser / Eu sempre vou ser jovem”

<sup>63</sup> *O último roqueiro*, de Paulo Pacheco e Tiago Dias para o UOL, publicada em 29 de novembro de 2017. Disponível em <<https://www.uol/entretenimento/especiais/dinho-ouro-preto.htm#o-ultimo-roqueiro>>. Acesso em 11 de outubro de 2023.

<sup>64</sup> “*Headbanger* (...) é a denominação da cultura de fãs de heavy metal e suas variantes”. É fundamental que o *headbanger* tenha cabelos compridos para balançá-los ao som pesado das bandas do gênero. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Headbanger>>. Acesso em 11 de outubro de 2023.

O que ressaltamos também nesta análise é que se era esperado que o público o visse como roqueiro nesse momento, parte significativa dos internautas que se manifestaram no perfil do cantor no *Instagram* não acionou essa chave de interpretação ao detonar essa fase do ciclo capilar do ídolo com comentários de teor machista, classista e etarista, além dos pedidos para que o cabelo fosse cortado, que não faltaram, dos mais carinhos aos mais rudes. É evidente que ao lado de comentários na linha “professora de matemática divorciada”, estavam vários defendendo que ele se mantivesse firme na escolha pelo novo cabelo, assim como teve muita gente lamentando quando a tesoura entrou na história, seja por defender que o astro ficava mais bonito da maneira que estava, seja por valorizar o cabelo maior como um visual mais roqueiro – como a seguidora indignada que lamentou a escolha do ídolo feita, segundo ela, *exclusivamente* para agradar o público. Entre os comentários, havia também pessoas que esperavam que Dinho deixasse os fios ainda mais compridos, por isso estavam desapontadas. Em comparação às fotos do recorte temporal 2, passaram-se cerca de três anos e meio. Para um cinquentão tão elogiado pela jovialidade e que continuou exibindo a mesma aparência, exceto pelo cabelo, apenas esse aspecto (somado, talvez, aos óculos de grau, que ele já usava desde os 50) foi o suficiente para que ele passasse a ser comparado a uma “tia”. Entretanto, é notório que a juventude segue como um valor importante na construção da imagem de Dinho Ouro Preto perante o público. A análise deste recorte temporal nos leva à reflexão sobre a influência de opiniões do público sobre a imagem dos próprios artistas, que frequentemente precisam reconfigurar rotas ou readequar discursos de acordo com a opinião de seus adeptos e de seus detratores.

#### **6.4 Recorte 4 - Atletismo e fotos do passado (ou do presente?) - 01/02/2021 a 28/02/2021 (28 dias, com 16 postagens)**

As postagens compreendidas neste recorte acabam trazendo mais situações da vida privada do cantor, mas sem a presença de membros da família, e de lembranças do passado. Naquele momento a pandemia da covid-19 ainda impunha restrições importantes à mobilidade dos brasileiros. Já era possível sair para fazer uma corrida, mas de máscara e mantendo distância mínima de segurança dos outros. Os shows e aglomerações estavam suspensos, o que explica bem a mudança na rotina da celebridade sobre a qual nos debruçamos, um astro da música. Os posts relacionados a esse universo são quase todos de memória: uma foto da formação clássica do Capital Inicial nos anos 80, um vídeo curto de apresentação da banda em no Kazebre (casa de shows tradicional em São Paulo) e uma participação de Dinho em um trio elétrico no carnaval do ano anterior e um vídeo. A única

exceção é uma foto que mostra os pés do cantor cruzados em seu *home studio*, o que mostra que as poucas possibilidades de conexão com a música eram mesmo em casa.

O artista passou o período mais rígido de isolamento em seu sítio com a família. Assim, esse recorte também inclui duas fotos com cães de estimação, duas do prato de almoço do cantor, uma em que ele exibe a horta do sítio onde plantam verduras e legumes e uma *selfie* cuja legenda exprime a torcida do vocalista para que o processo de vacinação corresse bem e rápido para que a rotina do país voltasse ao normal. Além do ambiente doméstico, há uma publicação que remetia aos 100 anos do jornal Folha de São Paulo e outra com um lamento pela marca de 250 mil mortos por covid-19.

Por fim, as quatro postagens escolhidas para a análise são: outras duas fotos com temática musical, mas tiradas nos anos 2000, que mostram o cantor em um momento especial em sua trajetória e também muito mais jovem. Finalizando, uma imagem do cantor com sua bicicleta para dar umas voltas com máscara de proteção facial e outra de uma corrida no Parque do Ibirapuera, também com o rosto coberto. A juventude é tematizada pela reflexão de como é visto aquele Dinho na casa dos 30 anos hoje em dia e por meio da atividade física, que demonstra preocupação com a saúde, sendo um traço importante para o aspecto da jovialidade física apresentada.

**Foto 1 - 03/02/2021 (21 mil curtidas e 331 comentários)<sup>65</sup>**



<sup>65</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CK1b7dqATCW/>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

Dinho está em um ambiente aberto, na rua, em pé segurando uma bicicleta, sem camisa, usando uma máscara de proteção facial de pano, óculos escuros e um capacete para prática do ciclismo. Algumas de suas tatuagens nos braços e no peito são visíveis. A legenda diz: “que calor. bora pedalar...” Sua forma física e a disposição para pedalar no calor foram foco dos comentários.

E o corpitchiu tá em dia heim... 😊

Amado precisa ganhar um pouco de peso ou músculo, muito magrinho ❤️

Ohhhhhhhh lá em casa 🐱🐱🐱🐱🐱

@dinhouropreto gente esse omi é al em de talentoso é um gostoso eterno.

caramba, vc é muito gato, e não envelhece 🙌🙌🙌🙌

Bike é vida!!! ❤️

Gente dorme no formol 🚫🚫👉 benzadeus

Parece um menino esse meu idolo gato 🐾🐾

🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌 muito bem Dinho, está um garotão kkkkkk

Corpinho de 20 anos..pqp...Lindooooo, vc é a Paula, caramba...arrasam....os anos não passam p vcs...

Tá muito magrinho, hein... Não tem necessidade...

Um garotão 💪 🙌 🎵

Kd o piercing do umbigo? Poe de volta 🙌❤️

@dinhouropreto é da idade da minha mãe ! Eu fico de caraaaaaaa 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌 que Deus abençoe !!!! Vc faz parte da minha biografia ! 🙌🙌

Isso aí 🙌🙌🙌🙌 bora dar o exemplo: máscara e se exercitando 🤦

Corpinho de 15 anos de idade 💕💕

E esse muleque aí 😊 Dinho vc tá irresistível

Vc tá bem viu, um garotão 🙌🙌🙌

Fica até repetitivo mencionar, mas não pode ser ignorada a quantidade de elogios, ao mesmo tempo que é importante atentar para as contestações. Há um número significativo de pessoas que afirmam que o cantor estaria magro demais e as comparações com corpo 20 ou 15 continuaram nesse momento em que o cantor estava próximo a completar 57 anos. Um internauta demonstra surpresa com o cantor, uma vez que a idade de sua mãe e de Dinho é a mesma. Além da menção ao formol e ao tempo que não passaria para o cantor como passa para os outros. A prática do ciclismo foi elogiada por muita gente, assim como houve falas sobre a bicicleta da imagem. O calor também teve destaque, com comentários elogiando a coragem do cantor por enfrentar a alta temperatura e dar o exemplo de continuar se exercitando e com responsabilidade, pelo uso da máscara.

Dinho valoriza aqui sua imagem de esportista, que tenta encaixar as atividades em sua rotina, mesmo em condições adversas. Grande parte do público confirma essa visão e enaltece o astro por isso. É interessante ressaltar que pessoas que admiram o cantor, fortalecem esse sentimento pelo vínculo em comum com a corrida, que é também associada à música e ao próprio Capital Inicial, nos comentários de quem diz pedalar ao som da banda.

**Foto 2 - 22/02/2021 (3 mil curtidas e 100 comentários)<sup>66</sup>**



Essa é uma das típicas postagens que Dinho costuma fazer durante uma corrida no Parque do Ibirapuera, em São Paulo. Ela é feita no estilo carrossel (quando, no *Instagram*, são reunidas fotos e/ou vídeos em uma única postagem, com única legenda) e é composta de três fotos: uma do percurso feito pelo cantor demonstrado num mapa de aplicativo de corrida, com quilometragem, tempo decorrido e gasto calórico; uma selfie (nessa, ele está de máscara facial pelas restrições sanitárias); e uma relacionada às músicas que escolheu para ouvir durante o percurso (nesse caso, a capa do álbum “Let’s Rock”, da banda Black Keys). Na legenda, o artista costuma comentar sobre seu desempenho: “salve, amigos. boa semana pra vocês. hoje minha corrida foi bem meia boca. me faltou fôlego. muito bizarro. ao menos tive a companhia dos @theblackkeys...”. A atividade física é o principal temas dos comentários.

<sup>66</sup> Disponível em <[https://www.instagram.com/p/CLl\\_2zmgfHd/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CLl_2zmgfHd/?img_index=1)>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

sequela da Covid?? 🙌

Salve garoto. Vc está ótimo.

Ta muito quente. E amanhã vai ser pior. Se for vai bem cedo.

Boa tarde Dinho...ainda são seqüelas da Covid? Será?

Tem que começar a semana..depois vai entrando no ritmo 🙌🙌!

Treino bom é treino feito. Cada dia uma história. Na segunda é sempre mais puxado mesmo. Abraço de Joinville SC.

Vai com calma aí meu amigo admiro mto vc seu trabalho, vc fez parte de td minha adolescência, fiquei mto triste qd soube que vc estava com covid, mais graças a Deus vc esta bem agora... pega leve nos treinos afinal vc passou por momentos delicados com essa doença horrrosa que vem assolando o mundo!!! nao force seu corpo vai aos poucos.... te adoro , que Deus te abençoe imensamente 🙏❤️ e se cuida pelo amor de Deus!!!!❤️

Tá bom cara importante é concluir ,pegar ritmo não sei como funciona sua planilha , mas quando não for correr comece a pular corda ajuda bastante

Boa Dinho, sempre c a companhia de um som maravilhoso,ótima semana p todos nós!!!

O importante é que você não desiste e se exercita. Dias melhores virão! 🙏

Bom dia @dinhouopreto !! A volta é assim mesmo!! Daqui a pouco entra no ritmo sub 30 de novo!! Boa semana!!

Aqui aconteceu algo que se repete em outras publicações do tipo no perfil do cantor. Muitas pessoas dão dicas respondendo ao que Dinho comenta sobre seu tempo de corrida, desempenho e outras questões relacionadas. Outras demonstraram até preocupação porque o ídolo tinha se recuperado da covid-19 havia pouco tempo e mandando mensagens de incentivo, ressaltando a importância de se manter em movimento e tranquilizando-o com o argumento de que é normal ter dias ruins na prática da corrida. Ao mesmo tempo, há também aqueles que exaltam o próprio Dinho como inspiração para buscarem coragem e saírem do sedentarismo. Assim como no ciclismo, nas corridas a música também é um fator fundamental, como o artista sempre ressalta – e sempre corre ao som de bandas de rock. Os seguidores comentam sobre as trilhas sonoras que embalam o ídolo e também sugerem bandas para ouvir durante a atividade física. Também é recorrente o comentário de pessoas que querem se juntar a Dinho nesses momentos no Ibirapuera.

O esporte aparece como um valor importante tanto para o roqueiro quanto para o público relacionado à manutenção da saúde e da forma física, traço que comumente é associado pelos fãs à jovialidade do astro. Consideramos esse um ponto forte na imagem de Dinho comunicada por meio de suas redes sociais. Recentemente, inclusive, o cantor declarou que tem o desejo e o objetivo de correr uma maratona em breve e estaria se preparando para isso.

Foto 3 - 23/02/2021 (11 mil curtidas e 270 comentários)<sup>67</sup>



“achei algumas fotos antigas aqui. vou postar algumas pra vocês. essa é dos ensaios do acústico mtv-há zilhões de anos. não sei quem fez a foto...”. A legenda contextualiza bem a imagem. Dinho está sentado em uma cadeira enquanto apoia uma perna sobre a outra e tem o olhar compenetrado provavelmente no que os outros integrantes da banda ou músicos convidados estavam tocando naquele ensaio (ou alguma outra atividade relacionada à preparação para aquele “Acústico MTV”). Os zilhões de anos a que ele referia na verdade eram cerca de 22. A imagem traz para os fãs memórias sobre a época e o álbum clássico e também atraem elogios para o cantor.

Fui um dos primeiros a comprar o Acústico MTV em Porto Alegre. Não tinha aqui e eu mandei vir de São Paulo. Minha filha, hoje com 25 anos (eu nasci em 1964), na cadeirinha do banco de trás do carro, quando o Dinho dizia no show "quero ver essas mãos aí pra cima...", levantava os bracinhos...

Este acústico é maravilhoso. Nao me canso de ouvir

Continua o mesmo, lindo demais. 🙌🙌🙌🙌🙌🙌

Vc não muda...ja pedi o nome do azeite

@dinhouoproreto e @paulatoller beberam água da fonte d juventude ou então estão sendo conservados no formol? 😂😂😂😂

Marcou minha adolescência.

Minha fita VHS q tenho do acústico, minha jóia preciosa

<sup>67</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CLpueawATRE>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

Se vc nao falasse que era do acustico MTV, nao íamos saber...só vc pra postar um foto de 20 anos e continuar com a mesma carinha linda 😍.

22 anos essa. Ano 2000. Foi uma das poucas vezes que vi você sem VANS. E de sapato engraxado, isso é surreal. 😂😂😂😂😂😂😂😂

Quando do idolo é lindo e não envelhece 🥰🥰🥰🥰

Impressionante Dinho como vc m mudou nada! 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌

Que genética boa a sua, não envelhece de jeito nenhum! 🙌🙌🙌🙌

Pelo menos tem uns 20 anos essa foto

Dinho passa aí o endereço da fonte da juventude.....vc não muda nunca ❤️

Endereço da fonte da juventude na bio, por favor

Antigas? No máximo cinco anos.. Vc não muda

Além do “Acústico MTV” ser exaltado como uma obra de grande importância, que traz lembranças da adolescência de muita gente, é patente essa visão de como o cantor sempre esteve bonito e de que não envelhece. Contudo, é relevante ressaltar que o efeito desse tipo de comentário quando se fala de uma foto atual e outra datada de duas décadas atrás. Dessa maneira é reforçada a idealização de um congelamento no tempo, em termos de aparência física. “(...) parece que foi tirada ontem”, “(...) No máximo cinco anos.. Vc não muda”, “mesmo rosto”, além da “genética boa”, que nos parece uma expressão etarista em si – se ela faz com que a pessoa não envelheça, aquela que faz o contrário é a ruim? Considerando, ainda, que a genética é responsável por várias outras características do indivíduo, como a propensão a determinadas doenças, é sintomático da nossa sociedade que a “genética boa” se refira majoritariamente a traços físicos. Observamos ainda que há seguidores que destacam a idade da foto ou questionando quantos anos o artista tinha na imagem, fazendo um contraponto ao sugerir que o vocalista não tem hoje a mesma aparência de vinte anos atrás.

Neste post, de maneira intencional ou não, acaba por ser promovida uma relação entre uma representação de juventude associada a Dinho na época do “Acústico MTV” e essa mesma associação nos dias de hoje, muito ligada à fisionomia, ao corpo e ao vigor no palco. Alguns seguidores destacaram esse ponto ao falar de shows que compareceram na turnê daquele álbum ou até mesmo antes, nos anos 90.

Foto 4 - 25/02/2021 (6 mil curtidas e 130 comentários)<sup>68</sup>



Em mais uma foto tirada de outra já revelada, Dinho aparece cantando diante de um microfone e com um headphone nas orelhas, durante as gravações do álbum “Rosas e Vinho Tinto”, de 2002. A boca está com uma abertura pequena. Ele empurra com as mãos os fones para que cheguem mais perto dos ouvidos de olhos fechados, o que demonstra concentração no canto. A contextualização temporal foi feita por meio da legenda: “mais da sequência de fotos antigas que eu encontrei. essa eu acho q é da gravação do rosas e vinho tinto, mas não sei quem é o fotógrafo...”. Tanto o álbum, quanto a concentração do cantor receberam elogios.

DEUSOOOO!!! 🥰🥰🥰❤❤❤❤❤❤❤❤

Não mudou nada!!

Uma foto com raio X da alma 🙌🙌🙌

Eternamente Deus Grego.

Por que você não envelhece, cara??

Bem menininho ❤

Pura concentração!! ❤

Falando em vinho vc esta cada vez melhor...incrível!!! Vc exala uma vibe maravilhosa!!! 🥰🥰🥰🥰🥰

... foto inspiradora p um álbum inspirador ... todas as músicas são lindas ... sem exceção

<sup>68</sup> Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CLuhkxrggOK>>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

Essa foto ai muito antiga meu idolo dinho quantos anos tem essa ai

Com um número menor de comentários, as falas seguem uma linha semelhante às da imagem anterior. A ideia de congelamento da aparência vista como bela se repete, entre outras na expressão “Eternamente Deus Grego”, além da pergunta que não se cansam de fazer: “Por que você não envelhece, cara??”, demonstrando um certo incômodo da autora. Em comum também com a foto 3, há um comentário que realça a antiguidade da foto, questionando a quantos anos ela foi tirada.

#### **Resumo da análise do recorte temporal 4**

Deste grupo de postagens, destacamos o papel que a prática de esportes assume para o cantor tanto em uma esfera individual (de um valor que ele carrega para si) quanto coletivo, ao congregar pessoas que também valorizam a atividade física, buscam incentivá-lo nesse hábito e se inspiram na dedicação do ídolo. Consideramos que a busca por uma saúde melhor e pela manutenção de determinada forma física valorizada socialmente e associada ao corpo jovem é um importante elemento que representa a jovialidade apontada em Dinho. Aqui a imagem do roqueiro não entra em questão, tendo o *rock* apenas o papel de trilha sonora que dá ritmo à corrida. Sobre as fotos antigas, uma parte significativa dos comentários defendem um congelamento da aparência do ídolo ao longo das décadas, reforçando a juventude como um aspecto importante de sua imagem já há um bom tempo e se mantendo até os dias atuais.

## 7. Falando de música - A volta do Capital (ou o início, para quem não conhecia)

Relembrando, o Capital Inicial foi uma banda de relativo sucesso nos anos 80 e 90, mas considerados membros da “série B” do rock nacional. Oficialmente, o grupo nunca chegou a acabar, mas passou por um período de menor visibilidade quando Dinho saiu e foi substituído pelo cantor Murilo Lima, muito menos conhecido. O conjunto gravou dois álbuns, um de estúdio (“Rua 47”) e um ao vivo, ambos de maneira independente. Em 1997, quando o vocalista da formação clássica volta à banda é considerado até pelos próprios músicos como o retorno do grupo, como se ele estivesse parado nos anos anteriores – o que é uma grande injustiça com Lima, que assumiu os vocais com qualidade e personalidade.

Dito isso, a volta da formação clássica foi o que elevou a banda a outro patamar de popularidade, alcançando a tão sonhada “série A”. O CD de 1998, “Atrás dos Olhos”, foi bem recebido e preparou terreno para o que viria a seguir. A partir do “Acústico MTV”, de 2000, a banda de Brasília alcançou um sucesso comercial sem precedentes em sua própria história, o que levou algumas pessoas a pensarem que o conjunto tinha surgido naquele ano. A repercussão do álbum foi tamanha que praticamente todas as suas catorze músicas estiveram entre as mais tocadas nas principais rádios do país em algum momento. Mas três se destacaram: as inéditas (para o grupo) que foram escolhidas como músicas de trabalho<sup>69</sup>. “Primeiros Erros” é uma canção de Kiko Zambianchi lançada por ele em 1985, no álbum “Choque”, mas que nunca teve sucesso comparável à versão do Capital, com a participação do próprio, que tocou violão e fez *backing vocals* no álbum gravado ao vivo no Teatro Mars, em São Paulo, como músico convidado em todas as faixas, além de ter atuado com a banda nos shows da turnê daquele CD, por todo o Brasil. “Tudo Que Vai”, composição de Alvin L, Dado Villa Lobos e Toni Platão, é uma música do ano de 2000, mas foi feita originalmente para o álbum “Calígula Freejack”, de Platão, ex-vocalista da Hojerizah, banda carioca também nascida nos anos 80, mas que não “sobreviveu”. De acordo com o site oficial do músico (toniplatao.com.br), a interpretação do grupo brasileiro já seria uma regravação. Segundo Alvin L explicou em entrevista, a parte musical foi toda feita por Villa Lobos e a letra por ele, com inspiração na vida de Platão, que estava passando por uma separação. O letrista teria contado isso ao cantor e foi resolvido creditá-lo como autor, o que causou um atrito, uma vez que Platão teria ficado chateado pelos autores terem autorizado a gravação da

---

<sup>69</sup> Música de trabalho “é uma canção gravada pelo artista que é normalmente considerada uma das mais comerciais de um já lançado ou futuro álbum, para ser lançada em rádios e outros veículos de divulgação”. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Single>>. Acesso em 5 de setembro de 2023

música pelo quarteto de Brasília<sup>70</sup>. De um jeito ou de outro, foi a versão do Capital que tornou a canção amplamente conhecida em todo o Brasil. Finalmente, “Natasha” foi verdadeiramente a faixa inédita daquele álbum, composição de Alvin L e Dinho Ouro Preto que fala de uma jovem de “17 anos” que “fugiu de casa” e quase ficou de fora, entrando para o *setlist* do disco no período final de ensaios antes da gravação.

Antes de abordar a canção propriamente dita, cabe-nos tecer algumas considerações sobre esse momento de retorno da banda em sua formação clássica até então, que possibilitou a longevidade do conjunto até hoje, tendo sido considerado “Os Sobreviventes”, como chamou certa vez a revista *Rolling Stone*<sup>71</sup>, quando tantas outras bandas daquela época ficaram pelo caminho, além de terem dado um novo status ao próprio formato “Acústico MTV” e ao *rock* brasileiro no início deste século.

Ao ganhar uma segunda chance na carreira, coisa que não acontece com muitas bandas, o Capital viu ali uma oportunidade de reconfigurar sua imagem, pensamento que o próprio Dinho Ouro Preto nunca escondeu afirmando várias vezes que a banda não queria “viver de nostalgia”<sup>72</sup>, ou seja, fazendo shows somente para os fãs que a acompanhavam desde os anos 80 e 90 e tocando as músicas daquela época. Também como o próprio vocalista já contou várias vezes, a partir do sucesso do “Acústico”, a banda adotou a prática de lançar discos “compulsivamente”<sup>73</sup>, a cada dois anos, em média, de modo que o repertório fosse renovado, o que também acabaria trazendo um novo público – com os álbuns vendendo bem e as músicas de trabalho tocando nas rádios e tendo seus videoclipes reproduzidos com frequência na MTV, por exemplo. Esse momento também trouxe à tona um Dinho mais confiante artisticamente, segundo ele mesmo, tendo superado a insegurança, os maneirismos vocais e o fantasma de ser sempre uma imitação mal-feita de Renato Russo cantando<sup>74</sup>. E esse processo se deu como alvo de elogios e críticas, tanto por mudanças na sonoridade do grupo quanto nas temáticas das letras. Teve gente torcendo o nariz para o fato de o vocalista ter se tornado um “quarentão” cantando vivências adolescentes.

<sup>70</sup>Disponível em <[https://www.angelfire.com/in/capitalbh/alvinl\\_entrevista01.html](https://www.angelfire.com/in/capitalbh/alvinl_entrevista01.html)>. Acesso em 21 de novembro de 2023

<sup>71</sup>*Os Sobreviventes*. Disponível em <<https://rollingstone.uol.com.br/artigo/capital-inicial-capa-os-sobreviventes-dinho-ouro-preto>>. Acesso em 5 de setembro de 2023

<sup>72</sup>*Entrevista: Capital Inicial comemora longevidade da banda no Recife*. Disponível em <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/cultura/musica/noticia/2017/10/06/entrevista-capital-inicial-comemora-longevidade-da-banda-no-recife-310312.php>>. Acesso em 4 de setembro de 2023

<sup>73</sup>*Dinho Ouro Preto confessa que cansou de cantar algumas músicas do Capital Inicial*. Disponível em <<https://recordtv.r7.com/legendarios/fotos/dinho-ouro-preto-confessa-que-cansou-de-cantar-algumas-musicas-do-capital-inicial-22092018#>>> Acesso em 4 de setembro de 2023

<sup>74</sup>*DINHO encontrou sua voz quando parou de tentar imitar o Renato Russo #shorts* (vídeo). Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=R3mn\\_Yzex60](https://www.youtube.com/watch?v=R3mn_Yzex60)> Acesso em 7 de setembro de 2023

Em termos musicais, já comentamos que a banda teve uma identidade sonora considerada irregular nos anos 80 e 90. Entretanto, mesmo com as alternâncias entre um *pop* mais eletrônico e dançante, o estilo musical que predominava era um *rock'n'roll* mais ou menos pesado, com mais influência *punk* em determinados momentos, principalmente no primeiro álbum, de 1986, e baladas de *rock*. Já o disco que marca a volta da formação clássica com Dinho Ouro Preto, “Atrás dos Olhos”, de 98, tem como faixas mais conhecidas “O mundo” (do marcante verso “Se eu for ligar pro que é que vão falar, não faço nada”) e “Eu vou estar”, ambas regravadas no Teatro Mars, dois anos depois. Ainda que com alguns *riffs* mais pesados de guitarra, na obra que marca o retorno de Dinho já havia alguns sinais de um som mais limpo e violões com maior protagonismo, o que se intensificaria nos próximos trabalhos – vale a pena destacar que o *rock'n'roll* básico e com algum peso nunca foi abandonado completamente, mas as músicas mais conhecidas pelo grande público parecem puxar a banda mais para o *pop rock* do que para o *rock'n'roll* no Capital pós-2000, digamos assim. No “Acústico MTV”, como a própria proposta do show é dar ênfase aos violões, com contrabaixo acústico, piano, órgão, bateria e percussões, naturalmente a sonoridade da banda foi suavizada, apesar dos inúmeros efeitos que modificam o som original de algum violão em diversos momentos do álbum.

Ainda embalados pelo sucesso do “Acústico”, a sonoridade herdada do formato marcou grande parte das músicas do trabalho seguinte, “Rosas e Vinho Tinto”, de 2002, ao mesmo tempo em que parte das letras versava sobre temáticas ligadas ao universo juvenil, como a intensidade das experiências adolescentes que aparece em “220 volts” e “Mais”, uma das escolhidas como música de trabalho, e as descobertas sexuais e do corpo nos momentos íntimos e privados em “Quatro Vezes Você”, um dos maiores sucessos do álbum, essa com sonoridade alternando entre o peso do *rock* e a suavidade do *pop*. É a partir do álbum de 2002 que notamos a característica comum de escolher como faixa de abertura uma música mais pesada, calcada em guitarras com distorção, trazendo o *rock and roll* como uma espécie de cartão de visitas de cada disco (visto que estamos falando da primeira música). A mesma canção era escolhida para abrir os shows da turnê da vez, o que dava para quem começava a ouvir um trabalho novo de estúdio e também para quem experienciava o conjunto em ação ao vivo o recado de que a banda continuava roqueira. Mas, em geral, as músicas desse tipo são minoria nos discos de estúdio de inéditas do Capital neste século. Em “Rosas e Vinho Tinto”, por exemplo, só três ou quatro de um total de catorze se encaixam na descrição.

Tendo acrescentado outros *hits* ao repertório, como “À Sua Maneira”, o grupo lançou “Gigante!” em 2004, no ano em que seu *frontman* completava quarenta anos de vida. Ainda

que o som tenha ficado um pouco mais pesado, o sucesso do disco foi puxado pela balada “Não Olhe Pra Trás”, que integrou trilha sonora de novela da Globo, com uma letra mais reflexiva, repleta de conselhos genéricos para o ouvinte<sup>75</sup>. A temática juvenil seguiu bastante presente, falando sobre sexo e drogas, criticando o consumismo sem limites de uma “menina mimada” e abordando as “Perguntas sem Respostas” na música assim chamada, que traz os versos “O que o futuro reserva pra mim? / Uma vida de tédio ou diversão sem fim / Ser o primeiro a nunca envelhecer / Não precisar de ninguém / Não ter nada a perder”.

Depois de um disco de regravações para homenagear suas origens em 2005, o “Especial MTV Aborto Elétrico”, o próximo álbum de inéditas foi “Eu nunca disse adeus”, de 2007, no qual a temática jovem sobressaiu novamente. Apesar de algumas resenhas se pautarem por uma mistura excessiva entre o autor-cantor de uma peça musical e o eu lírico dos versos<sup>76</sup>, não parece gratuita a abertura com “A vida é minha (eu faço o que eu quiser)”<sup>77</sup>, também escolhida como música de trabalho, embora não com a mesma projeção de “Eu nunca disse adeus”, que narra uma paixão intensa surgida de um encontro casual entre duas pessoas em uma festa barulhenta<sup>78</sup>. Praticamente todas as músicas desse álbum parecem estar situadas no universo adolescente, configurando talvez um álbum conceitual<sup>79</sup> sobre o tema, apesar de nunca ter sido apresentado explicitamente pela banda dessa maneira. Destacamos, ainda, “Altos e Baixos” e a só não mais emblemática por não ser tão conhecida “Dezoito”, que versa sobre as inseguranças do eu lírico ao atingir a maioridade legal (do refrão “Parece que acabei de chegar / Tenho dezoito e não sei por onde começar<sup>80</sup>). Das treze músicas de “Eu nunca disse adeus”, doze são cantadas em primeira pessoa, além de uma matéria do jornal Extra

<sup>75</sup> Assim dizem os primeiros versos: “Nem tudo é como você quer / Nem tudo pode ser perfeito / Pode ser fácil se você / Ver o mundo de outro jeito / Se o que é errado ficou certo / As coisas são como elas são / Se a inteligência ficou cega / De tanta informação / Se não faz sentido, discorde comigo / Não é nada demais / São águas passadas / Escolha uma estrada e não olhe / Não olhe pra trás”

<sup>76</sup> Como a do site Pílula Pop intitulada (vejam só!) “Síndrome de Peter Pan”, assinada por Rodrigo Ortega, que faz parte do *corpus* desta pesquisa. O texto começa assim: “Dinho Ouro Preto é um fenômeno cada vez mais estranho no universo “pop-rock” brasileiro. Basicamente, ele é um cara de 42 anos que canta, fala e dança como um moleque de 15. Parece que quanto mais velho ele fica, mais adolescente ele quer ser”. Disponível em <<http://www.pilulapop.com.br/retro/receituario.php?id=556>>. Acesso em 5 de setembro de 2023.

<sup>77</sup> Na linha do rock com guitarra e violão, Dinho canta: “Não ponha palavras na minha cabeça / Pare de falar, antes que eu enlouqueça / Não quero dar explicações / Não vou mudar, não importa o que aconteça / A vida é minha, eu faço o que eu quiser!”

<sup>78</sup> Uma paixão tão intensa que se expressa nos versos: “Se me pedisse pra pular de um prédio / Eu diria ‘sim’ / Qualquer coisa pra você gostar de mim / Agora, pra sempre, foi embora, mas eu nunca disse adeus”.

<sup>79</sup> Álbum conceitual é aquele que está ligado por um conceito que faz com que as músicas tenham um significado maior juntas do que cada uma de maneira individual, o que pode se dar por um tema central, que pode ser instrumental, composicional ou lírico. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81lbum\\_conceitual](https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81lbum_conceitual)>. Acesso em 3 de outubro de 2023.

<sup>80</sup> Um bom exemplo da conexão temática do universo do *rock* com a juventude é a semelhança que essa canção traz com a mensagem de “I’m eighteen”, do roqueiro Alice Cooper, lançada em 1971, quando o cantor tinha vinte e poucos anos: “I’m eighteen / And I don’t know what I want” (em português: “Tenho dezoito e não sei o que quero”).

apresentar o lançamento como “homenagem aos fãs mais jovens”, incluindo falas como “Letras diretas ganham a garotada”, atribuída ao próprio Dinho<sup>81</sup>.

Vale destacar que é importante pensar em cada álbum como um todo, pois é um fator historicamente valorizado na indústria fonográfica. Os artistas passavam meses trabalhando em um conjunto de músicas, que eram compiladas em determinada ordem, além da grande dedicação na escolha do título da obra, capa e encarte, tanto dos discos de vinil quanto dos CDs. Isso foi perdendo força ao longo dos anos no Brasil e no mundo. O último registro de inéditas do Capital, “Sonora”, de 2018, é nativo das plataformas de *streaming*, feito da maneira como muitos artistas fazem atualmente: músicas vão sendo lançadas separadamente com intervalos de semanas ou meses para depois serem reunidas em um “álbum”.

Para não nos estendermos muito falando de cada um dos discos seguintes do Capital Inicial depois de “Eu nunca disse adeus”<sup>82</sup>, é importante assinalar que a banda lançou outro álbum acústico ao vivo, o “Acústico NYC”, gravado em Nova Iorque, em 2015, apenas com canções de 2002 para frente, fato significativo no gesto de reconfiguração da carreira e renovação de repertório, inédito entre os conjuntos dos anos 80. O registro consolidou a nova fase em um show único que acabou por sintetizar a nova faceta sonora (e temática) da banda no século XXI e ainda contou com a participação especial de dois nomes já estabelecidos na chamada “nova MPB” – Seu Jorge (em “À Sua Maneira”, “Belos e Malditos” e “Vai e Vem”) e Lenine (em “Não Olhe Pra Trás” e “Tempo Perdido”, regravação da Legião Urbana). Com a ressalva de que não se pode confundir o eu lírico de uma música com seu autor e/ou intérprete, ressaltamos que é uma associação válida em certa medida, no sentido que as músicas cantadas acabam por compor o *personagem*<sup>83</sup> do cantor, ou melhor dizendo, sua

<sup>81</sup> *Capital Inicial lança disco em homenagem aos fãs mais jovens*. Disponível em <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/capital-inicial-lanca-disco-em-homenagem-aos-fas-mais-jovens-663394.html>>. Acesso em 7 de setembro de 2023

<sup>82</sup> A discografia prossegue com “Capital Inicial Multishow Ao Vivo” (gravação em CD e DVD de um show da banda com entrada franca em 2008, na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, nas comemorações de 48 anos da cidade, para um público estimado em 1 milhão de pessoas), *Das Kapital* (2010, álbum que marcou a volta de Dinho à música depois de se recuperar da queda do palco em um show, que lhe causou traumatismo craniano seguida de uma infecção hospitalar durante o período na UTI do hospital Sírio Libanês), “Rock In Rio 2011 - Capital Inicial” (2012), “Saturno” (2013), “Viva a Revolução” (EP, 2014), “Acústico NYC” (2015), “Sonora” (2018) e “Capital Inicial 4.0” (2022, show em comemoração aos 40 anos de carreira, com músicas de toda essa trajetória, de 1982 a 2022, e participações especiais de artistas da nova geração, como Marina Sena, Vitor Kley e Ana Gabriela, além de representantes de gerações passadas, como Pitty, Samuel Rosa e Carlinhos Brown).

<sup>83</sup> Ressaltamos o uso da expressão, que já foi usada pelo próprio cantor. “O grupo começa no próximo dia 10 de abril sua turnê nacional, e a vida de Dinho Ouro Preto volta à alternância entre a parte ‘rock ‘n roll’ (um ou outro excesso) e a parte ‘pai de família’ (ele tem três filhos). ‘Passo um terço do ano na estrada. Você acaba tendo uma vida dupla. Você precisa aprender a não misturar as duas coisas, porque na estrada você é quase um personagem’, declara.” *Em novo disco, quarentões do Capital Inicial seguem falando a língua da garotada*, publicada em 2007. Disponível em <<https://g1.globo.com/Noticias/Musica/0..MUL15219-7085.00-EM+NOVO+DISCO+QUARENTOES+DO+CAPITAL+INICIAL+SEGUEM+FALANDO+A+LINGUA+DA+GAROTA.html>> Acesso em 8 de setembro de 2023

imagem pública. A juventude que Dinho canta, juntamente com a juventude que ele representa em sua imagem e performance, tem uma relação com sua ligação com o público jovem. Como vimos nos álbuns sobre os quais discorreremos brevemente, certos temas são recorrentes nas canções como festas, drogas, impulsividade e uma certa desorientação perante a vida ou alguma situação específica, um sentimento de estar perdido. Essa característica bastante disseminada no *rock and roll* se mantém em maior ou menor medida em todos os lançamentos inéditos posteriores da banda. Evidentemente, há outras letras que vão além desses temas, algumas mais densas, e até mesmo aquelas que versam sobre relacionamentos, por exemplo, mas com reflexões que parecem ultrapassar preocupações muito imediatistas associadas à adolescência – como as canções “Tudo que vai”, “Poucas horas” e “Um homem só” –, o que aponta para uma variedade no público da banda, composto por jovens e também adultos de diferentes faixas etárias. Na análise de músicas isoladas, poderemos ter uma ideia de como tudo isso reverbera na identificação com os fãs.

### **7.1. A juventude cantada por Dinho nas letras do Capital Inicial**

Para a análise musical, escolhemos três álbuns da nova fase da banda a partir de 2000, que foram analisados a partir da mesma metodologia com a qual observamos as outras partes do *corpus*. O discurso musical é pensado a partir do álbum como um todo e de uma música de cada um deles que foi escolhida para a análise, tanto em termos de letra quanto no contexto de seu lançamento. O discurso da crítica musical também será acionado para percebermos os enquadramentos que a mídia especializada conferiu ao trabalho da banda, assim como comentários de internautas em vídeos específicos ligados à canção escolhida de cada disco. Os álbuns foram escolhidos por sua importância estratégica na carreira do grupo no momento do lançamento: “Acústico MTV” (2000), o de maior repercussão; “Eu nunca disse adeus” (2007), rendeu apenas uma faixa que pode ser considerada um *hit*, mas tem as letras todas praticamente direcionadas a questões do universo adolescente/jovem, o que é relevante para nossa análise; “Sonora” (2018), o mais recente de canções inéditas, notabilizado por envolver em seu processo de produção bandas das novas gerações do rock brasileiro, tendo como produtor musical o líder de uma delas, Lucas Silveira, do Fresno.

### **7.2 “Acústico MTV”**

O “Acústico MTV” do Capital Inicial, como já dito, é considerado o álbum mais importante da carreira da banda. Ele foi gravado pouco tempo depois do retorno da formação original, que tinha conseguido bons resultados com o CD de estúdio “Atrás dos Olhos”. Já seu sucessor, foi gravado ao vivo em uma única noite e estava pautado na proposta da série da

MTV, que já era feita desde o final dos anos 80 nos Estados Unidos<sup>84</sup> e tinha algumas (poucas) edições de artistas brasileiros – entre as de maior sucesso estão as de bandas de *rock* dos anos 80 Titãs, Paralamas do Sucesso e Legião Urbana e a da chamada rainha do *rock* (apesar de não gostar do título), Rita Lee. Em geral, os discos faziam um apanhado da carreira do artista, lançando algumas canções inéditas (duas ou três) com a participação de convidados especiais em algumas faixas e uma instrumentação primordialmente acústica.

Cumprindo essa proposta, mesmo resgatando canções antigas, a banda apostou em sua escolha de apontar “para o futuro”. Das catorze canções que foram para o CD, DVD e programa exibido na MTV, seis eram dos anos 80 (“Independência”, “Leve desespero”, “Fogo”, “Fátima”, “Veraneio vascaína” e “Música urbana”), cinco da década seguinte (“O Passageiro”, “Todas as noites” e “Cai a noite” – sendo que duas poderiam estar mais frescas na memória do público por serem do disco de 1998, “O Mundo” e “Eu vou estar”) e três inéditas (“Primeiros erros”, “Tudo que vai” e “Natasha”). Em relação às participações especiais, o músico Kiko Zambianchi tocou violão em todas as músicas (e ainda participou da turnê do álbum) e a cantora Zélia Duncan tocou bandolim e dividiu os vocais com Dinho em “Eu vou estar”. Ainda que possa parecer pouca novidade a inclusão de três inéditas, eles pinçaram duas que só existiam há dois anos (o que hoje poderia soar absurdo devido à demanda por novidades e à velocidade da informação no mundo contemporâneo, mas, vamos lá, ainda era 2000!). Em um universo de catorze músicas, cerca de 35% do disco poderia ser considerado material novo (sendo 21% novíssimo, as inéditas). Outro ponto importante é que ali parece ter se iniciado uma mudança consciente de um certo apagamento do repertório antigo. Defendemos isso porque, além de ser um dos mais bem-sucedidos “Acústicos”, trata-se de um dos mais curtos, com menos músicas. Em geral, as edições em CD de artistas brasileiros não têm menos de 16 músicas, tanto os gravados antes quanto os depois da banda de Dinho<sup>85</sup>.

Trata-se do álbum mais vendido da carreira do Capital Inicial, o que mais teve músicas de sucesso, mesmo as regravações, e o responsável pela criação de pelo menos dois *hits*, que são provavelmente as canções mais conhecidas entre as interpretadas pelo grupo, “Primeiros

<sup>84</sup> Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/MTV\\_Unplugged](https://pt.wikipedia.org/wiki/MTV_Unplugged)>. Acesso em 14 de novembro de 2023.

<sup>85</sup> Alguns exemplos a título de comparação: Gilberto Gil - 16 faixas, Titãs - 22, Rita Lee - 18, Gal Costa - 16, Cássia Eller - 17, Kid Abelha - 19, Charlie Brown Jr. - 20. A Legião Urbana gravou com 14, mas incluindo duas músicas de mais de 9 minutos de duração. Claro que outros fatores podem ter interferido, como o fato do Capital Inicial ter tido apenas uma noite para a gravação, ao contrário do padrão de duas, mas há margem para pensar que a banda poderia ter resgatado muito mais canções dos anos 80, o que de fato foi considerado, como conseguimos ver em algumas imagens no *making of* do show quando papéis impressos com as músicas que estavam ensaiando aparecem – e é uma lista enorme. Outras três músicas foram tocadas naquela noite no Teatro Mars, mas não entraram nas versões em CD e DVD, “Belos e Malditos” (1989), “Kamikaze” (1991) e “1999” (1998).

Erros” e “Natasha”. A partir dele, houve grande exposição da banda e interesse por seu trabalho, rendendo uma turnê extensa que passou por todo o Brasil, colocando o grupo em outro patamar em termos de popularidade e reconhecimento. Uma vez que a importância do álbum fala por si só, não julgamos necessário trazer para o trabalho textos de crítica musical sobre o material.

### 7.2.1 Análise musical - “Natasha”

A canção deste álbum a ser analisada é “Natasha” e vamos partir de quatro vídeos e comentários feitos por usuários do *YouTube* nessas publicações. Os vídeos são:

- CAPITAL INICIAL | NATASHA - ACÚSTICO MTV (do canal oficial da banda)<sup>86</sup>
- QUEM É NATASHA? DINHO OURO PRETO EXPLICA (do canal oficial da banda)<sup>87</sup>
- CAPITAL INICIAL FEAT MARINA SENA | NATASHA | VÍDEO OFICIAL 4.0 (do canal oficial da banda)<sup>88</sup>
- Outro nome, climão com filhos: Capital Inicial revela segredos e bastidores do hit Natasha | Meu Hit (do canal “Splash”, ligado ao UOL)<sup>89</sup>

Antes de mais nada, apresentamos a letra da música, composição de Alvin L e Dinho Ouro Preto, uma das mais conhecidas da banda.

Tem dezessete anos e fugiu de casa  
 Às sete horas da manhã do dia errado  
 Levou na bolsa umas mentiras pra contar  
 Deixou pra trás os pais e o namorado

Um passo sem pensar  
 Um outro dia, um outro lugar

Pelo caminho, garrafas e cigarros  
 Sem amanhã, por diversão, roubava carros  
 Era Ana Paula, agora é Natasha  
 Usa salto quinze e saia de borracha

Um passo sem pensar  
 Um outro dia, um outro lugar

O mundo vai acabar  
 E ela só quer dançar  
 O mundo vai acabar  
 E ela só quer dançar, dançar, dançar

<sup>86</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=fQEWIPp0m\\_o](https://www.youtube.com/watch?v=fQEWIPp0m_o)>. Acesso em 5 de setembro de 2023

<sup>87</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=a6CSRvs5dow>>. Acesso em 5 de setembro de 2023

<sup>88</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=56pH4vlu18A>>. Acesso em 5 de setembro de 2023

<sup>89</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BpMwoAq6akk>>. Acesso em 5 de setembro de 2023

Pneus de carros cantam  
Tchuru, tchuru, tchuru, tchuru...

Tem sete vidas, mas ninguém sabe de nada  
Carteira falsa com idade adulterada  
O vento sopra enquanto ela morde  
Desaparece antes que alguém acorde

Um passo sem pensar  
Um outro dia, um outro lugar

Cabelo verde, tatuagem no pescoço  
Um rosto novo, um corpo feito pro pecado  
A vida é bela, o paraíso é um comprimido  
Qualquer balaco ilegal ou proibido

Para responder à primeira pergunta da nossa grade analítica (Como essa música aborda aspectos ligados à juventude e à adolescência?), vamos recorrer à letra e a falas de Dinho sobre a obra nos vídeos selecionados. Na verdade, a própria peça musical fornece os elementos para sua compreensão, tendo em vista que grande parte das canções que circulam por aí nem sempre tem um depoimento correspondente da pessoa responsável pela autoria discorrendo sobre sua criação. Do aspecto musical, “Natasha” pode ser classificada como aquilo que a indústria fonográfica chama uma canção “comercial” ou “radiofônica”. Tem duração de cerca de três minutos, letra simples, calcada em rimas exatas em sua maior parte, uma melodia vocal de fácil acompanhamento e refrão “chiclete”, que se fixa facilmente na memória de quem ouve algumas vezes. Esses são alguns dos elementos que a colocam como uma típica canção de *pop rock* e que de certa forma fazem parte da “fórmula” da música de sucesso, mas que obviamente não explicam completamente sua repercussão. Há várias camadas por trás de uma questão como essa sobre a qual diversas pesquisadoras e pesquisadores se debruçam. Um ponto, inclusive, é a exposição, as repetições da música em diversos meios, não só de uma canção específica, mas de outras do mesmo gênero. Tendo em vista o momento do *rock* nacional em 2000 comparado aos dias atuais, arriscamos a dizer que dificilmente “Natasha” seria um *hit* tão conhecido se fosse lançada em 2022 ou 23.

De toda forma, as falas de Dinho são interessantes para contextualizar o que estava por trás da canção<sup>90</sup>: a experiência do próprio autor nas noitadas *clubbers* da cidade de São Paulo, trocando a noite pelo dia em um ambiente sonorizado pela música eletrônica e recheado de muitos excessos – aqui, ele está falando principalmente de drogas e sexo. A letra traria, então,

---

<sup>90</sup> Além de trazer algumas curiosidades interessantes, como a origem dos versos “Pneus de carro cantam tchuru tchuru, tchuru, tchuru” na canção “Walk On The Wild Side”, de Lou Reed, o que nos leva também à breve observação de que a letra de Reed como um todo tem uma certa aproximação temática com a do Capital.

uma síntese de várias pessoas que o próprio artista afirma ter conhecido nessa fase mais “barra pesada” de sua vida, nos anos 90, da qual já falamos neste trabalho – marcada sobretudo pelo uso abusivo de drogas. Elementos dos próprios versos vão nos mostrar a (re)criação de um ambiente muito frequentado por pessoas jovens (“Tem 17 anos e fugiu de casa” e “Carteira falsa com idade adulterada”, por exemplo).

Basicamente, a canção está falando de uma mulher jovem que curte a vida intensamente nas baladas, sem preocupar-se com o futuro. A independência dessa personagem é expressa desde o início quando ela resolve fugir de casa e deixar para trás os pais e o namorado. Seus passos são irrefletidos e movidos a bebida e cigarro. No refrão, o escapismo que Dinho comenta: o mundo acabando, coisas ruins acontecendo, mas hoje o que ela quer é dançar, viver o momento dançando. Outro ponto interessante é que Natasha é construída como uma personagem admirável, decidida e autêntica – as sete vidas, a capacidade de desaparecer antes dos outros acordarem, o cabelo verde e a tatuagem no pescoço (que denotam rebeldia ao ir contra o que a maioria das pessoas fazem), além do rosto novo (ou jovem) e do corpo feito para desfrutar o prazer –, aos moldes dos filmes que fazem o espectador torcer para o vilão por ser uma pessoa sedutora, mesmo que cometa ilegalidades, como roubar carros, só por diversão, como interpreta o autor. Destacamos, ainda, para além das partes que Dinho resolveu tirar da letra, conforme conta Alvin L<sup>91</sup>, é que estão colocadas de maneira explícita nos versos os elementos mais socialmente aceitos das baladas, que são as bebidas, os cigarros, as roupas e a dança, enquanto outros são colocados de maneira mais velada ou indireta, como nos versos “O vento sopra enquanto ela morde” (morde o quê?), “Um rosto novo, um corpo feito pro pecado” (falando de sexo, mas não de maneira explícita) e “A vida é bela, o paraíso é um comprimido” (qual comprimido?).

Então, há uma forma de juventude que é tema da música. Esse sonho de se libertar das ordens dos pais fala muito “ao coração da garotada”, como diz o autor. Mas trata-se, sobretudo, de uma juventude feminina (ainda que a composição seja de dois homens), menor de idade – portanto, uma adolescente –, que age de maneira independente (pelo menos da família e do namorado, de uma estrutura social mais tradicional), que curte a vida, a noite, as drogas. E é uma letra que apresenta essa jovem como alguém incrível, o que nos permite afirmar que trata-se de uma peça, se não em defesa, pelo menos de admiração por esse estilo de vida. Veremos ainda como as fãs e os fãs da música vão falar sobre ela. Mas, até aqui,

---

<sup>91</sup> Segundo o parceiro de Dinho em “Natasha” e diversas outras composições, a letra era mais pesada, principalmente no que se refere a questões sexuais. *Os versos censurados por Dinho do clássico "Natasha", do Capital Inicial*. Disponível em <[https://whiplash.net/materias/news\\_723/337895-capitalinicial.html](https://whiplash.net/materias/news_723/337895-capitalinicial.html)>. Acesso em 7 de setembro de 2023

Dinho parece ter certa razão naquilo que comenta em um dos vídeos selecionados. A canção aborda o querer ser livre, fazer as próprias escolhas, características que são valorizadas nos homens e que deveriam ser também nas mulheres. Mas daí a concluirmos que “nesse sentido, é quase um hino feminista” já é um grande exagero por parte do vocalista.

A questão da juventude ganha ainda uma outra camada quando a música é regravada no show “Capital Inicial 4.0”, em comemoração aos 40 anos da banda. A faixa conta com a participação especial da cantora Marina Sena, projetada em vídeo em um telão porque ela não pôde comparecer à gravação da apresentação ao vivo. Marina é uma cantora *pop* jovem da região Norte de Minas Gerais, provavelmente uma das mais famosas entre o público jovem no país. Segundo Dinho Ouro Preto, quando o Capital a convidou para cantar a composição, suas palavras entusiasmadas foram: “Eu sou a própria Natasha!”.

O *YouTube*, pertencente ao *Google*, é uma das plataformas de vídeo mais acessadas no mundo e funciona basicamente como um grande repositório *online* e gratuito (apesar dos anúncios que antecedem o conteúdo procurado ou o interrompem no meio, infernizando os usuários). É lá que muita gente procura algum vídeo específico que queira ver ou utiliza a plataforma como um *jukebox*. Também é permitido a quem assiste os vídeos logado em uma conta fazer comentários. Nesse ponto (e em vários outros), ele traz uma grande diferença em relação ao *Instagram* – que é uma rede social para se saber “o que tá rolando” no momento, de maneira instantânea, como o próprio nome alude. Então, ainda que as duas incentivem os comentários, na rede da *Meta*, eles vêm pouco tempo depois que a foto (ou vídeo) é postada, sendo raros os comentários muito posteriores. Já no *YouTube*, além desses mais próximos do momento das postagens, os comentários continuam sendo feitos ao longo do tempo por pessoas que só acessaram uma peça audiovisual meses ou até anos depois de ela estar disponível. Além disso, tem o material que só aparece na plataforma anos depois de ter sido lançado (principalmente em mídias como DVD e VHS).

No caso em questão, o Capital Inicial resolveu postar em seu canal oficial na plataforma, que tem mais de 1,2 milhão de inscritos<sup>92</sup>, os vídeos de cada uma das catorze músicas do “Acústico MTV”, em junho de 2020, em comemoração aos 20 anos do show lançado em CD e DVD<sup>93</sup>. O registro de “Natasha”, postado no dia 15/06/2020, tem mais de

<sup>92</sup> Os inscritos de um canal são usuários que indicam um interesse especial nele e recebem notificações quando um vídeo novo é publicado naquele ambiente. Essa modalidade é gratuita e não é preciso ser inscrito em um canal para comentar vídeos dele. O número acaba servindo como um medidor de popularidade do canal. O *YouTube* ainda tem a modalidade “membro”, que envolve pagamento financeiro e algumas vantagens que os mantenedores do canal oferecem a essas pessoas.

<sup>93</sup> Evidentemente, já havia vídeos deste show no *YouTube* postados por outros canais/usuários, como um com todas as catorze músicas, o que seria o DVD na íntegra, upado em novembro de 2013. Mas a postagem no canal oficial da banda também ganha um caráter oficial e acaba por reunir mais fãs assistindo e comentando. O vídeo

1,4 milhão de visualizações, 10 mil marcações “gostei”, nenhuma marcação “não gostei” e mais de 150 comentários<sup>94</sup>. Entre eles, encontramos alguns postados há 3 anos (feitos, portanto, pouco depois da postagem do vídeo), 2 anos, 1 ano ou há 6 meses, 3 meses, 1 mês e por aí vai.

É válido abordar brevemente a performance musical e corporal da banda e de Dinho nesse contexto. O cantor de fato ainda vivia sua juventude em vários sentidos e não tinha sequer completado 36 anos. O show em questão captado no Teatro Mars é, inclusive, uma rara chance de ver o vocalista cantando sentado e com um figurino um pouco mais formal, já que ele usa uma camisa social roxa por cima da regata branca. O artista movimentou-se bastante, mesmo sentado, e parecia querer se levantar para cantar em pé a qualquer momento, algo que ele fez em quatro músicas. Uma delas, logo no começo da apresentação, foi “Todas as Noites”, mas apenas em um pequeno trecho instrumental. Depois, abandonou seu banquinho em “Eu Vou Estar”, mas porque a convidada Zélia Duncan também cantou e tocou em pé. Já nas duas últimas, “Veraneio Vascaína” e “Música Urbana”, o cantor levantou-se pela energia das faixas, lembrando um pouco um show elétrico e em palcos maiores da banda.

Voltando ao vídeo de “Natasha” postado no canal do grupo no *YouTube*, a canção é enaltecida por mulheres e homens por aspectos como rebeldia, curtição, juventude, adolescência e, principalmente, uma certa nostalgia, em comentários de pessoas que mostram não serem adolescentes mais, mas lembram dessa fase da vida com saudade, como uma época boa. Um tempo que já passou, mas com o qual é possível se reconectar através da música. Outras falas dão o indicativo de pessoas que estavam nessa fase no momento em que digitaram as palavras. Vejamos uma pequena mostra.

Minha música hahaha (a pessoa se chama Ana Paula)

Minha música ♥ (a pessoa se chama Natasha)

Anna Paula aqui ouvindo essa música: 🤪 Mentira kkkk essa foi a música da minha vida, sempre fui vida loka kkkkk

Natasha foi meu alterego da adolescência...

Ja fui Natasha por bastante tempo, ai engravidei virei mae de familia, hoje estou de boa

Essa música da uma liberdade e uma vontade de viver porra Natasha

Uma das melhores viagens ao passado ainda presente! Sempre obrigado (CAPITAL INICIAL)

Amo essa música meus 17 anos foi intenso!

---

em questão, por exemplo, postado pela conta “Vânia Lima” tem cerca de 113 mil visualizações e 30 comentários. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=uSMmbICAC8s>>. Acesso em 7 de setembro de 2023

<sup>94</sup> Os números relacionados a todos os vídeos associados a “Natasha” se referem ao dia 5 de setembro de 2023, quando acessei esses materiais.

Meu sonho de adolescente era ser igual a Natasha, mas não nunca deu certo! Fui muito calminha para isso. Kkkkkkkkkkk

Já fui uma Natasha Como curti minha juventude Viva as Natashas!

Tenho certeza q muitas se identificam com essa música. Adolescente vivem assim kkkk

Ahhh meu 14 anos 🥰🥰🥰🥰

exatamente com 17 eu fugi

Quantos quarentões quarentonas hoje dariam tudo pra voltar no tempo e também chutar o balde como a personagem da música ...

Epoca que fui rebelde mas intacta pro sexo pude viver isso

"A vida é bela o paraíso é um comprimido" se for de clonazepam realmente é paraíso . Amo capital

Tomara que a Natasha esteja bem

Nunca me droguei! Não preciso! Nunca precisei! Nunca vou precisar! Mas e uma linha tenue! Amigos caralho! Influenciam! Qualquer um pode cair nessa cilada! Caminho sem volta! Enlouquecedor! Uma merda! Suicídio! Tive sorte! Boa sorte!!! Lu! Rio de Janeiro - Brasil! Beijinhos!

De cara, chama a atenção a identificação por termos como “Minha música”, usado por pessoas que aparentam viver o estilo de vida noturno da adolescente Natasha. Há também outras que já viveram, mas foi uma fase que ficou no passado e é interpretada no presente exatamente como uma fase, depois de tornar-se “mãe de família”, por exemplo, já não parece mais possível ser uma Natasha. A saudade da juventude também é uma sensação que atravessa vários comentários. Outras dizem ter alimentado o sonho de viver a liberdade que a personagem transparece, mas sem terem realizado a idealização, vivendo uma adolescência mais recatada. Pelos nomes de usuários (não exibidos aqui), percebemos que a maior parte das pessoas que expressam identificação com a canção são mulheres, mas não só, com alguns homens comentando, como um que fala sobre os quarentões que dariam tudo para voltar à juventude e “chutar o balde”. A questão das drogas também não passou despercebida, quando um usuário faz menção ao verso “A vida é bela, o paraíso é um comprimido”, afirmando que a substância clonazepam realmente equivaleria ao que seria o paraíso. Curiosamente, essa é a última substância cuja dependência o cantor Dinho Ouro Preto declarou ter se livrado, em 2020, mas pelo contexto da letra, o tal comprimido comparado ao paraíso está mais para ecstasy, que tem efeitos associados à euforia, agitação e excitação. Por fim, temos um comentário um tanto confuso de uma pessoa que critica o uso de drogas, afirmando nunca ter feito, mas também destacando que é “um caminho sem volta” e “enlouquecedor”, como que alertando as pessoas que se identificaram com o consumo das substâncias na música.



Outras manifestações destacam mulheres que saíram ou fugiram de casa aos 17 anos, o que denota um ato de inconformismo, rebeldia e coragem. Percebemos também uma faceta da canção que remete ainda à pré-adolescência, momento em que uma internauta associa a canção às excursões escolares, quando uma turma de quarenta crianças entoava os versos a plenos pulmões. “Natasha” ainda é considerada “um hino de uma geração” e uma obra que “representa a adolescência e seus (sic) nuances”.

Por fim, destacamos o ressurgimento da faixa no momento de celebração dos quarenta anos da banda. Conforme destacamos, o produto lançado para ocasião contou com a participação de alguns artistas da nova geração. Para interpretar “Natasha”, foi convidada a cantora mineira Marina Sena. O vídeo “CAPITAL INICIAL FEAT MARINA SENA | NATASHA | VÍDEO OFICIAL 4.0”, postado no canal da banda em 22/07/2022, possui mais de 455 mil visualizações, mais de 5 mil indicações “gostei”, nenhuma do contrário e mais de 650 comentários.

Nesta apresentação, pelo menos no vídeo em questão, a performance de Dinho parece ter ficado em segundo plano. Para aquele show no Rio de Janeiro gravado e lançado como o registro audiovisual oficial da turnê 4.0, o cantor vestiu-se de maneira mais formal do que de costume, um visual que passou a adotar em alguns momentos da turnê, com terno e calça social pretos risca de giz – ao estilo de um traje à rigor escolhido para a tão importante comemoração dos 40 anos do Capital. A camisa também é social, mas um pouco mais despojada, preta com estampas. A interação com a plateia e o sorriso no rosto se mantiveram como sempre, mas ele se movimentou pouco. Claramente, essas modificações foram adotadas por conta da participação de Marina exibida no telão. Como ela era a estrela da música, o vocalista passou a ser o coadjuvante. Vejamos agora o que os fãs da banda (e da cantora) comentaram sobre a parceria.

Apos tantos anos acharam a verdadeira Natasha ... Parabens a todos que escolheram essa menina, simplismente perfeito, não conhecia ela mas virei fã, afinação impressionante

QUE TOP, MINHA CONTERRÂNEA MARINA SENA COM CAPITAL INICIAL. MUITO D+!!! ESSA MENINA VAI LONGE.

Encontro de gerações. Essa musica é um hit atemporal, e essa vibe que marina trouxe pra nova versão é tudo. Pra quem ta comentando que não gostou ,paciência, ninguém agrada todo mundo, mas doa a quem doer, marina sena chegou pra revolucionar o pop brasileiro, ela ta entregando muito e ta só começando. Vai dominar geral!!!!

Anos se passaram e Natasha foi encontrada... Amei ✓

Ficou perfeita essa versão Acertaram em cheio!!!!

Ninguém interpretaria melhor! Marina veio pra ficar ♥

O mundo vai acabar e eu só quero dançar 🥰💕

Marina Sena deixou a musica ainda mais legal, ficou excelente!! viciada nesta faixa hahahahahaha

E o Dinho que achou a Natasha agora estou viciado nessa versão!

A voz ficou perfeita a própria Natasha

Show. Marina agora é Natasha. E eu estou apaixonado por ela.

Natasha 🦋😍 Marina caiu perfeitamente bem nessa música, ela é muito Natasha sim!

Amooo! E sabendo sobre a história da Marina ela com certeza é a própria Natasha, ótima escolha!

Eu vi Natasha em Marina ❤️ não há um só dia na minha vida que eu não queria fazer a Nathasha na vida. Quem nunca?

a voz da marina tem uma identidade incrível e acrescenta um aspecto único à música, essa obra de arte ficou incrível nessa versão!!

Marina Sena é uma revolução na música brasileira, essa colaboração ficou incrível! ❤️❤️❤️❤️

Muito bom. A mineirinha está conquistando o Brasil e quem sabe o mundo! Belo vídeo da banda

Fico feliz em mais pessoas conhecendo a Marina Sena graças ao Capital Inicial, muito obrigado!

É notável uma quantidade considerável de comentários associando a figura de Marina Sena à da própria Natasha, remetendo ao que a cantora teria respondido a Dinho quando recebeu o convite, segundo ele. “A verdadeira Natasha”, “Natasha perfeita”, “personificação da Natasha” e por aí vai. A associação é reforçada evidentemente pelo ar jovem da cantora, que estava entre seus 25 e 26 anos na gravação, por sua autenticidade e sensualidade. Sua performance e o timbre da voz também foram muito elogiados, além de haver uma valorização da atuação conjunta do Capital com Marina, resultando em uma outra roupagem que trouxe um novo frescor a uma canção já conhecida há 20 anos. Podemos perceber também alguns comentários de entusiastas da carreira da mineira, mostrando contentamento por outras pessoas estarem conhecendo seu trabalho por causa dos brasilienses. O contrário também é percebido, apontando para um movimento de ampliação do público da banda para fãs de Marina Sena, presumidamente jovens em sua maioria. Dessa maneira, é reforçada a opção da banda por uma aversão à nostalgia (em relação aos anos 80, não em relação a essa música especificamente), pois, mesmo em um trabalho de retrospectiva de toda a carreira, sem nenhuma música inédita, ainda existe o esforço por trazer novidades, não só nos arranjos, mas na escolha de convidados como Marina, Vitor Kley (que completou 29 anos em 2023) e Ana Gabriela (que fez 27 no mesmo dia em que Dinho chegou aos 59).

Nesta análise de “Natasha”, realçamos que a letra da música aborda vários aspectos de um tipo de adolescência que é bem comum no *rock*, tanto nacional quanto internacional.

Várias letras de diversas bandas icônicas do gênero versam sobre esse ambiente de balada, festa e curtição. As marcas temporais nos versos, referências e imagens mentais são bem claras nesse sentido. Natasha é retratada como uma adolescente rebelde, autônoma, apreciadora dos prazeres da vida, encontrados na dupla sexo e drogas – só o *rock'n'roll* que parece ter sido trocado pela música eletrônica, nesse caso, se pensarmos na inspiração do cantor para a música, mas, na canção em si, o “dançar” pode se referir a qualquer estilo musical. Apesar de a letra se originar da experiência pessoal do autor, ela não é cantada em primeira pessoa, como várias outras da banda que remetem a temas adolescentes. Dinho apresenta um discurso que defende a canção como uma peça de valorização da autonomia, da independência e daquelas que tomam as rédeas do próprio destino, reconhecendo ser uma pauta que fala muito diretamente com a “garotada”. Ele ainda destaca acreditar no potencial da canção na defesa da emancipação feminina.

Nos comentários do público, percebemos que “Natasha” evoca um sentimento de liberdade e autonomia, e também de nostalgia. Uma maioria de mulheres destaca esses sentimentos todos, mas homens também se identificam com a letra por remeter também à juventude dos próprios que, se não queriam ser a Natasha, conheciam pessoas que poderiam ser ou desejavam uma mulher como aquela. É forte também a ideia de que o estilo de vida da protagonista está presente em todas as que comentaram, associada ao desejo de viver intensamente, o que, no entanto, parece perder um pouco o lugar, à medida que o tempo passa e as responsabilidades da vida aumentam, afinal, nesse momento, é preciso pensar no amanhã. Apesar da Natasha ser muito invejada, alguns se perguntam se ela está bem. Como o futuro dela não é o foco da música, sobressaem sensações boas e desejos de que as Natashas sigam vivas e pulsantes.

Os sentidos associados à música a partir da letra tanto por um dos autores quanto pelo público são muito parecidos, situando-se num mesmo universo. Apesar de algumas controvérsias a respeito das drogas citadas, aparentemente muita gente, jovem hoje ou que já foi jovem um dia, gostaria de estar naqueles “balacos” sem se preocupar com o amanhã junto de Marina Sena (a “própria Natasha”) e Dinho, o qual não tem contestada sua posição como quase “sessentão” dando voz a essa história explicitamente associada ao universo jovem/adolescente. Mas fica uma nostalgia por parte de quem não pode se dar ao luxo de cair na noite sem se preocupar com o futuro. Podem se dar momentos de escapismo ao ouvir essa música, principalmente acompanhada de outras tantas em um show da banda.

### 7.3 - “Eu Nunca Disse Adeus”

“Eu nunca disse adeus” é o décimo primeiro álbum de estúdio do Capital Inicial e foi escolhido para a análise por ter letras quase totalmente dedicadas a temas juvenis ou adolescentes, o que, defendemos, contribuiu para a consolidação junto a esse público. Depois do “Acústico”, a banda gravou “Rosas e vinho tinto” e “Gigante”, discos que já tinham algumas letras dedicadas a essas temáticas, mas junto com outras faixas que iam além. Em 2005, veio o “Especial MTV Aborto Elétrico”, no qual regravaram músicas do Aborto, a banda que acabaria dando origem ao Capital nos anos 80. “Eu nunca disse adeus” foi o álbum seguinte, lançado em 2007, com importante repercussão na época. A faixa-título acabou ficando como a mais conhecida nos dias atuais.

Para refletirmos sobre um tipo de recepção do álbum à época, o da crítica especializada, vamos resgatar três críticas do álbum. O tom dos textos e a opinião dos autores variam bastante, como os títulos abaixo sugerem, mas parecem convergir em pelo menos um ponto: o álbum, da maneira como foi feito, traz o público jovem para a banda e a coloca como uma das mais bem sucedidas em seu gênero musical.

- “Síndrome de Peter Pan”, de Rodrigo Ortega, publicada no site Pílula Pop, em 28 de março de 2007<sup>95</sup>
- “Em novo disco, quarentões do Capital Inicial seguem falando a língua da garotada”, de Shin Oliva Suzuki, publicada no G1, em 29 de março de 2007<sup>96</sup>
- “Confusões de adolescente”, de Juliana Girardi, publicada no site A Gazeta do Povo, em 28 de março de 2007<sup>97</sup>

O primeiro texto já mostra seu cartão de visitas no primeiro parágrafo:

Dinho Ouro Preto é um fenômeno cada vez mais estranho no universo "pop-rock" brasileiro. Basicamente, ele é um cara de 42 anos que canta, fala e dança como um moleque de 15. Parece que quanto mais velho ele fica, mais adolescente ele quer ser. O agravamento desta síndrome de Peter Pan é facilmente diagnosticado por quem vê o cantor no palco ou por quem ouve Eu Nunca Disse Adeus, 12º disco de estúdio do Capital Inicial.<sup>98</sup> (ORTEGA, 28/03/07, Pílula Pop)

<sup>95</sup> Disponível em <<http://www.pilulapop.com.br/retro/receituario.php?id=556>>. Acesso em 14 de novembro de 2023.

<sup>96</sup> Disponível em <<https://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL15219-7085,00-EM+NOVO+DISCO+QUARENTOES+DO+CAPITAL+INICIAL+SEGUEM+FALANDO+A+LINGUA+DA+GARRO.html>>. Acesso em 14 de novembro de 2023.

<sup>97</sup> Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/confusoes-de-adolescente-af62x5o3gaof1ox841d815t1q/>>. Acesso em 14 de novembro de 2023.

<sup>98</sup> Pela discografia oficial, que está listada no site oficial da banda, “Eu nunca disse adeus” seria o décimo primeiro álbum de estúdio do Capital Inicial. Disponível em <<https://www.capitalinicial.com.br/discografia>>. Acesso em 16 de novembro de 2023.

Comparações exageradas geralmente estão presentes em textos do gênero crítica musical. Neste caso, o autor lança mão desse recurso várias vezes e não economiza nas palavras. “Fenômeno estranho”, um “cara de 42 anos” que se porta como um “moleque de 15”, além de “diagnosticar” a síndrome de Peter Pan (sobre a qual já falamos) de Dinho em apenas algumas linhas. Ao comentar a faixa de abertura, “A vida é minha (Eu faço o que eu quiser)”, Ortega afirma que ela “mostra o tamanho da ladeira que o Capital vem descendo desde que reapareceu para o grande público, em 1998, com o bom álbum ‘Atrás dos Olhos’” e classifica a letra da canção como “puro chique de menino pequeno”. A faixa “18” também não agradou o crítico em nada. “Em ‘18’, Dinho Ouro Preto chega ao extremo da crise de Peter Pan: ‘Tenho 18 e não sei por onde começar’, reclama”. O texto ainda faz uma analogia com um possível tratamento da síndrome associada ao vocalista.

Além de apresentar os sintomas, o CD mostra também as sessões de terapia. Em “O Imperador”, Dinho fala sobre um rockstar que se perdeu nas armadilhas da fama, e em “Altos e baixos” ele faz uma metáfora da própria história de sua banda. “Eu e minha estupidez” e “Um homem só” dão ao disco um tom confessional e depressivo. Mesmo que sejam baladas mornas, é um alívio saber que por trás daquele sorriso largo e irritantemente constante de Dinho Ouro Preto existe um ser humano. (ORTEGA, 28/03/07, Pílula Pop)

É gritante que o autor apresenta um claro incômodo com a temática jovem na voz de Dinho que domina o disco, principalmente por identificar um deslocamento, que é o argumento que abre sua crítica, de um homem de 42 anos cantando dramas adolescentes. Nos parece que o crítico, nesse caso, faz uma associação exagerada, quase indevida, entre a persona do vocalista e o eu-lírico das letras. Não há a preocupação de usar termos como “a letra da música fala...” ou outros como “compositor” e “eu-lírico”, mas, sim, “Dinho fala”, como se todos os versos cantados fossem completamente autobiográficos e correspondentes à pessoa física Dinho Ouro Preto. Apesar da possibilidade de que esse traço esteja presente, é importante assinalar que não tomamos as letras como totalmente autobiográficas (apesar da inspiração confessa de “Natasha”, por exemplo).

Ainda assim, destacamos que a juventude que Dinho representa em sua imagem acaba por se complementar no tipo de juventude que é cantado em suas letras. Dessa forma, assim como Ortega vê uma incoerência entre a idade cronológica e as temáticas das músicas, chamamos atenção para uma harmonia existente entre a imagem do cantor atrelada a representações de juventude e aspectos de juventude que estão representados nas canções – e que acabam provocando identificação com o público que vivencia aquelas experiências, de não querer dar satisfação da própria vida a ninguém ou até de se sentir perdido ao ter completado dezoito anos. As “baladas mornas” que dão um tom “confessional e depressivo”

ao álbum é que são o alívio por supostamente revelarem que, sim, o líder do Capital Inicial é um ser humano. O que parece inadmissível para Ortega nessa crítica é que a associação de Dinho com experiências juvenis lhe soa forçada, fabricada em alto nível, o que revelaria uma falta de autenticidade. E isso se dá não pela aparência, imagem ou performance do cantor, mas pelo crítico ter ciência da idade cronológica do artista, a qual faz questão de destacar, atestando esse deslocamento, como se aos 42 anos, Dinho não pudesse verbalizar essas letras, pois pareceria desonesto.

Ainda vale a pena reproduzir o último parágrafo da crítica de Ortega:

Eu Nunca Disse Adeus deixa estes dois caminhos possíveis para Dinho: abrir o coração e ser sincero (mesmo se for pra contar como é ser um Felipe Dylon de 42 anos), ou fazer esses manuais de auto-ajuda cada vez mais infantis. Caso Dinho escolha o primeiro caminho, ele só precisa de umas ideias musicais mais criativas. Se ele seguir pelo segundo, periga de, daqui a 20 anos, aparecer na TV um velho de 60, com bermuda colorida e cabelo espetado, animando o público em um daqueles programas matinais para os pimpolhos. (ORTEGA, 28/03/07, Pílula Pop)

Buscando um final de impacto, o autor parece ainda propor uma certa cura para a síndrome que teria acometido Dinho Ouro Preto: ser sincero para contar como é ser um Felipe Dylon<sup>99</sup> de 42 anos. Nesse momento, o autor ainda consegue espaço para fazer uma menção negativa à parte musical do disco, aspecto pouco comentado ao longo dos outros parágrafos. Curiosamente, a caricatura que ele fez de Dinho vinte anos no futuro traz alguma semelhança com a imagem atual do cantor, ainda que não tenham se passado vinte anos ainda: a bermuda não é colorida e o cenário dos shows da banda não são “programas matinais para pimpolhos” – que praticamente não existem mais –, mas o “velho” de quase 60 anos (expressão usada de maneira pejorativa pelo crítico), segue, às vezes, de bermuda animando o público que comparece às apresentações de seu grupo. Ainda que de uma maneira que Ortega talvez não aprovaria – o crítico segue em atividade, mas não encontramos textos recentes de sua autoria sobre o Capital Inicial –, ele não poderia negar que as escolhas como as feitas naquele disco trouxeram longevidade aos veteranos.

O texto de Shin Oliva Suzuki deixa claro já no título que a banda “segue falando a língua da garotada”. Porém, ao contrário da crítica do site Pílula Pop, isso não é visto de maneira problemática, mas sim positiva. A argumentação é de que o grupo manteve sua

---

<sup>99</sup> Felipe Dylon é um cantor pop que estourou em 2003, aos 15 anos de idade, com as músicas “Deixa disso” e “Musa do Verão”. Já em 2007, ano de lançamento de “Eu nunca disse adeus”, do Capital Inicial, o artista tinha dado uma pausa na música para trabalhar como ator em alguns projetos, mas ainda foi citado como um símbolo de adolescência pelo crítico Rodrigo Ortega. Dylon segue na música até hoje, aos 36 anos, mas longe do sucesso daqueles anos iniciais. A discografia dele conta com apenas três álbuns: “Felipe Dylon” (2003), “Amor de Verão” (2004) e “Em outra direção” (2006). Os últimos lançamentos são apenas singles, o último deles é de 2022, “Sabor de Verão”, em versão acústica, a mesma música que ele havia lançado em 2019 também como single, que conta com a participação do cantor Buchecha.

sobrevivência de maneira inusitada, pois, ao contrário de colegas de geração que contam com a nostalgia dos anos 80, o Capital ganha espaço entre jovens entre 13 e 16 anos mesmo com os integrantes na faixa dos 40. E é por isso que a predominância nas letras é de temas que remetem à adolescência. Apesar de elementos do gênero crítica musical ao comentar alguns aspectos do disco, o texto de Suzuki também é uma reportagem e traz falas dos integrantes da banda entrevistados pela jornalista. Há uma preocupação de contextualizar algumas informações como a inspiração para “18”, que viria de um sobrinho de Dinho. E nos trechos escolhidos das respostas dos artistas, o assunto são as letras que abordam temáticas juvenis; elas são um “sinal de que o espírito jovem é preservado dentro da banda”, nas palavras da jornalista ao se referir à opinião de Dinho.

“Acho que, de certo modo, talvez a gente tenha ficado preso à nossa adolescência. A gente continua fazendo o tipo de música que a gente fazia desde os 19 anos”, diz (Dinho). “No entanto, você não pode resumir os temas que o Capital aborda apenas à adolescência. É o modo como a gente escreve que acaba apelando à garotada, mas eu não acredito que todos os temas são exatamente adolescentes. Eu acredito que eles acabam dizendo respeito a todos” [completa o cantor] (SUZUKI, 29/03/07, G1)

Aqui a questão da adolescência é associada diretamente à banda e ao vocalista sem nenhum estranhamento ou deslocamento, dando espaço ao artista para justificar uma ampliação conceitual das letras do grupo, defendendo uma universalidade nas composições. Aparentemente, Suzuki não opera enquadrando o cantor como um produto fabricado para adolescentes, mas como um artista que toma decisões e traça estratégias legítimas para gerir a carreira musical com sucesso.

“É algo ‘como proceder daqui para frente?’. Nós olhamos para bandas que a gente realmente gosta, atitudes e comportamentos, e eu vejo muito mais dignidade em se manter fiel quando você encontra o seu estilo, quando você encontra a sua singularidade”, diz (Dinho), explicando a seguir a aparente contradição em manter o espírito jovem e ao mesmo tempo desistir da busca por acompanhar o que é novidade. (SUZUKI, 29/03/07, G1)

Nesse trecho, Dinho está defendendo o que entende como o estilo e a singularidade de sua banda, e é a isso que eles decidiram ser fiéis. O estilo musical é o rock, ainda que com características pop e baladas nos álbuns. As temáticas principais remetem ao mundo jovem. É nesse sentido que a banda “desiste” de acompanhar o que é novidade, pois já teria encontrado sua identidade naquilo que faz. De certa forma, acreditamos que essas considerações acabam valendo para resumir o que caracteriza o Capital pós-2000. Por último, destacamos nesta reportagem que a autora não deixa de trabalhar a dicotomia letras sobre adolescência x idade dos integrantes, mas sem abordar a questão de maneira pejorativa ou utilizar um discurso etarista. Ela chega a citar que “na parte física, o grupo de Brasília enfrenta o declínio,

precisando trabalhar com a possibilidade de levar balões de oxigênio aos shows, devido ao fôlego diminuto”, demonstrando que não se trata de uma banda de garotos. Outro elemento que sustenta a maneira como o texto trata do envelhecimento da banda é que ele não informa a idade exata de nenhum integrante, se limitando a mencionar que todos estão “na faixa dos 40 ou quase lá”.

O material de Juliana Girardi sobre o álbum do quarteto brasileiro, ainda que deixando predominar uma visão negativa dos versos excessivamente adolescentes, segue em certa medida o espírito da matéria publicada pelo G1. Dá voz à banda – e com o diferencial de não ter entrevistado Dinho, mas sim o baixista Flávio Lemos, que quase não fala de maneira isolada em matérias jornalísticas, tampouco em encontros com a imprensa que contam com a presença dos quatro integrantes –, mas também tece considerações a respeito das músicas.

O texto abre citando trechos de várias canções do disco e fazendo a associação deles com o universo adolescente – “Quem um dia já foi adolescente (ou quem hoje convive com um deles) certamente já deve ter ouvido algumas destas “pérolas” ou consegue identificar comportamentos típicos desta fase da vida em pelo menos algum dos versos (...)”. Na sequência, Girardi defende que caso o leitor já não soubesse qual a banda responsável pelos versos, poderia pensar que fossem da cantora Marjorie Estiano, Pitty, da banda CPM 22 ou ainda da dupla Sandy e Júnior, todos artistas jovens na época e que, por isso mesmo, faziam trabalhos voltados a questões do gênero.

Desde o retorno do grupo liderado pelo vocalista Dinho Ouro Preto, 42 anos, (...) o quarteto composto ainda por Flávio Lemos (baixo), Fê Lemos (bateria) e Yves Passarel (guitarra) ganhou admiradores que ainda nem haviam nascido na época em que a banda lançou seu disco de estréia, *Capital Inicial*, em 1986. Para afastar o clima nostálgico que envolveu o retorno do grupo à cena pop-rock nacional e, de quebra, fidelizar uma audiência cuja faixa etária é campeã no consumo de música em todo o mundo, os brasileiros recorreram à chamada “fonte da juventude” comumente atribuída ao rock-n-roll nos álbuns (sic) que seguiram o registro desplugado, *Rosas e Vinho Tinto* (2002) e *Gigante* (2004), dedicando cada vez mais seu repertório a canções de fácil assimilação do público adolescente, porém, um tanto imaturas para uma formação com 25 anos de estrada e cujo integrante mais novo está prestes a atingir os 40 anos. (GIRARDI, 28/03/07, *Gazeta do Povo*)

Notamos que a autora faz questão de citar a idade de Dinho e explicita como ela classifica a situação dos versos que poderiam ser de Sandy e Júnior na boca do cantor de 42 anos: imaturidade, chamando a atenção para o deslocamento entre a idade cronológica e as experiências expressas em forma de versos nas canções. Girardi aponta que a escolha de voltar-se para o público jovem foi feita pela banda desde “*Rosas e Vinho Tinto*”, álbum de 2002, chegando à afirmação de que o “auge desta estratégia é a principal característica de Eu

Nunca Disse Adeus”. Ainda que a jornalista deixe evidente sua opinião, ela também abre espaço para uma certa defesa por parte do grupo.

(...) embora o tom ingênuo e juvenil de canções como “A Vida É Minha (Eu Faço o Que Eu Quiser)”, “18” e “Eu Adoro Minha Televisão” seja mais que explícito, para o baixista, o Capital continua extamente (sic) igual ao que era nos anos 80. “Esse é o nosso som, é o que sempre fizemos e gostamos de fazer. Acho que não mudamos as temáticas das letras com o passar dos anos para atingir a um determinado público. Se compararmos as canções deste álbum com o que fazíamos nos anos 80 é possível perceber que pouquíssima coisa mudou”, defende Flávio, em entrevista ao Caderno G. (GIRARDI, 28/03/07, Gazeta do Povo)

Do ponto de vista das composição musical, o texto não traz muitas considerações, nem positivas, nem negativas e é concluído ressaltando como o disco foi pensando para quem ainda está na casa dos 20 anos. Ainda assim, curiosamente, a última frase traz um elogio jogando com outro sentido da palavra amadurecimento, valorizando as qualidades vocais de Dinho Ouro Preto.

Se por uma (sic) lado a infantilidade tardia incomoda um tanto o ouvinte que já passou da casa dos 20, o novo álbum do Capital conta com um grande mérito, que deve agradar tanto a quarentões como a adolescentes: Dinho parece ter tomado consciência dos maneirismos vocais irritantes que vinham gerando até pastiches em programas humorísticos. Mais comedido, o vocalista acerta em cheio na interpretação das novas canções, talvez o único sinal de amadurecimento deste trabalho. (GIRARDI, 28/03/07, Gazeta do Povo)

### 7.3.1 Análise musical - “A vida é minha (Eu faço o que eu quiser)”

A canção deste álbum escolhida para análise é “A vida é minha (Eu faço o que eu quiser)” e vamos partir da peça musical e de dois vídeos e comentários feitos por usuários do *YouTube* nessas publicações. Os vídeos são:

- Capital Inicial - A Vida é Minha (Eu Faço o Que Eu Quiser) (Clipe Oficial) (do canal oficial da banda)<sup>100</sup>
- Capital Inicial - A Vida É Minha (Eu Faço O Que Eu Quiser) (Ao Vivo) (Video) (do canal oficial da banda)<sup>101</sup>

Contextualizando, essa canção é primeira faixa do álbum e foi escolhida como o terceiro e último single (ou música de trabalho) do disco. Naquele momento, os videoclipes ainda tinham uma maior relevância e, como single, a banda gravou um videoclipe oficial para a música<sup>102</sup>. Dessa forma, a canção está entre as mais conhecidas de “Eu nunca disse adeus” por ter tido uma exposição um pouco maior do que as outras que não foram singles, mas, na

<sup>100</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=b\\_d2VVpCtCs](https://www.youtube.com/watch?v=b_d2VVpCtCs)>. Acesso em 17 de novembro de 2023

<sup>101</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=2SliKYsOgEc>>. Acesso em 17 de novembro de 2023

<sup>102</sup> Em contraste, o álbum “Sonora” (2018), o último de inéditas da banda até o momento, possui clipes oficiais para todas as faixas, ilustrando que esse “privilégio” deixou de ser exclusividade das músicas de trabalho.

carreira do Capital Inicial como um todo é de pouca relevância, tendo feito parte do repertório na época e entrado no álbum “Multishow Ao Vivo” (2008), gerando o segundo vídeo a ser analisado nesta seção. Como vimos em algumas críticas musicais, essa faixa abre o disco, sendo um cartão de visitas a respeito da obra. Vamos dar uma olhada, então, na letra da música, composição de Alvin L e Dinho Ouro Preto, dupla que domina quase exclusivamente as criações das 13 faixas do disco.

Faça isso  
 Faça aquilo  
 Perca peso  
 Tenha estilo  
 Compre esse  
 Prove aquele  
 Siga a moda  
 Vote nele...

(pré-refrão 1)  
 Não ponha palavras  
 Na minha cabeça  
 Pare de falar  
 Antes que eu  
 Enlouqueça  
 Não quero dar  
 Explicações  
 Não vou mudar  
 Não importa  
 O que aconteça...

(refrão)  
 A vida é minha  
 Eu faço o que eu quiser  
 A vida é minha  
 Eu faço o que eu quiser...

Cante essa  
 Tenha medo  
 Fume outro  
 Acorde cedo  
 Tenha modos  
 Fique mudo  
 Ame o mesmo  
 Odeie tudo...

(pré-refrão 2)  
 Querem que eu cale  
 E obedeça  
 E depois de tudo  
 Ainda agradeça  
 Ser só alguém  
 Dizendo “sim”  
 Não vou mudar  
 Não importa

O que aconteça...

(refrão)

A vida é minha

Eu faço o que eu quiser

A vida é minha

Eu faço o que eu quiser ...

Em termos musicais, a peça carrega características de rock, com uma guitarra distorcida e introdução com *riff* tocado em uníssono pela banda, mas que destaca o som da guitarra. Por outro lado, também está presente um violão, que traz uma certa leveza pop e o toque acústico que marca presença forte na sonoridade da banda desde o “Acústico MTV”. O ritmo é de médio para acelerado, num tradicional rock básico, quatro por quatro. Um solo de guitarra na segunda metade da canção reforça sua identidade *rock*.

A letra apresenta uma estrutura simples com rimas entre versos alternados em grande parte das estrofes, mas não houve a preocupação de manter esse recurso a todo momento. Podemos dizer que é, assim como “Natasha”, uma música fácil de ser acompanhada, seja mentalmente, seja cantando, mas “A vida é minha” não chegou nem perto do sucesso da outra, reforçando que a penetração de uma canção no público conta com fatores que vão muito além da peça musical em si. A respeito da estrutura e do conteúdo, os versos são compostos de várias frases curtas no imperativo, frases que o eu-lírico cita como prescrições ou ordens que vai recebendo no dia a dia, remetendo às ideias de mensagens persuasivas veiculadas nos meios de comunicação e também dos conselhos que adultos dão ou tentam impor aos adolescentes. Nesse sentido, podemos pensar em discursos de publicidade (“Perca peso / Tenha estilo / Compre esse / Prove aquele /Siga a moda”), de figuras de autoridade, como pais e professores (“Acorde cedo / Tenha modos”), de amigos ou pessoas do círculo social (“Fume outro”) ou até mesmo propaganda política (“Vote nele”). Nos pré-refrões é como se o eu-lírico começasse a responder às ordens com resistência (“Não quero dar explicações / Não vou mudar, não importa o que aconteça) para desaguar no refrão, que denota uma posição decidida e independente: “A vida é minha / Eu faço o que eu quiser”. Sem erro, podemos afirmar que a letra gera identificação com a juventude, uma fase de descobertas em que muitos buscam seus gostos reais, sua identidade e uma certa autenticidade, o que muitas vezes culmina em rebeldia e rejeição de opiniões alheias, sobretudo dos pais, que podem ser vistos como controladores pelos filhos.

O videoclipe de “A vida é minha”, estrelado pela atriz Fernanda Souza, que interpreta uma mulher jovem branca que mora com os pais, reforça esses significados. O vídeo começa com os músicos do Capital tocando a música em algum lugar da cidade, intercalando com

dois *takes* rápidos, um de um rapaz andando de skate na rua e outro de duas pessoas jogando xadrez também na rua, enquanto a protagonista assiste TV em casa junto dos pais. As imagens que passam no aparelho reforçam o discurso publicitário. Então, o pai desliga a TV, apontando para o relógio, como se anunciasse a hora de dormir. A jovem então sai escondida pela porta de casa, pega o carro e vai até o local onde a banda está tocando em um pequeno palco – enquanto dirige, ela, animada arruma o cabelo, passa um brilho labial e curte uma música.

Em frente aos músicos, há uma pequena passarela onde mulheres dançam usando apenas sutiã e calcinha, maiô e lingerie, com alguns acessórios como estolas de plumas. A protagonista, de vestido preto na altura da coxa e um par de botas compridas, se junta às dançarinas para curtir a música. Ao longo da performance o cantor vai até a passarela e dança um pouco com cada moça, remetendo a um velho clichê do rock, com um toque de machismo – enquanto elas estão proporcionando entretenimento à plateia com os corpos à mostra, o rockstar simboliza uma espécie de conquistador. Enquanto isso, sentado a uma mesa bem em frente à passarela, com uma visão para as dançarinas de cima para baixo, está um rapaz jovem branco que joga xadrez com outro. Por um momento, ele para de prestar atenção ao tabuleiro para reparar na protagonista do clipe que dança animada e sorridente na passarela. Os dois trocam olhares, o que sugere um interesse sexual/afetivo mútuo.

Mais cenas de dança, inclusive da protagonista com Dinho, e temos uma imagem externa, na rua e de dia: é o enxadrista que vence um oponente, cumprimenta o adversário, pega o dinheiro que ganhou na aposta, seu skate e vai embora. Mais um corte para a casa noturna e outro para a rua, onde o jogador vence mais uma e sai andando com seu skate. A cena seguinte é da banda mais uma vez, com a banda tocando, Dinho e a protagonista dançando. Na terceira vez que o enxadrista aparece na rua praticando seu esporte favorito, a moça com que ele trocou olhares passa por ele, fitando-o, mas dessa vez à luz do dia. Ele parece abandonar a partida no meio, são mostrados *takes* rápidos do Capital tocando no que seria a noite anterior e o rapaz está jogando xadrez com o pai da protagonista na casa do homem. Ela aparece descendo as escadas, eles trocam olhares rápidos e sorrisos antes de ela sair. O clipe finaliza com os músicos encerrando a canção.

Interessante como o videoclipe de “A vida é minha” (não a música em si) lembra “Natasha”. Caso o *hit* tivesse um videoclipe especialmente produzido para a canção, talvez ele não destoasse muito dessa peça audiovisual. É reforçada então a ideia de uma jovem bonita e livre à sua maneira, que sai de casa escondida (e não foge, como Natasha), curte a música e à noite, flerta aparentemente com um homem (ou dois, pois o clipe dá margem para

interpretarmos um flerte com Dinho), não se envolve afetiva ou sexualmente com ninguém, mas se diverte apenas dançando (“O mundo vai acabar e ela só quer dançar...”). No dia seguinte, com a cena do enxadrista jogando xadrez com o pai dela, que nem olha pra filha, temos ali a sugestão de que algo vai acontecer entre o casal e também de que o pai nem desconfia que a protagonista saiu escondida à noite para se divertir, dirigindo um carro que pode ser dela ou dele. Outro desdobramento sugerido é o de um namoro bem comportado na casa da família, em contraste à vivência noturna retratada no clipe.

O segundo vídeo é um registro da performance da banda ao vivo na Esplanada dos Ministérios, em Brasília, em 2008, para um público estimado em 1 milhão de pessoas pelo próprio grupo. A apresentação faz parte do DVD “Multishow Ao Vivo: Capital Inicial”, que traz as músicas mais conhecidas da banda, principalmente a partir de 2000, e também clássicos dos anos 80. Sobre a peça audiovisual, destacamos que o arranjo musical executado é um pouco mais pesado em comparação à versão de estúdio, com as duas guitarras se destacando em relação ao violão. Há recursos visuais no palco que colaboram com um clima mais enérgico para música, além do jogo luzes, como labaredas de fogo que se erguem na parte da frente do palco durante as introduções da música e a passagem instrumental que a finaliza. O público também é um elemento importante. É possível ouvir os gritos empolgados da plateia, ou pelo menos da parte que está mais próxima ao palco, quando a banda começa a tocar e nos refrões. São utilizados também alguns *takes* curtos mostrando o local de maneira mais ampla e que dão uma perspectiva de como o lugar estava lotado.

Quanto ao vocalista, com 43 ou 44 anos na época, ele se mostra muito à vontade e sorridente no palco, trajando calça jeans preta e uma camisa regata da mesma cor, predominante em seu figurino a quase todo momento, que deixa parte de suas tatuagens à mostra. Com munhequeiras também pretas nos punhos e cabelo espetado, se movimenta bastante e interage com a plateia. Durante os últimos segundos instrumentais da música, Dinho dá pulos no centro do palco, girando o corpo com os braços abertos. A performance demonstra energia e vitalidade compatíveis com a canção, que é moderadamente agitada.

Retomando o videoclipe oficial da canção, agora vamos nos concentrar nos comentários dos usuários do *YouTube*. Disponível há 12 anos (publicado em 25 de março de 2011) na plataforma de vídeos mais acessada do mundo, ele acumula mais de 305 mil visualizações, 2,6 mil marcações “gostei” e 108 comentários – o que mostra que a música não tem tanto apelo no repertório da banda como um todo. Os números nem se comparam com o vídeo analisado de “Natasha” no “Acústico”, apenas a quantidade de comentários não está tão distante. Reiteramos que, apesar de não ser uma das mais lembradas, a canção teve lá seu

impacto na época do lançamento. Grande parte dos comentários apenas reproduzem trechos da letra, outros apenas elogiam brevemente e mais alguns ainda fazem referência a uma novela da Rede Record que incluiu a faixa em sua trilha sonora (Caminhos do Coração). Julgamos importante destacar as falas abaixo.

A gente só é feliz quando fazemos coisas que gostamos de fazer sem medo da opinião dos outros. Não se importar é libertador. 🙌🙌🙌

Essa música é o que muitas vezes quero dizer; A vida é minha eu faço o que eu quiser...

Faça o que você quiser, e não o que os outros esperam que você faça!!! Capital Inicial SEMPRE...

Alegra-te, jovem, na tua mocidade, e recreie-se o teu coração nos dias da tua mocidade, e anda pelos caminhos do teu coração, e pela vista dos teus olhos; sabe, porém, que por todas estas coisas te trará Deus a juízo. Eclesiastes 11:9

falou tudo... A VIDA EH MINHA E EU FAÇO O Q EU QUISER!! 😎😎

mó inspiração essa musica!

A vida é minha!!! só minha, sem explicação. Porra essa foi foda.

Porra Vêi , eu Tenho 13 anos desde os 10 não perco um único show da Capital aki em São Paulo,essa é sem sombra de dúvidas a melhor banda de rock que reside no BRASIL INTEIRO! Mano,essa porcaria de ""happy rock"" só veio pra ocupar o espaço nas prateleiras que devia ser dedicado a Capital Inicial,Legião Urbana entre outras...que porra é happy rock?rock feliz?Eu quero muito é que se foda essas modinhas por aí!!!! SOU CAPITAL INICIAL ATÉ O FIM!

A vida é minha + EU faço o que eu quiser PAI! =P

a vida é minha eu faço o que eu quiser.....kkkk ne mãe?

Ameiii a musica...tenho 17 anos mas odeio esse novo "rock" c é q da pra xamar assim.alem das musicas serem uma merda os cantores tm uns estilos e umas vozes q só por Deus....gostaria muito d ter nascido em outra epoca só pra mim aproveitar o q é rock d verdad...

Essa aí é dedicada pros fofoqueiros

Percebemos que se destaca o valor da liberdade atrelado ao da individualidade, a ideia de poder fazer qualquer coisa, talvez até mesmo sem preocupação com as consequências, o que combina com a fase da adolescência – o que não deixa de ser um estereótipo, uma vez que é impossível aplicar essa característica a *todos* os adolescentes. Então, são valorizadas questões como não se importar com a opinião alheia, não ter que dar explicações a ninguém, nem a pais, mães ou “fofoqueiros”. Outra associação à juventude é feita no comentário em que a Bíblia é citada (Eclesiastes), no versículo que diz para alegrar-se na juventude, se guiando pelo coração e pelos olhos, mas alertando que tudo o que for feito será julgado por Deus, como um alerta para o anseio juvenil de fazer só o que quer sem explicações.

A música ainda é considerada “inspiração” e também tratada com ironia pelos usuários que dizem “A vida é minha, eu faço o que eu quiser”, “PAI” e “kkkk ne (sic) mãe?”.

Nesse caso, faz-se referência à situação dos adolescentes que, apesar de estarem deixando de ser crianças e ganhando autonomia, ainda se mantêm num enquadramento marcado pela presença dos pais. Por mais que possam querer se desvencilhar, os jovens dependem dos pais em vários sentidos, entre eles o financeiro, aspecto fundamental para que se possa concretizar desejos próprios. Há ainda dois comentários em que os autores citam suas idades: 13 anos (comentário de 2012) e 17 anos (de 2011). Em ambos, há uma crítica ao que chamado de “happy rock” ou “novo rock”, representado principalmente na figura da banda Restart, que fazia bastante sucesso no cenário nacional por volta daquela época com músicas mais leves, letras otimistas e roupas coloridas. Nessas duas falas, temos então um pré-adolescente e um adolescente associados à imagem do roqueiro, elogiando o Capital como um “rock de verdade” e rechaçando aquilo que eles consideravam “modinha”, em um exemplo de uma rivalidade entre jovens, na qual os fãs de rock se sentem superiores ao criticar os “coloridos”. O Restart fez muito sucesso mas também foi muito criticado por trazer essa ideia de felicidade e roupas coloridas para o rock, tido tradicionalmente como um estilo mais sisudo, sério e raivoso – com as roupas de uma só cor: preto. Não é gratuito que isso apareça vindo de fãs jovens do Capital. O próprio Dinho, por volta de 2010, se meteu em uma polêmica ao criticar o happy rock e principalmente o Restart; ele só a viria a se retratar cerca de dez anos depois em um vídeo em seu canal no *YouTube*<sup>103</sup>.

Do clipe de “A vida é minha” ao vivo, publicado em 20 de maior de 2011, com 290 mil visualizações, 1,3 mil curtidas e 40 comentários, destacamos apenas dois.

Essa música me lembra minha adolescência, eu tinha esse DVD e colocava no ultimo volume. Nostalgia que fala.♥ Até hoje eu amooooo♥

O hino dos adolescentes ,mais muito boa a música!

Um deles reforça o sentimento de nostalgia de alguém que não é mais adolescente, mas continua gostando da música anos depois por lembrar da época em que era mais jovem. Já o outro dá uma certa conotação de inferioridade à adolescência, pois a reconhece como o “hino dos adolescentes”, e uma música “muito boa” apesar disso. Nesse caso, reforça-se uma das concepções que Dayrell apresenta da juventude como momento de transição ou de crise em que as pessoas ainda não atingiram seu pleno potencial do que serão na vida. Dessa maneira, o autor gosta da música e não nega, mas parece colocá-la como menor por ser “hino dos adolescentes”.

Se considerarmos a letra dessa e de outras músicas de “Eu nunca disse adeus”, os principais argumentos das críticas sobre o álbum analisadas e o videoclipe de “A vida é minha

<sup>103</sup> Disponível em <<https://youtu.be/yDIYvNpFNjc>>. Acesso em 21 de novembro de 2023

(Eu faço o que eu quiser)”, as músicas do Capital Inicial se apresentam de fato como um produto adolescente. A julgar pela mostra de comentários do público, trata-se de uma obra que foi bem aceita enquanto tal, que desperta relações de identificação com adolescentes e com quem já foi adolescente; afinal, mesmo depois dessa fase já ter passado, a nostalgia ainda provoca conexão com a música. E o fato de quem canta os dilemas *teens* ser um “quarentão” não parece causar nenhum incômodo no público, pelo menos não nos fãs que comentaram os vídeos analisados, que é também o público que o artista busca, o que vai criar uma adesão ao seu trabalho. Como frisou Dinho em uma das matérias, a banda sentiu que aquele era um momento de fazer escolhas. Possivelmente, ao fazê-las, o cantor estava ciente de que desagradaria alguns. E a escolha naquele momento foi pela “garotada” que poderia ver no ídolo alguém como eles.

#### 7.4 “Sonora”

“Sonora” é o décimo quarto álbum de estúdio do Capital Inicial, apresentado ao público em 2018. O último antes deste havia sido “Saturno” (2013), com o lançamento de impacto do CD e DVD “Acústico NYC” (2015) entre eles. Essa sequência diz muito sobre mudanças na indústria musical e as adaptações da banda a esses novos tempos. Trata-se do primeiro disco do quarteto lançado “aos poucos” ao longo de meses. “Não me olhe assim” foi a primeira canção a ser mostrada naquele ano, lançada isoladamente como *single*, assim como “Tudo vai mudar”, que saiu meses depois. Posteriormente, vieram mais dois *singles*<sup>104</sup> com duas músicas cada<sup>105</sup>, intitulados “Sonora 1” e “Sonora 2” e mais uma canção disponibilizada sozinha, “Só eu sei”. Por fim, foi lançado oficialmente o álbum completo, com onze músicas e para cada uma foi feito um videoclipe, disponibilizado no canal da banda no *YouTube*. Durante grande parte da carreira do conjunto, o processo funcionava com o lançamento do disco completo, precedido às vezes de poucas músicas lançadas em separado. Resumidamente, a facilidade do *streaming* e do conteúdo sob demanda promoveu uma grande mudança na maneira como se ouve música, de modo que o costume de ouvir um álbum inteiro, na sequência original das canções, acabou sendo abandonado por muitos. Somado a isso, o rádio e a TV perderam grande parte da influência em apontar tendências musicais e

---

<sup>104</sup> “De modo simples, um compacto (ou single), no Brasil, era um disco de sete polegadas com cerca de três a cinco minutos de duração de cada lado, lançado por artistas para divulgar as músicas de trabalho. Esses compactos podiam ser simples ou duplos e também poderiam ser conhecidos como EP’s ou singles, dependendo da natureza do lançamento. Os compactos simples também ficaram conhecidos como discos de 45 rpm.” Disponível em <<https://osomdovinil.com/compactos-singles>>. Acesso em 27 de novembro de 2023.

<sup>105</sup> Nos aplicativos de *streaming*, como o Spotify, que disponibilizam as faixas digitalmente, o single geralmente se refere a uma única música, às vezes duas, remetendo ao disco físico que trazia uma faixa de cada lado. Na indústria e na imprensa musicais “single” e “música de trabalho” muitas vezes são usados como sinônimos.

pautar novos *hits*, o que impactou fortemente as bandas de *rock* e *pop rock*, além da ascensão comercial de outros gêneros. Pensando no caso analisado, a última peça musical do Capital que consideramos um *hit* nos dias atuais é “Depois da meia noite”, do álbum “Das Kapital” (2010).

Outra novidade que marcou “Sonora” foi o número de artistas que participam das faixas, o que não é usual nem para o Capital nem para outros grupos. Esse é o primeiro disco de estúdio do conjunto, trinta e dois anos depois do primeiro, em que eles contam com a colaboração de outros grupos tocando e cantando. Isso acontece em quatro das onze faixas, mas foi o que mais chamou atenção à época do lançamento. As composições continuam nas mãos na dupla Dinho e Alvin L, mas incluiu também outros parceiros, como o guitarrista Thiago Castanho, ex-Charlie Brown Jr. e colaborador do quarteto de Brasília desde 2015 pelo menos (tendo inclusive tocado na gravação do “Acústico NYC” e nos shows daquela turnê), Kiko Zambianchi e Lucas Silveira, esse com participação fundamental em “Sonora”. Silveira ficou conhecido por liderar a banda Fresno, já citada, que teve projeção nacional na década de 2000 no gênero *emocore*, estilo que inclusive foi criticado pelo vocalista do Capital no passado. Aqui, Silveira aparece como produtor musical, co-autor de algumas faixas, além de dividir os vocais com Dinho em uma delas, “Universo Paralelo”. Apesar de estar há quase 20 anos no cenário da música pop, o líder da Fresno ainda pode ser considerado um artista novo em relação ao Capital.

Começando sua trajetória em 1995, mas fazendo sucesso nacional nos anos 2000, anos antes da Fresno, temos o CPM 22<sup>106</sup> que também participou de uma música de “Sonora”, “Velocidade”. As outras duas bandas que entraram no álbum podem ser consideradas da geração mais atual do *rock* no Brasil até aquele momento: Scalene, fundada em 2009, em Brasília, que participou da gravação de “Parado no ar”; e Far From Alaska, que iniciou as atividades em 2012 na cidade de Natal (RN) e tocou em “Invisível”, faixa que tem entre os autores a vocalista do grupo, Emmily Barreto. A associação com artistas mais jovens foi um dos pontos que chamaram mais atenção nas críticas que vamos analisar, a saber:

- “Capital Inicial ‘rejuvenesce’ com o apoio de Scalene, Far From Alaska e Fresno em novo disco”, de Pedro Antunes, publicada no site da revista Rolling Stone, em 13 de dezembro de 2018<sup>107</sup>.

<sup>106</sup> O CPM 22 formou-se em 1995 em Barueri (SP). A banda chegou a ganhar disco de ouro e fez sucesso no *mainstream*. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/CPM\\_22](https://pt.wikipedia.org/wiki/CPM_22)>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

<sup>107</sup> Disponível em

<<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/capital-inicial-rejuvenesce-com-o-apoio-de-scalene-far-alaska-e-fresno-e-m-novo-disco/?fbclid=IwAR3htUEY8-6Sj5h5gFWAz9xgxvFobGHLhbMEOtJGyInbjTz1PGErgh5ZG2k>>. Acesso em 1 de dezembro de 2023.

- “Capital Inicial se une a juventude do rock em seu novo álbum”, assinada pela “Redação”, publicada no site A Gazeta, em 10 de dezembro de 2018<sup>108</sup>.
- “Capital Inicial retorna com single inédito; ouça ‘Não Me Olhe Assim’”, assinada pela “Redação”, publicada no site da revista Rolling Stone, em 25 de maio de 2018<sup>109</sup>.

O texto de Antunes associa o rejuvenescimento da banda às parcerias com artistas mais jovens e começa chamando atenção para a diferença de idade entre Dinho e alguns dos convidados para o álbum.

Se respondesse por escrito, Dinho Ouro Preto, vocalista do Capital Inicial, teria enchido de exclamações suas frases sobre a diferença de idade entre ele, 54 anos, e os artistas que fazem participações no novíssimo disco da banda, chamado Sonora, disponível nas plataformas digitais a partir dos primeiros minutos desta sexta-feira, 14. “Eu poderia ser o pai deles, cara!”, ele diz, por telefone – acrescentem, vocês, portanto, quantas exclamações quiserem. (ANTUNES, 13/12/18, Rolling Stone)

Além de chamar atenção para a empolgação do vocalista ao dar a entrevista sobre o disco fazendo referências às exclamações, o autor não perde a oportunidade de registrar o uso da palavra “cara”, o que já virou até piada na internet, uma vez que o cantor é conhecido por repeti-la diversas vezes por aí. Na tônica de comparar a idade, o jornalista destaca que Dinho é 30 anos mais velho que Gustavo Bertoni, vocalista da banda Scalene, e cita a idade de uma das filhas do cantor do Capital à época, vinte e um. Fazendo um comparativo com outros grupos dos anos 80, o autor argumenta que o conjunto brasileiro não se alimenta de nostalgia, apesar de relembrar os *hits* mais pedidos em seus shows, mirando sempre no futuro.

Quando Antunes começa a falar de fato da parte musical, ele elogia aquilo que chama de o disco “menos cristalino” da banda, com a voz de Dinho soando mais rasgada e o instrumental ser mais “sujo”, fazendo uma comparação com o primeiro álbum da banda, de 1986, “cristalino demais”. O crítico considera que em 2018 o quarteto “soa como uma banda em início de carreira, com aquele gosto pelo que é sujo, cru”, mesmo com décadas de carreira. Temos aqui a ideia da jovialidade associada à espontaneidade das bandas de garagem, com menos preocupação pela pureza sonora, de uma maneira que o Capital jamais havia sido, de acordo com o autor.

A crítica segue com a argumentação de que a convergência das novas bandas não se daria por tocarem um som parecido, mas por cada uma ter sua identidade e estarem em

<sup>108</sup> Disponível em

<<https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/capital-inicial-se-une-a-juventude-do-rock-em-seu-novo-album-1218>>. Acesso em 1º de dezembro de 2023.

<sup>109</sup> Disponível em

<<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/capital-inicial-retorna-com-single-inedito-ouca-nao-me-olhe-assisim>>. Acesso em 1º de dezembro de 2023.

contato com a mesma mentalidade “de buscar alternativas para novos sons, novos ritmos”. Na sequência, o autor defende que é por Dinho estar em contato com esse pessoal que “Sonora” pôde existir. Ademais, destaca que as parcerias vieram de um grupo de WhatsApp, mais um elemento que engloba o universo da juventude atual, ainda que o aplicativo e a cultura dos smartphones atinjam pessoas de praticamente todas as idades. O líder do Capital Inicial aceitou um convite para cantar em um projeto da banda Supercombo<sup>110</sup> e a partir daí pediu para entrar no grupo de WhatsApp formado por membros dessas e outras bandas novas. Por lá, ficou sabendo dos encontros que realizavam na casa e no estúdio de Lucas Silveira, ampliou seu contato com o músico, possibilitando a parceria que colocaria o líder do Fresno como produtor e compositor do novo álbum do Capital. De maneira geral, a crítica/matéria narra como os novos modos de produzir música e se comunicar da geração atual foram assimilados e incorporados por Dinho, que conduziu esse processo para o restante de sua banda, se utilizando de jogos de palavras como “Para a empreitada, Dinho ‘vampirizou’ artistas mais jovens - e ele mesmo faz a piada com a ideia de ‘buscar sangue novo’”.

Evidentemente, o movimento do Capital Inicial de, como uma banda já bem estabelecida na carreira, buscar se associar a músicos mais jovens não é novidade na indústria musical. Chama a atenção, porém, esse método de trabalho que envolveu não apenas valorizar os nomes e vozes desses grupos, mas também se atualizar nos processos de criação e produção musical, trazendo uma rotina de trabalho que era novidade para seus músicos. Ao mesmo tempo em que há uma comparação com a figura de pai de artistas muito mais jovens, feita pelo próprio Dinho, essa relação é retratada de maneira harmônica, sugerindo que o cantor de mais de 50 anos havia sido muito bem aceito entre aquela “garotada”.

Na matéria d’A Gazeta, na qual a banda também foi entrevistada, repete-se a tônica de união à juventude do rock, com trechos como “O Capital Inicial decidiu beber da fonte da juventude no seu novo álbum”. O texto também destaca a maneira como as músicas foram lançadas de maneira independente antes de ser liberado o disco todo, “para também se comunicar melhor com os jovens”. Ao contrário do que vimos na revista Rolling Stone, aqui há um texto introdutório de dois parágrafos curtos seguidos de uma estrutura de entrevista pergunta-resposta, dando mais espaço para os pensamentos de Dinho. Um detalhe curioso é quando o cantor fala sobre a decisão de lançar as músicas em separado, demarcando-o como um artista da velha-guarda.

---

<sup>110</sup> No projeto “Session da Tarde”, o Supercombo convida artistas para regravam músicas da própria banda. Dinho cantou “Jovem” com o conjunto.

Eu tenho dificuldade de me adequar a essa nova forma. Mas é uma adequação às plataformas de streaming, o que por sua vez leva a um lançamento fatiado. No entanto, o disco foi todo composto como uma coisa só. As músicas foram compostas na mesma época, no mesmo lugar, com começo, meio e fim. Eu sou um cara mais velho e o ideal pra mim seria lançar de uma só vez. Estávamos no estúdio e os representantes de uma plataforma foram até lá nos explicar que as bandas novas já fazem isso, usam a plataforma como as redes sociais. Eles explicavam como o ‘admirável mundo novo’ funciona. Lançando gradativamente você consegue manter a atenção das pessoas por mais tempo, vai entrando em playlist e fazendo mais barulho. O Capital se submeteu aos novos tempos. (Dinho Ouro Preto, em entrevista ao site A Gazeta, 10/12/08)

A outra matéria da Rolling Stone tinha o objetivo de anunciar a música que o Capital tinha lançado naquele dia 25 de maio, “Não me olhe assim”, a primeira do então novo disco. O texto já trazia informações preliminares de quem havia produzido o disco, mas ainda não havia sido divulgado as outras bandas que participariam. Os poucos parágrafos são dedicados a tentar descrever sucintamente a atmosfera musical da canção, além de uma fala curta de Dinho sobre a letra e o videoclipe, que ainda seria disponibilizado. O mais interessante deste material foram os comentários associados a ele, extraídos do post no Facebook da revista no qual o conteúdo foi compartilhado. A Rolling Stone é uma revista já estabelecida que publica sobre muitos assuntos, sendo a música o principal, sobretudo nos gêneros *pop* e *rock*. Em um ambiente que tende a não ser povoado majoritariamente por fãs do Capital Inicial, destacamos alguns comentários ácidos quando do lançamento do primeiro single de “Sonora”.

Beira o ridículo, um cara com 54 anos que não soube envelhecer, acha que ainda é adolescente. Capital tornou-se uma banda enlatada, puramente comercial seu som é forçado e não reflete os dias atuais, nem do país nem dos seus integrantes.

Cara chato e perdido no tempo kkk

tá na hora de dizer "tchau" né Capital?

Quanto menos bandas de Rock, mais de sertanejo.....

Pô cara! Esse cara, chato cara, pra caraio cara... Só sabe falar cara.  
#DinhoChatoPraCaraio!

(em resposta direta ao anterior) adolescente véio kkkkkk

Dinho Ouro Preto = Peter Pan.

Banda ridícula músicas idiotas, Rockinho fraco desses caras

A faixa nova parece não ter agradado às pessoas autoras desses comentários, que tampouco alimentavam expectativas positivas pelo restante do disco. No primeiro deles, identificamos um incômodo com o cantor de 54 anos “que não soube envelhecer”, pensando ainda ser adolescente. A banda não agrada, tem som “forçado” e é desconectada daquele momento atual. Outros comentários também destacam a falta de conectividade do grupo com seu tempo, considerando o vocalista um “cara chato”, defendendo que era hora do grupo encerrar as atividades. Um comentário sugere aos outros que peguem mais leve com o Capital

Inicial, sentenciando que quanto menos bandas rock existirem, mais o espaço musical será ocupado pelo sertanejo. Uma das falas sobre a chatice de Dinho, que critica a maneira como ele repete excessivamente a palavra “cara”, é respondida diretamente por outra internauta que associa o vício de linguagem à performance que ele faria de um jovem (“adolescente véio”). Temos ainda o praticamente infalível “Peter Pan” e uma crítica pesada sobre a banda, que seria “ridícula”, com músicas “idiotas” e um “rockinho fraco”.

Sobre a matéria d’A Gazeta, infelizmente não encontramos comentários de internautas, mas a crítica/matéria da Rolling Stone sobre o álbum completo também foi postada no Facebook da revista e gerou comentários entre os quais vamos destacar alguns.

Tudo que é ruim pode piorar

Não sei se Fresno seria uma boa ajuda, mas Scalene é bacana

Capital é repetitivo demais

Já era ruim, agora então.....

Fresno????? A não cara, que bosta hein...Vá a merda Capital Inicial! 😊👍👉

O show deles é um epitáfio. Bom saber que estão criando coisas novas.

Quem é Capital Inicial, mesmo?

Curti muito os ultimos albuns do Capital, agora bora ouvir o q tem de bom no Sonora.

Depender do Fresno!!!! Tamos ferrados

Realmente, curti muito Capital Inicial, mas os caras precisam evoluir musicalmente. Não dá pra ter 50 anos, cantando músicas para adolescentes dos anos 80 e 90, em pleno 2018. Todas as grandes bandas passam por transformações conceituais, U2, 3secstomars, Linkin Park, Rolling Stones... O tempo passa a vida muda, as experiências são outras. O Capital Inicial parou no tempo.

Alguém que curte rock de verdade ainda escuta essa merda?

Um das grandes virtudes do homem é saber envelhecer, infelizmente na minha opinião o Dinho não soube envelhecer, além de soar falso é patético ver um “senhor” achando que ainda tem 18 anos, totalmente desconectado da realidade, não agrada nem os jovens de hoje nem os mais velhos. Os Rolling Stones podiam dar aula sobre viver a própria idade, com identidade e personalidade.

(em resposta direta ao comentário anterior) eu concordo com ele ter estacionado na década de 80 e fazer dos seus shows uma caixinha sem nenhuma surpresa mas, roqueiros não envelhecem e essa é o legal da premissa...envelhecer nesse meio é a antítese do que prega o Rock. Quanto a soar falso, concordo em parte também. O Dinho tinha tudo pra virar um Eddie Vedder brasileiro, mas prefere estacionar em discursos oitentistas.

putz...far from alaska, até é uma banda boa. Agora,o rock depender de fresno e scalene para o rock continuar?! Acho que infelizmente o rock nacional está realmente morrendo!!

Cruzes que lixo!

A primeira constatação é que grande parte dessas pessoas não gosta das bandas que o Capital Inicial recrutou para “rejuvenescer”, muito menos da própria banda de Brasília. Far From Alaska e Scalene até foram poupados por algumas delas, mas o Fresno não foi visto

com bons olhos nesse contexto. São poucos os comentários positivos e temos alguns incômodos. Ainda que a matéria relate a aproximação do Capital com a nova geração sem sobressaltos, a banda é alvo de crítica de um internauta que considera ser necessário a banda evoluir “musicalmente” (aparentemente querendo dizer tematicamente), por exemplo. Ele argumenta: “Não dá pra ter 50 anos, cantando músicas para adolescentes dos anos 80 e 90, em pleno 2018”. O comentário prossegue com a ideia de que todas as grandes bandas passam por transformações conceituais em suas trajetórias, enquanto o grupo brasileiro teria parado no tempo.

Outro internauta, o mesmo que havia comentado sobre o lançamento de “Não me olhe assim”, repetiu sua percepção de que Dinho não soube envelhecer e estaria deslocado vivendo seus 18 anos aos 54. E completa dizendo que ele poderia aprender com os Rolling Stones a viver a própria idade, porque o caminho escolhido “não agrada nem os jovens de hoje nem os mais velhos”. Esse comentário recebeu uma resposta direta de concordância em partes, destacando que os shows da banda não trazem novidades, mas que roqueiros não envelhecem e essa seria justamente a premissa do rock, o que acaba saindo como um elogio. Na sequência o internauta reafirma a percepção do outro de que Dinho soa falso e acrescenta que o cantor perdeu a oportunidade de se tornar o “Eddie Vedder brasileiro”, estacionando em “discursos oitentistas”. Nesse sentido, ele parece estar colocando o vocalista do Pearl Jam como um exemplo de autenticidade e um roqueiro da mesma faixa etária de Dinho antenado no mundo atual, em contraposição à prisão do curitibano em discursos de décadas atrás.

É interessante notar que a imagem de um homem mais velho que insiste em viver como se tivesse 18 persiste para algumas pessoas. O cantor havia sido criticado por jornalistas pelo mesmo motivo em 2007, aos quarenta e poucos anos. Nas matérias que analisamos nesta pesquisa, notamos que a imprensa continuou associando Dinho à juventude (dessa vez não à adolescência), mas por motivos diferentes. Inclusive, fazendo um comparativo de “Sonora” com “Eu nunca disse adeus”, as letras do álbum mais recente remetem muito menos a questões da adolescência pura e simples do que o álbum lançado há mais de 15 anos – apesar dos versos dialogarem também tranquilamente com esse público, além de outras faixas etárias. Apesar dessa característica das composições, a imagem de adolescente tardio parece se dever mais a essa imagem de Dinho que ficou para essas pessoas do que às músicas, que sequer são citadas nesses comentários, dando a entender que os internautas não tiveram contato com elas.

#### 7.4.1 Análise musical - “Tudo vai mudar”

Como dito, “Sonora” foi mais associado à juventude pela participação de músicos de gerações mais jovens do que propriamente pelas letras das músicas. Em geral, as composições do álbum parecem carregar um sentido mais universal, na medida em que são usadas expressões mais gerais ou que podem ser interpretadas de maneiras diferentes dependendo do contexto – o que não ocorre por exemplo com “Tenho dezoito e não sei por onde começar”. A peça escolhida para análise é “Tudo vai mudar”, composição de Alvin L, Dinho e Kiko Zambianchi, a partir de um único vídeo:

- Capital Inicial - Tudo Vai Mudar (Ao Vivo), do canal oficial da banda<sup>111</sup>

Trata-se da segunda música de trabalho do disco, a única que foi executada ao vivo pela banda ao lado de “Não me olhe assim”, primeiro single. Musicalmente, é um rock básico, com destaque para as guitarras na introdução e no refrão e linha de contrabaixo como protagonista nos versos. Vejamos a letra.

Um soneto que parece um remendo  
 Todos falam uma língua que eu não entendo  
 Ando por ruas, avenida e pontes  
 Procuro, mas não encontro os horizontes

(pré-refrão)

Eu paro, eu ando, eu corro  
 Eu discordo sem parar  
 Sempre sigo em frente, mas eu sei que eu vou voltar

(refrão)

É só questão de tempo  
 Só esperar que tudo vai mudar  
 Sempre vai mudar

Sou todo ouvidos por um minuto  
 Eu dou conselhos que nem eu escuto  
 Todo mundo aqui tem algum segredo  
 Que aprendeu a esconder desde muito cedo

Eu paro, eu ando, eu corro  
 Eu discordo sem parar  
 Sempre sigo em frente, mas eu sei que eu vou voltar

É só questão de tempo  
 Só esperar que tudo vai mudar  
 Sempre vai mudar  
 É só questão de tempo  
 Só esperar que tudo vai mudar  
 Sempre vai mudar

Verdades ficam nuas e se cobrem de razão

<sup>111</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=UI8F3nZ1Z9Y>>. Acesso em 1º de dezembro de 2023

Somem no acaso, disfarçados de paixão

É só questão de tempo  
Só esperar que tudo vai mudar  
Sempre vai mudar

Nada vai me parar  
Nada vai me parar  
Eu já cansei de esperar  
Nada vai me parar

Interpretamos essa letra como um exemplo de discurso genérico, que não suscita associações diretas e a partir do qual não podemos nos remeter a uma situação específica. Assim como outras da banda, traz a ideia de alguém perdido, desorientado. O primeiro verso faz menção ao ditado popular “a emenda saiu pior que o soneto”, associando uma forma poética minuciosamente construída, o soneto, a um remendo, o que remete a improvisado ou algo mal-feito, o que poderia ser o eu-lírico olhando para o mundo à sua volta sem compreendê-lo. Essa percepção é reforçada com a afirmação de que ele não entende a língua que todos falam, e que anda pela cidade sem encontrar horizontes, sem ver possibilidades para si próprio. Então anda, corre, para e discorda, sempre seguindo em frente, mesmo sem pontos de referência ou valores firmes em sua conduta. No refrão, os versos afirmam que essa desorientação vai ter fim e que é preciso apenas esperar porque tudo vai mudar.

Enquanto não muda, sugere-se uma desconexão do eu-lírico com a vida real, que ouve os outros por pouco tempo e dá conselhos sem se importar com o que eles dizem ou de ações que ele mesmo não faz. A situação fica mais misteriosa no verso seguinte, que remete aos segredos que toda pessoa teria, sem revelar qual seria o do eu-lírico. Nos últimos versos, não podemos afirmar se as tão aguardadas mudanças aconteceram (aparentemente, não, a julgar pelo verso “Eu já cansei de esperar”), apenas que o eu-lírico está obstinado em seguir em frente, pois nada vai pará-lo. A versão original do disco já se inicia com os versos “Nada vai me parar / Eu já cansei de esperar”, diferente do videoclipe, onde não há canto nessa parte, apenas a introdução instrumental. Julgamos que essa música tem como temática um momento de provação e desorientação que pode ocorrer em qualquer fase da vida, em qualquer idade, inclusive a um adolescente que esteja ouvindo muitas sugestões e ordens a respeito de sua conduta ou que esteja sujeito a forças ou pessoas tentando pará-lo, contê-lo.

O videoclipe trata-se da representação de uma apresentação da música ao vivo, mostrando os músicos no palco e a plateia. A montagem não faz questão de esconder que aquilo não é uma execução da música captada tal qual em uma apresentação real da banda, o que pode ser atestado, por exemplo, por *takes* em que o cantor está usando roupas diferentes,

causando uma descontinuidade no vídeo. A música que ouvimos é a mesma versão do álbum, gravada em estúdio, com poucas modificações – a retirada dos vocais da introdução e alguns momentos em que se escuta alguma vibração sonora da plateia, inserida artificialmente.

A peça audiovisual acaba por sintetizar em poucos minutos elementos de uma apresentação ao vivo da banda, com passagens que dão destaque a cada instrumentista em imagens próximas e alguns *close ups*, por vezes em câmera lenta, e imagens das reações da plateia. Entre os membros da banda, o que ganha mais destaque na montagem é o vocalista, como é comum na maioria dos videoclipes de bandas de *rock*. São privilegiados *takes* de sorrisos de Dinho, momentos em que ele ergue os braços para saudar a plateia, gestos característicos que costuma fazer com a mão livre, enquanto a outra segura o microfone, um detalhe do tênis *Vans* que sempre calça, muito usado por skatistas. É exibida também a movimentação do artista pelo palco, com alguns pulos, um chute no ar e trechos em que ele está curtindo a música, movimentando o corpo no ritmo da batida e quando ele fica ajoelhado próximo ao guitarrista Yves Passarell enquanto o músico faz um solo em seu instrumento. Outros trechos que merecem destaque são de interação de Dinho com público, quando o cantor vira o microfone para a plateia, vibra com o público cantando junto e se aproxima do setor mais próximo ao palco, tocando na mão das pessoas. Por fim, o material acaba por sintetizar também o que é a performance de Dinho no palco. Ainda que outras nuances possam ser constatadas em gravações de shows completos ou experienciando as próprias apresentações ao vivo, a construção que é revelada do líder da banda nesta peça aponta para um dinamismo e vitalidade na performance que também nos diz de representações de uma juventude com certa irreverência da adolescência.

O vídeo postado em 13 de julho de 2018 reúne mais de 850 mil visualizações, 6 mil curtidas e mais de 300 comentários. Um deles, postado pouco tempo depois do lançamento no *YouTube*, fala com indignação sobre os acessos que o material vinha tendo: “Sempre me pergunto, pq uma banda tão boa, com letras de músicas incríveis, tem tão pouca visualização e pouquíssimos likes? DIFÍCIL DE ENTENDER!”. Outros internautas acompanharam esse sentimento e trouxeram suas explicações em 34 respostas ao comentário citado. Ali é possível identificar diferentes gerações, como pessoas que apontam que a “geração de hoje” só gosta de música ruim, o que identificam com gêneros como funk e sertanejo, que a mídia não dá espaço para o Capital Inicial ou que os jovens só seguem “modinhas”. Ao mesmo tempo, internautas afirmam fazerem parte da geração atual, mas concordando que o gosto musical considerado por eles ruim seria um problema de geração. Eles lamentam, mas também se gabam de estarem em uma posição diferenciada, por terem aprendido a gostar da banda de

Brasília e outras do rock nacional com a família. Há comentários também elogiando a produção de Lucas Silveira, que teria melhorado o som do grupo. Em outros videoclipes de músicas do “Sonora”, as parcerias são elogiadas, com falas enaltecendo a junção dos artistas favoritos de algumas pessoas, o que permite corroborar em alguma medida a existência de fãs mais jovens que admiram simultaneamente bandas que representam a geração mais jovem do rock nacional e o Capital Inicial.

Em meio a elogios e críticas, o movimento de rejuvenescer dos veteranos de Brasília com “sangue novo” do rock é reconhecido em alguma medida pelo público. É importante não perder de vista que os comentários no canal do *YouTube* da banda mostram uma visão majoritária de seus fãs, já que em outros ambientes, como a página da revista Rolling Stone no Facebook, a percepção é outra. Ainda que Dinho tenha afirmado à reportagem que o futuro do rock está nas bandas novas, grande parte dos comentários dos fãs sobre as músicas do “Sonora” no *YouTube* vão no sentido de atestar que o rock está vivo justamente com o disco novo do Capital, seja pelas músicas que contam com participações especiais, sejam as que são tocadas exclusivamente pelo grupo. A juventude e vitalidade associadas ao cantor (e, em certa medida, ao conjunto como um todo) parecem ter sofrido poucas mudanças de entre 2007 e 2018.

## 8. Considerações finais

Vivemos uma época em que grandes ícones musicais brasileiros tornam-se velhos, quando mais uma geração chega aos 60. Medalhões da MPB que estão entre nós já adentraram oficialmente na velhice há cerca de vinte anos e agora ultrapassam os oitenta ou estão chegando lá, como Ney Matogrosso e Roberto Carlos (82), Caetano Veloso, Gilberto Gil e Milton Nascimento (81), Chico Buarque (79), Maria Bethânia (77) e Alcione (76). Na casa dos setenta ou perto dela, podemos citar Marina Lima (68), Lulu Santos, Guilherme Arantes e Fábio Jr (70) – esse último já mais ligado ao universo pop romântico. Já grande parte dos músicos das bandas de rock dos anos 80 estão prestes a entrar ou recém-inseridos na categoria “idoso ou idosa”. Os artistas mais consagrados da MPB costumam ser cultuados pela riqueza apontada em suas composições, por serem considerados grandes talentos musicais e/ou vocais, ou, ainda, por terem sido responsáveis por inúmeras músicas de sucesso que são consideradas clássicas, conhecidas por gerações e praticamente foram a trilha sonora da vida de muitos brasileiros. Tais artistas estão no patamar de “lendas vivas” e, em geral, não são muito questionados pela maneira como envelheceram, até mesmo as mulheres. Atentamos que a lógica que rege o sucesso principalmente no universo da MPB parece estar mais ligada à qualidade da voz, da composição, da execução musical, com menor pressão quanto à performance corporal ou beleza física.

Olhando para a geração que esteve em evidência a partir dos anos 80, identificada com a categoria do rock nacional ou *BRock*, os cantores parecem estar envelhecendo de uma maneira natural. Estão todos na mesma faixa etária de Dinho Ouro Preto e, em geral, têm uma exposição controlada de sua vida pública, tendo suas imagens mais atreladas ao trabalho musical.

Humberto Gessinger (ex-Engenheiros do Hawaii), Roberto Frejat (ex-Barão Vermelho), Nando Reis (ex-Titãs), por exemplo, parecem ser exemplos daqueles que “amadureceram” e passaram a fazer uma música mais “adulta”, mais próxima da MPB, fazendo uma aproximação com o raciocínio do próprio Dinho, explorado na já citada matéria do UOL, quando o líder do Capital completou 50 anos. Talvez Paulo Ricardo seja também associado à juventude, numa posição de *sex symbol* na qual Dinho também está, mas não como um adolescente. Pensando na tendência de reduzir esses famosos a poucas características, cada um deles parece ter ficado marcado por um aspecto de seu trabalho: Humberto Gessinger talvez permaneça com a imagem de intelectual, responsável por composições mais sofisticadas, tanto os clássicos que produziu com os Engenheiros do

Hawaii quanto algumas músicas mais recentes; Nando Reis também parece ter ficado marcado como um cantautor notabilizado por produzir diversos *hits* em sua carreira solo, com um estilo muito próprio de composição e com a carreira bastante ativa; Paulo Ricardo foi muito ligado ao rock nos anos 80 com o RPM, mas depois enveredou por uma estilo mais romântico, tendo atuado depois em novelas e como jurado do programa *SuperStar*, posição também já ocupada por Dinho, notabilizando-se pelo estilo galã, mesmo com mais de 60.

Se formos pensar nas mulheres, logo vem à cabeça a única presente no universo das bandas mais populares do rock brasileiro oitentista, Paula Toller. Com quase dois anos de idade a mais que o líder do Capital Inicial, ela completou 61 em 2023 e é frequentemente perguntada como faz para se manter tão jovem – basta digitar “Paula Toller juventude” no Google para encontrar dezenas de matérias que abordam o assunto<sup>112</sup>. Ela chega até a brincar com o tema, respondendo que dorme no formol ou que é uma vampira. É notável também o quanto a cantora é discreta em relação à vida pessoal. Paula é casada há quase 40 anos com o cineasta Lui Farias e tem um filho de 34 anos, mas quase não aparece nas notícias com eles, apenas fotos pontuais no perfil dela no *Instagram*. O filho passou a trabalhar com a mãe dirigindo um videoclipe e fazendo algumas participações vocais.

Esse é um bom parâmetro para pensarmos na diferença de gênero, ressaltando também como a cobrança em relação ao envelhecimento é mais forte para celebridades ou pessoas públicas em relação às anônimas. Homens mais velhos que mantêm certa conexão com a juventude podem performar esse estilo adolescente (por meio de símbolos, acessórios, roupas, linguagem) como uma forma de masculinidade, ao passo que o mesmo parece não encontrar correspondente nas mulheres. Aparentemente, na sociedade ocidental, a valorização da mulher mais velha como jovial se dá não através da imagem de imaturidade adolescente, mas pela associação ao cuidado com a aparência, visto como uma espécie de habilidade especial, e por se manter sensual e sexualmente atraente, conjugando a imagem de mulher mentalmente madura com a aparência jovem.

Em um comparativo com a categoria das cantoras *pop*, como destaca Lins (2017), elas têm o corpo como fator fundamental para o sucesso em suas carreiras, iniciadas quando ainda são muito jovens. Lieb propôs uma caracterização das etapas da carreira de uma *popstar*.

(...) logo no início, o modelo de “boa moça” (*good girl*) é o mais aplicado, inclusive por causa da pouca idade em que normalmente se dá a entrada no pop – na infância ou adolescência, em grande parte das vezes. A fase seguinte é a da “mulher sedutora” (*temptress*), na qual o corpo e a sensualidade da artista são rentabilizados ao máximo, já

---

<sup>112</sup> A maioria trazendo títulos com a expressão “Paula Toller entrega segredos da juventude” ou algo do tipo, mas também o chamativo “Paula Toller quase foi barrada em aeroporto por não acreditarem na idade do passaporte”, do Diário Gaúcho.

que muitas não terão a chance de seguir adiante para o próximo estágio. As que conseguem, porém, precisam escolher entre seis caminhos possíveis, de acordo com Lieb (2013, p. 89): rebelar-se contra sua imagem e estilo iniciais, mudando o foco (*change of focus*), como Miley Cyrus; refinar o visual e a voz (diva), como Beyoncé; continuar apostando nos atributos físicos como seu maior trunfo, “prostituta” (*whore*), como Jennifer Lopez; tentar vender-se como alguém incomum em virtude da etnia, das influências ou do comportamento, exótica (*exotic*), como M.I.A.; provocar o público com comportamento contra-hegemônico (*provocateur*), como Rihanna; ou partir para a autodestruição pública (*hot mess*), como Amy Winehouse. (LINS, 2017, p. 52 e 53)

À medida que envelhecem, as mulheres são muito mais cobradas do que os homens. Caso analisado por Lins (2023) vindo do cinema é o da atriz Carrie Fisher (1956-2016). Em 2015, chamada para reviver a Princesa Leia em um filme da série Star Wars, décadas após interpretar a personagem nos anos 70 e 80, ela teve exigência contratual de perda de peso com uma dieta rigorosa aos 59 anos. O mesmo não aconteceu com os colegas que também reviveriam personagens antigos: Mark Hamill, 64, e Harrison Ford, 73. Após o lançamento do filme, Fisher recebeu duras críticas do público relacionadas a seu envelhecimento, às quais a atriz respondeu no antigo *Twitter* pedindo para pararem de debater se ela tinha envelhecido bem ou não. Seu posicionamento ainda foi retrucado na coluna do jornalista Kyle Smith, no *New York Post*, com o título “Se Carrie Fisher não quer ser julgada pela aparência, ela deveria parar de atuar” (em tradução livre)<sup>113</sup>. A própria Madonna, vítima de manifestações de etarismo recentes<sup>114</sup> começou a ser questionada em relação à idade já aos 35<sup>115</sup>.

Ainda no universo pop, mas na vertente roqueira, citamos o caso da canadense Avril Lavigne, que fez sucesso com seu primeiro álbum, “Let Go”, em 2002, com dezessete para dezoito anos. “Complicated” e “Sk8er Boi” estão entre as músicas que estouraram. Ainda no auge da MTV e com público majoritariamente adolescente, é dessa maneira que a cantora se apresentava. Além da temática das letras relacionadas ao público *teen*, usava roupas no estilo skatista, com rosto de adolescente, calças largas e acessórios como gravata, cintos despojados

113

Disponível

em

<<https://nypost.com/2015/12/30/if-carrie-fisher-doesnt-like-being-judged-on-looks-she-should-quit-acting>>. Acesso em 6 de janeiro de 2024.

<sup>114</sup> Uma delas ao postar uma selfie diante do espelho com o corpo seminua aos 62 anos, conforme relatado em coluna assinada por Adri Coelho Silva para o site da Vogue. “Estamos em 2020, o body positive é um movimento essencial e com grandes vitórias e libertações. Assim, os padrões de beleza são até constrangedores. Constrangimento. Foi isso que eu senti por cada um dos autores de ofensas à Madonna no *Instagram* e no *Twitter*. “Aposente-se!”, “Vista uma roupa, vovó”, “Você está louca” foram os comentários mais queridos entre os haters do Twitter. No Instagram as ofensas foram mais leves, mas ainda assim odiosas”. Disponível em <<https://vogue.globo.com/semidade/Viva-a-Coroa/noticia/2020/07/madonna-biscoito-e-body-positive.html>>. Acesso em 6 de janeiro de 2024.

<sup>115</sup> Em 1993, sob o título de “Calm down, granma” (Calma, vovozinha!, em português). Uma matéria da revista britânica *Smash hits*, assinada por Pete Stanton, questionava se Madonna, então aos 35 anos, ainda conseguiria “chocar” o público com a teatralização da sexualidade na turnê “The girlie show” (1993). Disponível em: <<https://themmagazineblog.files.wordpress.com/2020/06/smash-hits-1993-uk-copy.jpg?w=1024>>. Acesso em 6 de janeiro de 2024.

e munhequeiras. Mas o estilo “moleca” não chegou a prevalecer por muito tempo, sofrendo alterações antes mesmo dela chegar aos trinta. O assunto foi abordado de maneira natural em matéria publicada no Universa UOL, na categoria “moda”, em 2014, com o significativo título “Mais madura, Avril Lavigne ensina a ser roqueira sem parecer adolescente”<sup>116</sup>.

“Meu estilo atual é uma versão crescida de mim”, contou a cantora em entrevista ao UOL. “Eu geralmente me visto de forma roqueira e casual, mas me divirto mais agora, uso salto e fico mais ‘glam rock’. Em alguns eventos com tapete vermelho gosto de colocar vestido”.

Para Avril, é possível fugir da “cara adolescente” e ser uma roqueira madura e com elegância: “é só deixar o look um pouco mais sexy, com calças justas, couro preto e salto alto”. O rosa, que foi muito presente em seu guarda-roupa em 2006, está de volta em seu visual. “Estou numa fase rosa, quer dizer, rosa e azul”, brinca. (GUGLIELMETTI, 29/04/2014, Universa UOL)

A matéria traz logo no início a comparação de fotos da cantora no início dos anos 2000 e mais próximas do momento da publicação, já perto de completar 30 anos, com a legenda “No início da carreira, Avril Lavigne tinha estilo skatista e ‘moleca’, com o passar dos anos manteve a veia roqueira, mas com elegância”. Eis as imagens:



O texto faz um evidente movimento de reconhecer e valorizar a reconfiguração da imagem de Lavigne que havia surgido como fenômeno *teen* mais de dez anos antes, afastando o ser roqueira do ser adolescente, mostrando que ela “cresceu”, associando sua imagem à elegância e sensualidade. Assim, o que é visto positivamente é a continuidade da aparência física jovial, mas com um viés, mais madura e *sexy* (“calças justas, couro preto e salto alto”),

<sup>116</sup> *Mais madura, Avril Lavigne ensina a ser roqueira sem parecer adolescente*. De Julia Guglielmetti para o Universa UOL. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2014/04/29/mais-madura-avril-lavigne-ensina-a-ser-roqueira-sem-parecer-adolescente.htm>>. Acesso em 17 de janeiro de 2024.

substituindo a “imaturidade” da skatista de outrora. O estilo da canadense ainda passou por outras reconfigurações ao longo dos anos, lembrando que, em 2024, ela completará 40 anos.

Voltando ao fenômeno de nossa pesquisa, o papel de “adolescente mais velho do Brasil” parece ter sobrado para Dinho. Assim como seus colegas de geração, Dinho acabou marcado por uma imagem predominante, não a de compositor exímio, mas como o maior (ou um dos maiores) representante(s) das bandas dos anos 80, uma vez que trata-se do líder daquela que mais renovou seu público e continuou lançando material inédito ao longo das últimas décadas. Ao analisarmos mais detidamente a figura de Dinho, destacamos algumas das principais imagens que são atreladas ao cantor. Apesar de expor pouco sua vida pessoal e ter um discurso crítico em relação a isso – defendendo que o mundo ficou sem limites em relação à intimidade de celebridades – talvez ele seja um dos que mais se exponha entre aqueles do *rock* nacional, pagando um preço por isso. Assim, o líder do Capital é principalmente reconhecido por ser um roqueiro, representante do estilo (a “cara” de sua banda) e emplacar diversos *hits* recentes, notabilizando-se também pela jovialidade e juventude que aparenta. Podemos lembrar associações importantes em relação a suas opiniões políticas, ao seu papel como marido e pai de duas filhas e um filho, sua participação como jurado do *SuperStar*. Não podemos esquecer também do estilo de vida *fitness*, sempre valorizando a atividade física, a corrida, a higiene do sono e a alimentação, aspectos que também se relacionam com sua performance de juventude.

O cantor se vê favorecido no aspecto social por todos os ângulos: homem, branco, hétero, cis, rico. O que poderia contrariar os aspectos positivos é a questão de estar se tornando (oficialmente) idoso, o que, no entanto, é contrabalanceado pelo fato de não ser lido majoritariamente dessa maneira. De acordo com Moratelli (2022), “O que constitui o sujeito masculino é o seu desempenho influenciado pela masculinidade tradicional aceita pelos seus pares, sendo regulado por ideais de virilidade, poder e força compartilhados entre si” (MORATELLI, 2022, p. 86). Enquanto sua masculinidade não for colocada em xeque de acordo com esses ideais, sua imagem de adolescente tende a ser vista mais de maneira positiva do que negativa. No caso analisado de uma *selfie* do cantor que recebeu uma enxurrada de comentários comparando-o a uma “tia” e “professora”, as críticas chamaram a atenção para a mudança do cabelo que o envelhecia e o associava a uma mulher, acentuando dois aspectos considerados negativos.

A fama de jovem ou adolescente parece não incomodar o cantor, que costuma abordar o tema com leveza, como em alguns vídeos de seu canal no *YouTube* em que responde comentários de internautas como “O Dinho finalmente envelheceu um pouco... Ele

finalmente está com 22 anos” ou “Este maluco não fica velho” com bom humor e sempre aproveitando para lembrar como parou de fumar e usar drogas. Mas quando confrontado com a expressão “Síndrome de Peter Pan”, o músico costuma apresentar um incômodo. Pudemos identificar uma reação negativa em pelo menos três ocasiões: em uma participação do cantor no programa “Lobotomia”, apresentado por Lobão na MTV, em 2010 e em duas entrevistas para o portal UOL – “Nunca senti necessidade de ser ‘adulto’, diz Dinho Ouro Preto, aos 50 anos” e “O último roqueiro”. Esta última, inclusive, apresentada como reportagem especial, começa destacando o contraste entre a idade cronológica do artista e sua jovialidade, expressa na descrição de suas roupas e cabelo.

Aos 53 anos, Dinho Ouro Preto tomou uma decisão: deixar o cabelo crescer como fez aos 16. “Tem que ter o maior cuidado”, desabafa, mexendo nos fios. “Não sei se vou ter paciência”.

Com os dedos adornados de anéis, piercing discreto do nariz, camisa xadrez e tênis de skatista, Dinho contrasta com a decoração clássica de sua espaçosa casa em um bairro nobre de São Paulo. (PACHECO, DIAS; 29/11/17; UOL)

O texto segue relatando que até a empolgação juvenil do cantor se vai quando a expressão é mencionada.

Sua empolgação também é tipicamente juvenil e só ameaça ficar grave quando comenta sobre o que chamam de “síndrome de Peter Pan”. “Não é nada disso, velho”, ele rebate. Eu continuo fiel, ouvindo as mesmas coisas que eu ouvia quando tinha 15 anos. As pessoas vão falar: ‘Estagnado’. Lá fora, quem faz rock continua a fazer até morrer. Queria ver o Tony Iommi (guitarrista do Black Sabbath) dizer: ‘Opa, acho que agora vou fazer bossa nova, estou me sentindo meio velho’. (PACHECO, DIAS; 29/11/17; UOL)

O vocalista demonstra se sentir afetado por encarar a “Síndrome de Peter Pan” como um adjetivo depreciativo, que desvaloriza seu gosto e dedicação pelo *rock*. Fato é que essa descrição realmente o persegue e ele tenta afastá-la quando tem a oportunidade. Recentemente, o próprio Dinho tem feito, em alguns shows, uma referência a ele mesmo e ao Capital Inicial como “Benjamin Button”, por estarem (metaforicamente) cada vez mais jovens. A mesma referência foi feita por Rafael Bittencourt, guitarrista do Angra e apresentador do podcast Amplifica, quando o líder do Capital participou da atração<sup>117</sup>. Bittencourt introduziu seu convidado como o “nosso Benjamin Button do rock brasileiro”, uma curiosa imagem que, mais do que se associar ao homem que não envelhece e se mantém jovem, vai além, remetendo à figura do homem que rejuvenesce à medida que o tempo passa. Tomando a expressão à risca, levando em consideração o que acontece ao personagem do filme, a comparação poderia ser mais depreciativa do que a Síndrome de Peter Pan, uma vez

<sup>117</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=Y\\_Ir9BIwNMA](https://www.youtube.com/watch?v=Y_Ir9BIwNMA)>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

que, na narrativa, Button nasce idoso e fica cada vez mais jovem até tornar-se criança e morrer como um bebê recém-nascido, invertendo cronologicamente as fases da vida.

Por fim, já exploramos por meio de diferentes autores a oposição entre juventude e velhice, que pode ser observada na prática na imagem de Dinho. A partir de uma dinâmica de oposição de estereótipos, o cantor só pode ser exaltado por ser jovem uma vez que é negado seu envelhecimento. Nesse sentido, em sua trajetória ele vence a decadência associada ao avanço da idade pela adoção de vida saudável, com uma atitude empreendedora de si mesmo, vinda também do universo esportivo, como nos lembra Ehrenberg. O culto da performance prega não apenas admirar os atletas, mas agir como os esportistas, atingindo os melhores resultados com os recursos que se têm. Engajar-se na atividade esportiva, tão cultuada hoje em nome do envelhecimento saudável ou do processo de retardar o envelhecimento, também envolve superar os próprios limites. Não se trata exatamente da concepção do esporte da antiguidade grega, na qual só importava o que fosse o primeiro, o melhor, mas de um desafio que cada um lança a si mesmo. Ehrenberg relembra como Jean Baudrillard associou esse ideal à maratona de Nova York, que o autor considerou uma performance fetichista. Nela, “o essencial seria ter feito coisas, ter vencido sua própria performance. Vitória no vazio, sem dúvida, mas vitória vivida em nome de si mesmo sobre si mesmo” (EHRENBERG, 2010, p. 33). A dedicação à academia e ao atletismo de Dinho Ouro Preto são exaltadas por ele, por seus seguidores e veículos de mídia como um aspecto fundamental para a elevar a qualidade de vida, compensar o abuso de drogas e “vencer” a velhice tanto quanto for possível. Coincidentemente, o cantor também já revelou ter como objetivo nos próximos anos correr a maratona de Nova York<sup>118</sup>, vista como o auge da superação para atletas amadores – e como auge do fetichismo, na visão de Baudrillard.

Quando formulamos nosso problema de pesquisa – *Como são construídas as imagens e representações do cantor Dinho Ouro Preto no que se refere ao aspecto da jovialidade* – já estávamos assumindo que existiam imagens e representações de jovialidade associadas ao nosso fenômeno e buscamos demonstrar como são construídas. Dessa maneira, observamos que a aparente jovialidade do artista desperta comentários e inquietações, sendo bastante elogiada, principalmente pelos fãs, e criticada por parte do público que não é necessariamente fã da banda e por críticos musicais. Como já destacamos, o envelhecimento do cantor é enquadrado e visto de forma diferente do que se dá em relação a outros cantores e cantoras de

---

<sup>118</sup> *A rotina fitness de Dinho Ouro Preto, que vislumbra correr uma maratona em Nova York.* De Bárbara Moura, para o GQ, portal GQ apresentado como guia de moda masculina, cultura e lifestyle do grupo Globo. Disponível em <<https://gq.globo.com/fitness/noticia/2023/09/dinho-ouro-preto-treino.ghtml>>. Acesso em 6 de janeiro de 2024.

sua geração e de gerações anteriores (artistas ligados ao *rock* e também filiados a outros estilos musicais). Fica evidente que esse aspecto da juventude é algo buscado e fomentado pelo cantor, que investe nisso, pelo próprio uso que faz do *Instagram*. Há um movimento de estilo de vida jovial que pode ser apreendido ali. Outro aspecto importante é o cantor manter-se relevante, trazendo novidade para o público, contrapondo-se a uma ideia de estagnação ou fim de carreira. O público de sua banda espera por lançamentos novos e que os músicos continuem fazendo shows.

Considerando que o artista está envelhecendo de uma maneira interpretada como positiva, sem aparentar a idade e sem grandes intervenções estéticas aparentes (talvez apenas o cabelo pintado), por que outros insistem em criticá-lo? Evidencia-se, nas críticas, a ideia de que Dinho estaria muito “velho”, em termos de idade cronológica, para interpretar esse personagem, não conseguindo “enganar” todo mundo. Soma-se a isso a contradição que envolve um homem responsável, que tanto valoriza a saúde e a família, cantando uma juventude hedonista, como em “Natasha”, e rebelde, como em “A vida é minha (Eu faço o que eu quiser)”, produzindo uma dupla fraude: não é novo como quer aparentar ser; não leva a vida que elogia em suas canções.

Os elogios, por outro lado, vêm na contramão das críticas: ele não é saudado pela representação de uma maturidade atraente, como é o caso de outros famosos, principalmente atores, mas justamente por aparentar ser muito mais novo aos 59 anos. Eles revelam a supervalorização que a sociedade faz da juventude, sendo o cantor do Capital Inicial visto como um modelo de pessoa sem idade (*ageless*), invejado por muitos, contribuindo para a depreciação do envelhecimento associado às rugas, cabelos brancos e perda de potência do corpo.

As críticas e elogios revelam uma contradição no discurso e nos valores ligados à juventude e envelhecimento. O etarismo se mostra como uma busca pelo controle do que seria um envelhecimento aceitável, afirmando que envelhecer ou não envelhecer é uma decisão do sujeito. Ao mesmo tempo, cobram (censuram) a jovialidade de um indivíduo que aparenta (ou busca aparentar) ser mais jovem do que é.

Essa contradição se revela primeiro na figura do próprio Dinho que, nas letras das músicas, louva um ideal de vida que ele já não segue, mas é basicamente um lema de seu estilo musical – *sexo, drogas e rock ad roll*. Mas ela está também na sociedade, revelando a complexidade do preconceito. Por um lado, o etarismo massacra os idosos e idosas enrugados, frágeis e de cabelos brancos – o que afeta uma celebridade como Dinho quando ele “deixa escapar” algum traço de seu envelhecimento e recebe uma enxurrada de críticas. Por outro, o

cantor do Capital Inicial adequa-se à norma de “saber envelhecer” por méritos próprios, na perspectiva neoliberal do empreendedor de si mesmo, e isso irrita uma parcela da sociedade, o que sinaliza que “não assumir” a idade também não é bem-visto. São duas normas que se chocam, de modo que não parece haver escapatória. O que se prega é o não envelhecer, mas quem faz isso, ainda que seja invejado, é cobrado.

Por fim, ressaltamos que, mais do que sua vida exposta nas mídias sociais e matérias jornalísticas “como se fosse performance” (Schechner, 2003), também é preciso atentar para a juventude performada por Dinho Ouro Preto em cima do palco. Enquanto *frontman*, ele atua não como um “senhor de 60 anos”, sentado e compenetrado, mas exibindo empolgação juvenil, se movimentando pelo espaço, pulando e sorrindo. Por vezes, a entrega até causa alguns atropelos nos quais ele perde o ritmo da música ou erra a letra, mas isso não chega a comprometer as apresentações, que são frequentemente elogiadas por fãs e jornalistas justamente pela energia e carisma do cantor. Enquanto os críticos manifestam certa intolerância por ele, no palco, performar algo que já não é mais: jovem.

### **8.1 Performando juventude ao vivo**

No dia 18 de novembro de 2023, fui brindado com a oportunidade de ir a um show do Capital Inicial, em um momento em que esta pesquisa já se encontrava bastante adiantada. Calculo ter ido a cinco apresentações da banda na vida, a penúltima em julho de 2022, no festival Prime Rock BH, na Esplanada do Mineirão, com o mestrado em fase inicial, e a última em novembro, no Expominas, no bairro Gameleira, em Belo Horizonte. Deixando de lado a acústica do lugar, que é péssima para shows, motivo de reclamação frequente por parte do público, e o receio que eu e o grupo que foi comigo estávamos de assar lá dentro, pois BH estava naqueles dias de calor acima do normal, foi um show de muita qualidade para um fã como eu.

O conjunto segue afinado e Dinho faz bem o papel de cantor e *entertainer*, interagindo com a plateia durante as músicas e nos intervalos entre elas. É perceptível que seu alcance vocal não é o mesmo de anos atrás, mas ele adaptou bem as melodias para manter-se cantando em bom nível. Para além das questões musicais, é importante citar que é perceptível no público a presença de várias gerações, desde os que devem acompanhar a banda a partir dos anos 1980 e 1990 até jovens adultos, que pareciam ser a maior parte. Evidentemente, a experiência de um show é muito subjetiva e a descrição que faço dela é naturalmente limitada, então falo a partir do que vi, ouvi e do lugar em que me situava na pista, um tanto longe do palco.

Assim, do que esteve a meu alcance, percebi que grande parte do público mais jovem não cantava todas as músicas, sobretudo as mais antigas. Quando se tratava dos grandes clássicos pós-2000 (que não me parece ter faltado nenhum – “Natasha”, “Primeiros Erros”, “À Sua Maneira” e tantos outros fizeram parte do repertório), no entanto, todos cantavam juntos, sem distinção. De tudo isso, destaco um ponto quase anedótico relacionado ao tema central deste trabalho.

Da distância em que eu estava do palco e vendo também as imagens dos dois telões instalados, eu diria que Dinho performava o cantor jovem que sempre performou, animado, pulando, ainda que ele tenha adotado uma estratégia de dosagem de movimentos durante as apresentações já há uns bons anos – principalmente depois da queda do palco em Patos de Minas em 2009, que o deixou de molho por meses. Em determinado momento, num intervalo entre canções, enquanto o artista conversava com a plateia, ele fez referência ao filme “O curioso caso de Benjamin Button”, dizendo que a banda era como o protagonista do filme, quanto mais o tempo passa, mais jovem fica. E completou acrescentando que a próxima vez que o Capital voltasse a BH, eles estariam com dezenove anos. A plateia respondeu gritando animada. A comparação já foi citada anteriormente nesta pesquisa, mas é válida a retomada, pois foi marcante por ter visto Dinho Ouro Preto falar aquilo ao vivo. Simbolicamente, o vocalista parece ter falado a frase para mim, como se soubesse da realização deste estudo, e fiquei imaginando no que os críticos do álbum “Eu nunca disse adeus” pensariam de tal declaração.

Considerando a referência ao filme protagonizado por Brad Pitt como parte da performance de Dinho no palco (coisa que ele fez não só no show em BH, mas pelo menos em mais um no Rio de Janeiro<sup>119</sup>) e nas funções da performance, identifico ali quatro delas: entreter, intrínseca a toda performance artística; marcar uma identidade, a do “jovem eterno”; estimular uma comunidade: a seguir acompanhando a banda, que seguirá, segundo ele, com cada vez mais energia; e convencer – nos convencer, o público, pelo menos durante aquela uma hora e meia de show, de que ele é de fato como Benjamin Button.

---

<sup>119</sup> “Dinho Ouro Preto mantém sua energia e sagacidade como nos anos 1980. O próprio músico mencionou no show o filme “O caso de Benjamin Button”, que narra a história de um homem idoso que, aos poucos, vai se tornando mais jovem. Quem assistiu ao show no Rio de Janeiro, na casa de espetáculos Qualistage, percebeu que Dinho continua com muita energia e entrega, interagiu com o público e não parou por um segundo.” *Capital Inicial celebra 40 anos de carreira com um show eletrizante no Rio de Janeiro*, de Daniela Barros para o site Live Sessions. Disponível em: <<https://livesessions.liveimages.com.br/capital-inicial-celebra-40-anos-de-carreira-com-um-show-eletrizante-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 19 de dezembro de 2023.

## 9. Referências

### 9.1 Referências bibliográficas

- ALEXANDRE, Ricardo. *Dias de Luta: o rock e o Brasil dos anos 80*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2002.
- ANDRES, R. R. *A razão dos centavos: Crise urbana, vida democrática e as revoltas de 2013*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- BATESON, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, B., GARCEZ, P. (Org.). *Sociolingüística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.
- CASTRO, Gisela G.S. Etarismo e promoção do ageless na publicidade contemporânea. In: XXXI Encontro Anual da Compós, 2022, Imperatriz. *Compós 2022 - XXXI COMPÓS: Imperatriz/MA*. Brasília: Compós, 2022.
- DAPIEVE, Arthur. *BRock: o rock brasileiro dos anos 80*, 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1996.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 5/6, n. 24, p. 40-52, 2003.
- DEWEY, J. Ter uma experiência. In: \_\_\_\_\_. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.p. 109-141
- ELIAS, N. *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: Da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.
- FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma analítica da midiatização. *MATRIZES*, São Paulo, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.
- FRANÇA, Vera Veiga. Celebidades: identificação, idealização ou consumo? In: FRANÇA, Vera; FILHO, João Freire; LANA, Lígia; Simões, Paula (Org.). *Celebidades no Século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014.
- FRANÇA, Vera Veiga; BERNARDES, Mayra. Imagens, crenças e verdade nas manifestações de 2013 e 2015. *Rumores (USP)*, v. 10, p. 8, 2016.
- FRANÇA, Vera Veiga.; LOPES, S. C. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. *MATRIZES (ONLINE)*, v. 11, p. 71-87, 2017.
- FRANÇA, Vera Veiga; SILVA, T. ; VAZ, G. Frances F. . Enquadramento. In: Vera Veiga França; Bruno Guimarães Martins; André Melo Mendes. (Org.). *Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação*. 1ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2014, v. 1, p. 10-258.

FRANÇA, Vera Veiga; SIMÕES, P. G. Celebidades como ponto de ancoragem na sociedade midiaticizada. *Revista FAMECOS* (Online), v. 21, p. 1062-1081, 2014.

FRANÇA, Vera Veiga. O crime e o acontecimento midiático. In: VI SOPCOM - Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2009, Lisboa. Anais do VI SOPCOM, VIII LUSOCOM. Lisboa: SOPCOM - Universidade Lusófona de Lisboa, 2009. v. 1. p. 1-18.

FRANÇA, Vera Veiga. Representações, mediações e práticas comunicativas. In: PEREIRA, M.; GOMES, R.C.; FIGUEIREDO, V.F.. (Org.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. 1 ed. Rio de Janeiro; Aparecida: Editora PUC-Rio; Editora Idéias&Letras, 2004, v. 1, p. 13-26.

FREIRE FILHO, João. Poder de compra: pós-feminismo e consumismo nas páginas da revista Capricho. In: Ana Sílvia Lopes Davi; Denize Correa Araujo; Fernanda Bruno. (Org.). *Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Livro da XV COMPÓS. Porto Alegre: Sulina, 2007, v. , p. 113-140.

GOFFMAN, E. *Os quadros da experiência social*. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. Footing. In: RIBEIRO, B., GARCEZ, P. (Org.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Loyola, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre a preservação da fachada. Uma análise dos elementos rituais na interação social. In: \_\_\_\_\_. *Ritual de interação*. Ensaios sobre o comportamento face a face. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

GOLDENBERG, M. *A invenção de uma bela velhice*. 1. ed. Rio de Janeiro - RJ: Record, 2021. v. 1. 160p.

GOMES, W. A Política de Imagem. In: \_\_\_\_\_. *Transformações da política na era da comunicação de massa*. São Paulo: Paulus, 2004.

HALL, S. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HANGAI, L. A. A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação. *Ação Midiática - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura*, v. 2, p. 1-6, 2012.

KILEY, D. *Síndrome de Peter Pan*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

LIMA FILHO, Irapuan P. “EM TUDO QUE EU FAÇO, EU PROCURO SER MUITO ROCK AND ROLL”: Rock, estilo de vida e rebeldia em Fortaleza. 2010, 340f, Tese (Doutorado em Sociologia) — Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

LINS, M. A estetização da política na performance de Madonna. 2017. 118f, Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

LINS, M. O envelhecimento feminino como incômodo na música pop. 2023, 163f, Tese (Doutorado em Comunicação) — Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

LIPPMANN, W. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles S. (Org.) *Meios de comunicação de massa*, 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

MENDONÇA, Ricardo F; SIMÕES, Paula G. Enquadramento: Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. RBCS, v. 27, n.79, p.117-235, jun.2012.

MORATELLI, Valmir. *Dois Antônio, várias velhices*: representações sociais da masculinidade no audiovisual. 2022, 218f, Tese (Doutorado) — Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

PIMENTEL, T. ; QUEIROZ, T. . O rock não rola? Repensando o rock brasileiro dos anos 80 e suas reverberações a partir de uma perspectiva decolonial. In: ALBERTO, Thiago Pereira; PILZ, Jonas; JANOTTI JR., Jeder.. (Org.). *O rock errou?*. 1 ed. Belo Horizonte: Selo Editorial PPGCOM/UFMG, 2022, v. 1, p. 73-90.

QUÉRÉ. L. O caráter impessoal da experiência. In: LEAL, Bruno S.; GUIMARÃES, César G.; MENDONÇA, Carlos M. C. (Orgs.) *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 19-38.

SCHECHNER, Richard. *O que é performance?* Trad. Dandara. Rio de Janeiro. Revista de teatro: O Percevejo, UNIRIO, Ano 11, nº 12, 2003.

SIMÕES, P. G. A potencialidade do conceito de acontecimento para a análise da imagem pública das celebridades. *Revista Líbero* (Online), v. 14, n. 28, p. 129-140, dez. de 2011.

SIMÕES, P. G. *O acontecimento Ronaldo*: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo. 2012, 282f, Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SOUTO, M. *Figurações em crise*: Juventudes de classe média no cinema brasileiro contemporâneo. 2011, 205f, Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

WINKIN, Yves. Um colégio invisível. In: \_\_\_\_\_. *A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 35-105.

## 9.2 Matérias jornalísticas

ANTUNES, Pedro. *Capital Inicial 'rejuvenesce' com o apoio de Scalene, Far From Alaska e Fresno em novo disco*. Rolling Stone, 13 dez. 2018. Disponível em <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/capital-inicial-rejuvenesce-com-o-apoio-de-scalene-far-alaska-e-fresno-em-novo-disco/?fbclid=IwAR3htUEY8-6Sj5h5gFWAz9xgxvFobGHLhbMEOtJGyInbjTz1PGErgh5ZG2k>>. Acesso em 1 de dezembro de 2023.

BARROS, Daniela. *Capital Inicial celebra 40 anos de carreira com um show eletrizante no Rio de Janeiro*. Live Sessions. 13 nov. 2023. Disponível em: <<https://livesessions.liveimages.com.br/capital-inicial-celebra-40-anos-de-carreira-com-um-show-eletrizante-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 19 de dezembro de 2023.

FLÁVIO JÚNIOR, José. *Os Sobreviventes*. Rolling Stone, 20 fev. 2017. Disponível em <<https://rollingstone.uol.com.br/artigo/capital-inicial-capa-os-sobreviventes-dinho-ouro-preto>>. Acesso em 5 de setembro de 2023.

GIRARDI, Juliana. *Confusões de adolescente*. A Gazeta do Povo, 28 mar. 2007. Disponível em <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/confusoes-de-adolescente-af62x5o3gaof1ox841d815t1q/>>. Acesso em 14 de novembro de 2023.

ORTEGA, Rodrigo. *Síndrome de Peter Pan*. Pílula Pop, 28 mar. 2007. Disponível em <<http://www.pilulapop.com.br/retro/receituario.php?id=556>>. Acesso em 5 de setembro de 2023.

PACHECO, Paulo; DIAS, Tiago. *O último roqueiro*. UOL, 29 nov. 2017. Disponível em <<https://www.uol/entretenimento/especiais/dinho-ouro-preto.htm#o-ultimo-roqueiro>>. Acesso em 11 de outubro de 2023.

RODRIGUES, Leonardo. *Nunca senti necessidade de ser "adulto", diz Dinho Ouro Preto, aos 50 anos*. UOL, 27 abr. 2014. Disponível em <<https://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/27/nunca-senti-necessidade-de-ser-adulto-diz-dinho-ouro-preto-aos-50-anos.htm>>. Acesso em 20 de junho de 2021.

SUZUKI, Shin Oliva. *Em novo disco, quarentões do Capital Inicial seguem falando a língua da garotada*. G1, 29 mar. 2007. Disponível em <<https://g1.globo.com/Noticias/Musica/0,,MUL15219-7085,00-EM+NOVO+DISCO+QUARENTOES+DO+CAPITAL+INICIAL+SEGUEM+FALANDO+A+LINGUA+DA+GARO.htm>>. Acesso em 14 de novembro de 2023.

*Capital Inicial se une a juventude do rock em seu novo álbum*. A Gazeta, 10 dez. 2018. Disponível em <<https://www.agazeta.com.br/entretenimento/cultura/capital-inicial-se-une-a-juventude-do-rock-em-seu-novo-album-1218>>. Acesso em 1º de dezembro de 2023.

*Capital Inicial* retorna com single inédito; ouça 'Não Me Olhe Assim'. Rolling Stone, 25 maio 2018. Disponível em <<https://rollingstone.uol.com.br/noticia/capital-inicial-retorna-com-single-inedito-ouca-nao-m-e-olhe-assim>>. Acesso em 1º de dezembro de 2023.